

FACULDADE NOVOS HORIZONTES

**Programa de Pós-Graduação em Administração
Mestrado**

**DEPENDÊNCIA DE INTERNET: um estudo com estudantes e
profissionais da área de TI em Belo Horizonte**

Isabel Cristina Torres Pedrosa Dal Cin

**Belo Horizonte
2013**

Isabel Cristina Torres Pedrosa Dal Cin

DEPENDÊNCIA DE INTERNET: um estudo com estudantes e profissionais da área de TI em Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Administração.

Orientadora: Prof^ª Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo

Área de concentração: Organização e estratégia.

Linha de pesquisa: Tecnologias de Gestão e Competitividade.

**Belo Horizonte
2013**

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

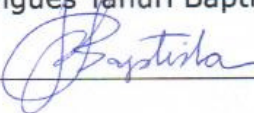
Declaro ter procedido à revisão na Dissertação de Mestrado, área de concentração: Organização e estratégia, de autoria de **Isabel Cristina Torres Pedrosa Dal Cin**, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Administração da Faculdade Novos Horizontes, intitulada: **"DEPENDÊNCIA DE INTERNET: um estudo com estudantes e profissionais da área de TI em Belo Horizonte"**, contendo _____ páginas.

Dados da revisão:

- Ortográfica
- Redação

Belo Horizonte, 24 de janeiro de 2013.

Prof.(a): Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista

Assinatura: _____ 

Dedico a todos os internautas

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por mais essa oportunidade, por me dar forças, me guiar nesta caminhada e me ajudar em mais uma realização.

Ao meu querido marido, que compartilhou esta conquista e me apoiou incondicionalmente me acompanhando e estimulando. Aos meus pais, que sempre me intuíram a buscar uma formação, pelo exemplo de vida e superação e por estarem presentes junto com pessoas queridas acompanhando os momentos importantes da minha vida.

A minha irmã, pelo apoio e pela descontração, aos avós, pelo exemplo e por suas palavras sábias que levo como ensinamento, aos tios, primos e a minha segunda família, pelo incentivo e carinho. Aos meus amigos de longa data e aos amigos que fiz no mestrado, que foram, acima de tudo, solidários e companheiros, me ajudando a superar os momentos difíceis.

A minha orientadora Prof^a Dr^a Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo, pela paciência e orientação, por compartilhar sua sabedoria e acreditar em mim.

Aos amigos, tutores, professores e colegas da FNH que acompanharam e torceram por mim. A Prof^a Dr^a Patrícia Tanuri, por sua paciência e competência.

À Faculdade, por me apoiar e também por ter participado do projeto de inclusão digital escolar, resultado da parceria da Cemig, Fitec, Aneel e Faculdade Novos Horizontes.

A todos que participaram e contribuíram para realização desta pesquisa e de alguma forma torceram por mim.

“O verdadeiro perigo não é que computadores começarão a pensar como homens, mas que homens começaram a pensar como computadores”.

Sydney J. Harris, Jornalista e escritor Estaduniense

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar e descrever as diferenças e semelhanças entre o dependente e o não dependente da internet, entre profissionais e estudantes na área de TI (Tecnologia da Informação), ambos localizados em Belo Horizonte. Foram utilizados como base os estudos de Young *et al.* (2011) e seu modelo de pesquisa para classificação dos pesquisados em dependentes e não dependentes de internet. A pesquisa se caracterizou por um estudo descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa. Foram pesquisados os profissionais da área de TI em quatro empresas que trabalham com prestação de serviços na área de informática e estudantes da área de TI de três IES (Instituição de Ensino Superior) situadas em Belo Horizonte, sendo, no total, 230 respondentes do questionário e 10 entrevistados, 5 profissionais e 5 estudantes. O questionário foi composto pelo roteiro proposto por Young *et al.* (2011) e o roteiro de entrevista semiestruturada teve como objetivo completar e aderir o questionário à entrevista, visando também à resolução dos objetivos específicos. Constatou-se que os dependentes e os não dependentes de internet na área de TI possuem algumas semelhanças, ressaltando estarem constantemente conectados e a internet ser presente em sua vida pessoal e profissional, além de conferirem as atualizações regulamente e perderem a noção do tempo quando estão conectados. Foram verificadas também as diferenças entre os dependentes e os não dependentes de internet na área de TI, destacando-se a autenticidade no meio digital, as atividades realizadas em tempo livre e a sensação ao estar conectados.

Palavras-chave: dependência de internet; dependência de internet na área de TI; estudantes de TI; profissionais de TI.

ABSTRACT

This study aims to identify and describe the differences and similarities between the dependent and non-dependent internet, between professionals and students in the field of IT (Information Technology), both located in Belo Horizonte. Were used as base studies Young et al. (2011) and his research model for classification of respondents in dependent and nondependent internet. The research was characterized by a descriptive study with quantitative and qualitative approach. We examined the IT professionals in four companies working with service delivery in the area of computer and IT students from three HEIs (Higher Education Institution) in Belo Horizonte, in total, 230 respondents of the questionnaire respondents and 10, 5 Professional 5 and students. The questionnaire was composed of the roadmap proposed by Young et al. (2011) and semi-structured interviews aimed to complete the questionnaire and adhere to the interview, aiming also to the resolution of specific goals. It was found that the dependent and non-dependent Internet in the IT field have some similarities, underscoring being constantly connected internet and be present in your personal and professional life, and confer regularly updates and lose track of time when they are connected . Differences were also found between dependent and non-dependent Internet in the IT field, emphasizing the authenticity in the digital environment, the activities carried out in time and feel free to be connected.

Keywords: internet addiction; internet addiction in IT; students IT, professionals IT.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Setor Trabalhado pelos estudantes respondentes	63
Gráfico 2 -	Cargo ocupado pelos estudantes respondentes	63
Gráfico 3 -	Cargo ocupado pelos profissionais respondentes	64
Gráfico 4 -	Tempo no cargo atual pelos estudantes respondentes	64
Gráfico 5 -	Tempo no cargo atual pelos profissionais respondentes	65
Gráfico 6 -	Horas por dia dedicadas ao uso da internet para uso profissional entre os estudantes respondentes	66
Gráfico 7 -	Horas por dia dedicadas ao uso da internet para uso profissional entre os profissionais respondentes	66
Gráfico 8 -	Horas diárias na internet para o uso pessoal dos estudantes respondentes	67
Gráfico 9 -	Horas diárias na internet para o uso pessoal dos profissionais respondentes	67
Gráfico 10 -	Redes sociais <i>on-line</i> que os estudantes respondentes utilizam	72
Gráfico 11 -	Redes sociais <i>on-line</i> que os profissionais respondentes utilizam	73
Gráfico 12 -	Percentual do resultado do teste IAT dos estudantes respondentes	75
Gráfico 13 -	Percentual do resultado do teste IAT dos profissionais respondentes	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Desenho da pesquisa	56
------------	---------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Índices de prevalência relatados nos estudos em populações específicas de dependência de internet	52
Tabela 2 -	Dependência de internet na percepção dos entrevistados	77
Tabela 3 -	Comportamento de dependentes de internet na percepção dos entrevistados	79
Tabela 4 -	Comportamento de um usuário comum na percepção dos entrevistados	80
Tabela 5 -	Autoavaliação do usuário em relação a dependência de internet	80/81
Tabela 6 -	Percepção do usuário em relação ao resultado	82
Tabela 7 -	Primeiro contato com a internet	86
Tabela 8 -	Presença diária da internet	87
Tabela 9 -	Rotina de hábitos diários na internet	88
Tabela 10 -	Atividades em tempo livre	90
Tabela 11 -	Tempo diário conectado	91
Tabela 12 -	Noção de tempo na internet	92
Tabela 13 -	Passar a noite na internet	94
Tabela 14 -	Maior tempo conectado	96
Tabela 15 -	Período mais longo sem utilizar a internet	97
Tabela 16 -	Percepção do entrevistado sobre o abuso do tempo conectado	100/101
Tabela 17 -	Percepção do entrevistado da sua vida sem internet	102
Tabela 18 -	Sensação do entrevistado quando a internet fica lenta ou "sai fora do ar"	105
Tabela 19 -	Sensação do entrevistado pela falta da internet	106/107
Tabela 20 -	O que agrada e mantém os entrevistados na internet	112
Tabela 21 -	Percepção dos entrevistados do que tem na internet e não tem na sua realidade	113
Tabela 22 -	Diferenças entre a rede de contatos reais e virtuais dos entrevistados	114
Tabela 23 -	Autenticidade no meio real e no virtual	116
Tabela 24 -	A utilização da internet para aliviar sentimentos ou aborrecimentos	118/119
Tabela 25 -	Controle do tempo <i>on-line</i> dos entrevistados por outra pessoa	121/122
Tabela 26 -	Percepção dos entrevistados sobre pausas durante o momento <i>on-line</i>	123
Tabela 27 -	Sensação dos entrevistados em um lugar sem conexão	125
Tabela 28 -	Percepção dos entrevistados quando não estão conectados, se pensam na internet	126/127
Tabela 29 -	Sensação dos entrevistados quando estão desconectados	127
Tabela 30 -	Percepção dos entrevistados quando tem que interromper sua conexão	128/129
Tabela 31 -	Sentimento dos entrevistados ao compartilhar algo <i>on-line</i>	130
Tabela 32 -	Sensação dos entrevistados no mundo digital	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CETIC - Centro de Estudos da Tecnologia da Informação e Comunicação

IES - Instituição de Ensino Superior

TI - Tecnologia da Informação

DSM IV - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*

IAT - *Internet Addiction Test*

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SciELO - Scientific Electronic Library Online

ANPAD - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração

BRASSCOM - Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação

Assespro - Associação das Empresas Brasileiras da Tecnologia da Informação

PDTI - Plano Diretor da Tecnologia da Informação

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Arpanet - *Advanced Research Projects Agency Network*

ARPA - *Advanced Research Projects Agency*

WWW - *World Wide Web*

ICQ - *I Seek You*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Problematização	14
1.2 Objetivos da pesquisa	16
1.3 Justificativa.....	17
2 AMBIÊNCIA DE PESQUISA	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 A Revolução da internet	21
3.1.1 <i>Web 2.0</i>	26
3.1.2 A conexão e as redes sociais.....	28
3.2 A Cultura Tecnológica	32
3.3 Realidade Virtual	38
3.3.1 Ciborgues e identidade digital	42
3.4 Dependência de internet.....	47
3.4.1 Estudos realizados sobre dependência de internet	51
4 METODOLOGIA	56
4.1 Caracterização da pesquisa	56
4.2 Instrumentos de coleta dos dados	57
4.3 Instrumentos de análise dos dados	59
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	61
5.1 Perfil demográfico e hábitos dos respondentes	61
5.2 Resultados do teste de dependência de internet	75
5.3 Rotina de hábitos dos entrevistados em relação ao comportamento na internet	86
5.4 Semelhanças e diferenças entre dependentes e não dependentes de internet	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICE.....	154

1 INTRODUÇÃO

Vive-se atualmente em um mundo interconectado, no qual a disseminação da informação é instantânea, o usuário virtual possui seu mundo próprio e os jogos digitais se misturam à fantasia, à ficção e à realidade. Além disso, novas identidades digitais são incorporadas e o ser humano e a máquina se fundem enquanto a tecnologia dita hoje o ritmo da vida (MENDONÇA, 2012).

Presencia-se uma intensa e constante transformação intermediada pela tecnologia da internet, trazendo a facilidade da informação, da comunicação e do relacionamento, influenciando a forma de vida dos usuários. De acordo com Telles (2011, p. 17), “vivemos um momento da História no qual a mudança é tão veloz que só começamos a ver o presente quando ele está quase desaparecendo”. Para acompanhar esse contexto, é necessário ritmo e dedicação (TORRES, 2009; TELLES, 2011).

A grande explosão da internet foi a partir de 1995, havendo, na época, cerca de 16 milhões de usuários, esses números hoje representam apenas os usuários de internet móvel no Brasil. De acordo com Mazonotti (2012), conta-se com aproximadamente mais de dois bilhões de usuários de internet, um número que está em constante crescimento, aproximadamente, meio milhão a cada dia. Os números de usuários de internet móvel quase dobraram do ano de 2011 para 2012, 99,8% dos assinantes dos planos de acesso à rede são referentes à internet móvel, representando 40 milhões de novos usuários, enquanto na telefonia fixa são apenas 16 milhões de pessoas (MAZENOTTI, 2012).

Segundo o CETIC - Centro de Estudos da Tecnologia da Informação e Comunicação, em novembro de 2012, o número de internautas conectados era 53,5 milhões, apresentando uma variação de 46:19 horas médias semanais navegadas. O aumento de usuários e essa variação nas horas navegadas ocorrem principalmente pelas diversificações dos meios tecnológicos, como os celulares e *tablets* que permitem aos usuários estar cada vez mais conectados, em qualquer

lugar e em qualquer hora, confirmando os dados anteriores apresentados por Mazonotti (2012) (CASTELLS, 2003; TORRES, 2009; TELLES, 2011; CETIC, 2010).

De acordo com o CETIC (2010), os brasileiros têm optado pela mobilidade e comodidade em se conectar o tempo todo. Os usuários estão acessando a internet mais em domicílio do que utilizando *lan house*. A conexão banda larga tem se destacado pela sua utilização entre os tipos de conexão, por acrescentar mais velocidade, demonstrando que os usuários estão se preocupando mais com a velocidade e a qualidade da conexão realizada. Percebe-se também que o perfil de usuários na internet está se modificando e ganhando mais adeptos nesse meio de comunicação.

A faixa etária dos usuários brasileiros que acessam a internet é bem diversificada e proporcional, demonstrando que, da faixa etária dos 10 anos aos maiores de 60 anos, todos acessam a internet. Percebe-se que, em 2010, houve um movimento de diminuição anual em adquirir computadores e aderir à conexão de internet em domicílios, provavelmente, pelo crescimento do uso da internet móvel nos celulares e *notebooks* que obteve aumentos significativos, demonstrando que a mobilidade começa a se sobressair em relação ao acesso convencional pelo computador (CETIC, 2010).

As barreiras que um usuário brasileiro enfrenta para adquirir um computador possuem três motivos mais enfáticos: o custo elevado de adquirir um computador; o fato de não haver interesse pelas pessoas ou os usuários não saberem operar o equipamento. Quanto às barreiras para a adesão à internet, destacam-se: falta de disponibilidade na região do domicílio e o custo elevado. De acordo com Mazonotti (2012), a mesma internet que custa, em São Paulo, R\$29,90 por mês, no Amapá, custa R\$ 250,00. Além destas, outras dificuldades podem ser encontradas no uso da internet: páginas que demoram a carregar; não encontrar a informação desejada no site; textos longos e acessar páginas que possuem muitas janelas (janelas *pop up*), o que dificulta o acesso do conteúdo *on-line pelo* usuário (CETIC, 2010).

Das atividades realizadas na internet, observam-se crescimentos: em primeiro lugar, da comunicação; em segundo, da busca de informações e lazer; em terceiro, dos

negócios financeiros e, em quarto, da educação. Destacam-se, dentro das atividades, os sites de relacionamento, o uso de *microblogs* como o *Twitter*, participação em listas de discussões e fóruns e a criação e manutenção de *blogs* e páginas de internet. O uso diário da internet torna-se cada vez mais constante no ambiente brasileiro e habitual para os usuários (CETIC, 2010).

A internet tem proporcionado às pessoas grandes experiências, pois, ao iniciarem no mundo digital, percebem a infinidade de coisas que podem aprender, encontrar e passar a ter acesso. Tudo está ao alcance de todos, mas ainda se convive entre a tecnofobia, definida como aversão às coisas tecnológicas, e a tecnofilia, o excesso de apreço pela tecnologia (DEMO, 2009).

Assim, a rapidez com que a tecnologia penetra e domina o cotidiano e também a forma como a alienação se propaga pela “síndrome do mínimo de esforço” é um fato da realidade. A informação *on-line* é fácil e os indivíduos não a julgam pela sua importância, servindo para “amolecer” as mentes ao escolher a opção menos maçante de entretenimento e também como fuga e distração para os usuários (CASTELLS, 2005).

Razzouk (1998, p. 1) afirma que:

com o aparecimento da internet como um novo instrumento de comunicação e o seu acesso cada vez mais presente em todas as classes sociais, profissionais e faixas etárias, relatos de comportamentos patológicos de dependência da internet constituem temas frequentes da literatura médica atual e também, com grande destaque, na mídia popular.

1.1 Problematização

Nos Estados Unidos, iniciaram-se estudos sobre a dependência da internet na década de 90. O primeiro pesquisador, de acordo com Razzouk (1998), foi Ivan Goldberg em 1996. King, também em 1996, propôs nova categoria de diagnóstico e análise para os dependentes de internet, classificando aquelas pessoas para quem o uso excessivo de internet trouxe algum transtorno para a vida. Em 1996, Young (1996) realizou um estudo, utilizando critérios e diagnósticos para o jogo patológico

do DSM IV - *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, colocando o uso excessivo da internet como um transtorno patológico de Impulso (RAZZOUK, 1998).

De acordo com Abreu *et al.* (2008), Young (1996) conseguiu classificar dois tipos de usuários em um grupo de universitários: os dependentes e os não dependentes de internet. Foram analisados os hábitos de 496 estudantes e 396 expuseram o uso excessivo da internet e os prejuízos em seu cotidiano. Os pesquisados classificados como dependentes mostravam ter preferência e interesse por *chats*. Em sua segunda pesquisa, Young (1996) tentou identificar nos dependentes as causas que levam o indivíduo a essa dependência da internet. Depois dos relatos, foram levantadas três áreas principais que mais se acentuaram: suporte social, realização sexual e criação de persona (RAZZOUK, 1998, ABREU *et al.*, 2008).

Para Young *et al.* (2011), os sintomas de dependência de internet mudam de acordo com o avanço e as transformações tecnológicas, e outro fator importante é o quanto essas tecnologias penetram a vida dos usuários que, às vezes, acabam por utilizar a internet de forma abusiva. De acordo com Young (2012), ainda não há um padrão que defina as características dos dependentes, mas alguns tipos de comportamentos começam a ser comuns, como: o uso compulsivo da internet, uma preocupação constante em estar *on-line*, mentir ou esconder a extensão ou a natureza do seu comportamento *on-line* e uma incapacidade de controlar ou reduzir a quantidade de tempo que passa conectado.

Além desses comportamentos, deve-se observar se a internet está afetando de alguma forma a vida pessoal, profissional e social do usuário em questão ou se ele utiliza a internet para se aliviar e distrair de problemas e situações indesejadas para alterar, assim, o seu humor, podendo desenvolver certa dependência. O importante não é o tempo que o usuário passa conectado, mas o que a internet representa para sua vida e como lida com ela (YOUNG, 2012).

Ressalta-se que o assunto da dependência de internet começa a ser divulgado no país, principalmente, porque os usuários brasileiros utilizam de forma assídua a internet:

Sabe-se, hoje, que à medida que as tecnologias invadem progressivamente as rotinas de vida, o contato com o computador cada vez mais deixa de ser um fato ocasional e, portanto, o número de atividades mediadas pela internet aumenta de maneira significativa, bem como o número de acessos e tempo medido na população brasileira que, atualmente, ocupa o primeiro lugar no mundo em termos de conexão doméstica (à frente dos americanos e japoneses) (ABREU *et al.*, 2008, p. 4).

Diante do exposto e considerando a rápida disseminação e inserção da internet, cada vez ganhando mais adeptos e estimulando mais o contato cotidiano com a tecnologia - expresso em certos hábitos, como: leitura de e-mails diários, de notícias *on-line*, jogos para distração e as possibilidades de moldar e construir mundos próprios, dentre outros - formula-se a seguinte pergunta: quais as diferenças e semelhanças entre o usuário dependente e o não dependente da internet?

1.2 Objetivos da pesquisa

1.2.1 Objetivo geral

Identificar e descrever as diferenças e semelhanças entre o usuário dependente e o não dependente da internet, entre profissionais e estudantes na área de TI em Belo Horizonte.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Descrever a rotina de hábitos do grupo pesquisado em relação à internet;
- b) Identificar se os respondentes são dependentes ou não dependentes de internet de acordo com classificação de Yong *et al.* (2011);
- c) Analisar e comparar semelhanças entre os dependentes e os não dependentes de internet nos grupos pesquisados;
- d) Analisar e comparar diferenças entre os dependentes e os não dependentes de internet nos grupos pesquisados.

1.3 Justificativa

De acordo com o CETIC (2012), atualmente, o Brasil possui 40 milhões de internautas ativos e esse número cresce a cada dia, em média, aproximadamente, 33 horas mensais de uso do mundo virtual. Ressalta-se que o Brasil foi considerado o sétimo país em maior quantidade de acessos no mundo em 2008. Com o acesso por meio do *smartphone* e a acessibilidade quase ininterrupta que esses aparelhos proporcionam, esse número deve crescer nas próximas pesquisas a serem realizadas (CETIC, 2012).

Para avaliação e classificação, será utilizado o método criado por Young *et al.* (2011, p. 40), sendo o primeiro instrumento a ser validado, passando a ser uma medida psicométrica global, o IAT–*Internet Addiction Test*.

uma medida fidedigna que abrange as características-chave do uso patológico de internet. O teste mede a extensão do envolvimento da pessoa com o computador e classifica o comportamento de dependência em termos de leve, moderado e grave.

Destaca-se que o tema da dependência da internet possibilita levantar os fatores influenciadores no cotidiano dos respondentes. Além disso, ainda existem poucos estudos relacionados ao tema, sendo os primeiros sobre a dependência de internet, em sua grande maioria, datados de 1996 a 1998 e de 2004 a 2008. Graeml, Volpi e Graeml (2004, p. 2), demonstram que o tema possui escassos estudos:

Apesar de inúmeras pesquisas revelarem o contínuo aumento do número de pessoas conectadas à internet e de indicarem que muitas delas estão passando cada vez mais tempo nessa atividade, somente alguns pesquisadores da área da psicologia iniciaram pesquisas mais profundas destinadas a tentar entender as mudanças que esta nova tecnologia está causando na vida das pessoas, com ênfase na alteração de hábitos e padrões comportamentais e nos problemas decorrentes.

Para quantificar os poucos estudos sobre o tema, foram analisados os bancos de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sendo encontrados três artigos brasileiros com o tema “Dependência de Internet” e mil e quinhentos e vinte um artigos relacionados ao termo “Internet Addiction”. No banco de dados do Scielo Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha), foram encontrados, também, três artigos brasileiros, como confirmam Lemos e Santana (2012). Já no banco de dados da ANPAD (Associação

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração), não foi encontrado nenhum artigo relacionado ao tema dependência de internet.

Santos (2012, p. 18) também contribui para justificar os escassos estudos no país em relação aos hábitos e pesquisas de uso da internet por meio dos brasileiros:

A literatura carece de pesquisas com relação ao uso de internet para a população brasileira e principalmente de literatura cuja finalidade seja medir a intensidade de uso da internet pelo brasileiro. Não é de nosso conhecimento que haja literatura sobre a criação de indicadores e modelos de uso de internet.

De acordo com Abreu *et al.* (2008, p. 4), a maioria das pesquisas foram realizadas com estudantes, pois, inicialmente, acreditava-se que a dependência só ocorria com os universitários:

Inicialmente, acreditava-se que esse problema era privilégio de estudantes universitários que, buscando executar suas atribuições acadêmicas, acabavam por permanecer mais tempo do que o esperado, ficando enredados na vida virtual. Entretanto, tais pressuposições mostraram ser pura especulação.

Esta pesquisa será realizada com os alunos do ensino superior na área de TI e também contará com os profissionais da área de TI, área esta em que os profissionais e estudantes passam tempos significativos em função da internet e da própria origem da área de TI se entrelaçar com a criação da internet. O estudo também poderá contribuir para as reformulações nas políticas e nas práticas de gestão de pessoas nas organizações, bem como na formação de profissionais e estudantes da área de TI.

Esta dissertação se encontra estruturada da seguinte forma: a Introdução, que apresenta a problematização, os objetivos gerais e específicos e a justificativa demonstrando a importância do estudo; o referencial teórico, que trata do histórico e dos conceitos sobre o tema; a metodologia em que se abordam as características das unidades pesquisadas e os procedimentos metodológicos a serem utilizados; a análise dos dados, em que os resultados são interpretados; as conclusões, que sintetizam as principais constatações da pesquisa e, finalmente, as referências bibliográficas, seguidas dos anexos contendo o roteiro de entrevista e o questionário.

2 AMBIÊNCIA DE PESQUISA

De acordo com a BRASSCOM - Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação - (2012), o setor de TI representou em 2010 cerca de 4% do PIB nacional e se acredita que poderá representar até 5% em 2014, se o governo der alguns incentivos. O Brasil se encontra em sétimo lugar no ranking de investimentos em TI. Estima-se que cerca de 300 pessoas irão se formar em TI até 2014, pois o país pode sofrer de carência desses profissionais no futuro (BRASSCOM, 2012).

De acordo com Mayer (2012), ainda se sabe muito pouco sobre o setor de Tecnologia da Informação. A Assespro - Associação das Empresas Brasileiras da Tecnologia da Informação - tem buscado realizar um censo nacional de TI para obter mais informações sobre o setor. Ainda pouco explorada, a indústria de TI deve ser mais pesquisada. Pela iniciativa da Assespro, realizou-se um censo nacional de TI no período de 2011 a 2012 e várias empresas de pesquisa, acadêmicos e órgãos públicos mostraram interesse na validação dos dados, no cruzamento com dados internacionais e no aprofundamento, para contribuir para a pesquisa realizada.

De acordo com o PDTI - Plano Diretor da Tecnologia da Informação - (2010, p. 1), a cidade de Belo Horizonte representa “mais de 1.300 empresas do setor, que geram faturamento de quase R\$ 3 bilhões e um crescimento de 348% em 2009 do número de empregos diretos formais e qualificados”. Assim, Belo Horizonte pode ser vista como a capital nacional de TI.

De acordo com as entidades que representam o setor, o programa BH 2022 pretende, nos próximos dez anos, tornar a capital mineira referência nacional em Tecnologia da Informação, estimulando o desenvolvimento das empresas e de instituições de pesquisa e inovação. Diversas ações vêm sendo planejadas e executadas em áreas como a formação de mão de obra qualificada, geração de negócios, internacionalização, apoio ao empreendedorismo e acesso a capital (CMBH – Câmara Municipal de Belo Horizonte, 2011, p. 1).

As empresas pesquisadas estão situadas em Belo Horizonte, a Empresa X trabalha com desenvolvimento de projetos e consultoria em TI - Tecnologia da Informação - e possui, aproximadamente, 100 empregados, a Empresa Y é um portal de classificados de currículos e empregos para profissionais na área de TI e possui 35

empregados. A Empresa W trabalha com desenvolvimento de sistemas e soluções para empresas de agropecuária tendo 25 empregados e a Empresa Z trabalha na prestação e solução de serviços de TI e possui 17 empregados.

Segundo a BRASSCOM (2012), o Brasil possui 1714 cursos na área de TI do técnico à graduação. Os cursos de TI cresceram de 2002 a 2008 em 704%, o número de inscritos nesse período aumentou 380% e a evasão chega a 80%. Existem aproximadamente 6 milhões de estudantes de TI no país e formam-se por ano aproximadamente 100.000 profissionais ligados a área de TI (BRASSCOM, 2012).

De acordo com os dados do INEP (2010), são 359 cursos presenciais de graduação em Ciência da Computação e 584 cursos de Sistema de Informação, nesses dados estão inclusos as universidades, os centros universitários, as faculdades e os institutos federais e Centros Federais de Educação Tecnológica. No curso de Ciência da Computação, ingressaram 19.411 candidatos e 7.339 foi o número de concluintes do curso. No curso de Sistema de Informação, ingressaram 25.324 candidatos e concluíram 11.548 alunos (INEP, 2010).

Em pesquisa realizada pela MBI, constatou-se que a maior parte das pessoas que procuram estudos na área de TI é do sexo masculino, as IES públicas têm mais procura e mais destaque em relação às IES particulares no poder de atração, e as pessoas acreditam que as IES públicas preparam melhor os estudantes para o mercado e acreditam ter melhor qualidade de ensino (MBI, 2010).

Foram pesquisadas três IES situadas em Belo Horizonte com cursos superiores na área de TI, sendo o curso de Sistema da Informação e o curso de Ciência da Computação participantes. A primeira IES é uma Universidade que oferece o curso de Ciência da Computação e Sistema de Informação com aproximadamente 290 alunos; a segunda é um Centro Universitário particular e possui o curso de Ciência da Computação com aproximadamente 370 alunos e a terceira é uma Faculdade e possui o curso de Sistema de Informação com aproximadamente 60 alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, será retratado o histórico da evolução da internet e as bases teóricas que darão apoio para a realização da pesquisa. Além disso, serão abordadas as teorias centrais do tema e também as características importantes relacionadas ao tema. Os títulos se encontram em uma sequência lógica a fim de levar o leitor à compreensão de alguns aspectos sobre a dependência de internet.

Os títulos específicos tratam desde o surgimento da internet até sua transformação em *web 2.0* e suas novidades tecnológicas atuais. Aborda-se também a cultura tecnológica em sua origem e como esta se reflete no hábito de seus usuários, nas conexões e redes sociais que unem os usuários. Sendo quase uma “âncora” entre o mundo real e o digital, a realidade virtual juntamente com os avatares e os ciborgues da atualidade refletem o início de uma possível dependência de internet por parte dos usuários frequentes.

3.1 A Revolução da internet

Do rádio à televisão, chegando à internet, várias transformações ocorreram. O surgimento do rádio inovou levando, a diversas partes, a comunicação, com o aparecimento da televisão, o rádio perdeu lugar de destaque, mas ganhou em flexibilidade e penetrabilidade que até hoje se sustenta. A televisão se propagou facilmente por espectadores preguiçosos que, ao chegarem cansados em casa, preferiam programas que não exigissem muito de suas mentes, um fato até hoje consumado, que explica os domínios que os meios tecnológicos exercem sobre os indivíduos (CASTELLS, 2005).

Nas décadas de 50 até meados de 90, a informação era padronizada e quase não havia criatividade em inovar na concepção de informação, num esquema ideológico em que os indivíduos se encontravam isolados e alienados. A televisão definia os horários e tendências do dia a dia. O mundo digital mudou essa temporalidade engessada, fazendo com que o usuário faça e determine seu horário e quanto tempo ficará on-line, principalmente com a internet móvel que traz a conectividade ininterrupta e instantânea, levando a todos os lugares a conexão com o mundo digital (ALMEIDA, 2009).

O telefone permitiu a comunicação sem a presença física, a *webcam* permitiu a visualização de pessoas pela internet, que agora podem se comunicar instantaneamente mesmo em distância física. A *webcam* trouxe desenvolvimento à comunicação digital que anteriormente era expressa apenas por tamanho de letras, depois passaram a ser acrescentados os *emotions* - que são figuras/imagens (carinhas ou ícones) por meio das quais se expressa sentimentos (GEVERTZ, 2009; GROTH, FERRABOLI e OLIVEIRA, 2011).

Anteriormente, sem os recursos da *webcam*, a comunicação era incompleta. Como relatam Groth, Ferraboli e Oliveira (2011, p. 5),

Dessa forma, nos relacionamentos à distância por intermédio das redes sociais, mesmo que a pessoa esteja triste, pode simular felicidade somente de aparência, e os demais usuários dessa rede não têm como verificar a realidade.

Mesmo com todas as transformações e desenvolvimentos, a comunicação virtual não substituirá a comunicação física e nem a física substituirá a virtual, pois ambas possuem limitações e relevâncias nas relações interpessoais, servindo uma de complementação para a outra (GROTH, FERRABOLI e OLIVEIRA, 2011).

A internet surgiu em meio às necessidades da forma de comunicação, acrescentando rapidez e precisão nas informações transmitidas. Em 1945, surgiram os primeiros computadores antes reservados apenas aos militares, para auxílio nos cálculos científicos e, posteriormente, na década de 60, foram difundidos para uso civil. O que ninguém naquela época previu foi que a disseminação do movimento de virtualização da informação e da comunicação iria atingir profundamente a essência da vida social, e que os usuários adentrariam com facilidade no mundo cibernético (LEVY, 2005).

Em 1960 foi fundada a Arpanet - *Advanced Research Projects Agency Network* - uma rede de computadores criada pela ARPA - *Advanced Research Projects Agency*, Agência de Projetos de Pesquisa Avançada -, formada pelo departamento de defesa dos Estados Unidos, utilizada para mobilizar recursos de pesquisa do mundo universitário e ganhar superioridade militar em relação à União Soviética pelo lançamento do *Sputnik* em 1957, dando origem à internet. A internet se desenvolveu

entre o ambiente universitário e as pesquisas militares até meados de 90 (CASTELLS, 2003; SOARES, 2007).

Na década de 70, a comercialização de microprocessadores desencadeou processos econômicos e sociais. Surgiu uma nova fase pela propagação e inovação dos computadores, a automação. Os setores da produção industrial, bancos e seguradoras foram tomados pela automação, almejando cada vez mais produtividade, agilidade e praticidade. No Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, novas proporções ocorreram, fazendo com que o computador pessoal fosse acessível a todos os lares americanos, deixando de ser um meio de comunicação anteriormente exclusivo, para ser utilizado em massa, tornando-se cada vez menor e mais leve, difundindo e agradando a todos os tipos de desejos tecnológicos dos diversos usuários (LEVY, 2005).

Em 1980, a internet perdeu o status de caráter técnico do setor industrial, pois anteriormente a maior parte de sua utilização era apenas para o processamento de dados em universidades e bases militares, passando a ser incorporada às telecomunicações e ao entretenimento de usuários comuns. A digitalização conquistou o domínio da comunicação, na produção, nas gravações musicais, na invasão dos videogames, nos hiperdocumentos como o hipertexto e o CD-ROM. Nessa época, a internet começa a difundir-se através de outros meios tecnológicos, ambientalizando e captando mais pessoas pela sua diversificação e suas transformações tecnológicas, tornando-se rápida nas atualizações, desenvolvimento e obsolescência de equipamentos e *software*, começando a se intensificar em uma incessante adaptação de desempenho e renovação de seus aparatos tecnológicos (LEVY, 2005).

Entre o final de 80 e o começo de 90, as redes interconectadas começam a crescer transformando o ciberespaço em um meio propício de informação e conhecimento. A evolução na rapidez, no processamento dos computadores e o preço, que cada vez se tornou mais acessível, fizeram com que a corrente tecnológica obtivesse mais adeptos. Os computadores começaram a fazer parte do cotidiano de mais pessoas, seja no trabalho, na aceitação das organizações em busca de produtividade, nas adaptações em armazenar e ser ágeis na conversão de dados em informações, em

casa para facilitar as adaptações do trabalho, como forma de lazer e também em ambientes públicos, auxiliando a conectividade fora do trabalho e de casa, metamorfoseando-se com mais facilidade e intensidade, passando a ser constante nos hábitos dos indivíduos (LEVY, 2005).

Em 1990, a internet já existia, mas foi sendo "libertada" do período de seu ambiente puramente militar. Nessa época, a maioria dos computadores dos EUA já possuíam predisposição para entrar na rede da internet, o governo havia estimulado as empresas fabricantes de computadores a implementarem as configurações necessárias desde 1980. A internet cresceu rapidamente como uma rede global de conexão entre computadores, com a ajuda de outras tecnologias como o modem, o Unix que desenvolveu a formação de redes e conexão entre computadores e a também a criação do GNU/Linux que foi desenvolvido por usuários da internet de vários locais, pelo intermédio da comunicação e o compartilhamento digital (CASTELLS, 2003).

A criação do programa navegador/editor de endereçamento de páginas, a *WWW - World Wide Web* -, por Tim Berners-Lee trouxe para a internet todas as possibilidades antes idealizadas por vários pesquisadores, a navegação facilitada. Depois de várias tentativas e surgimento de vários navegadores, estes foram superados pelo sucesso em 1994 do *Navigator* pela *Netscape* e, posteriormente, em 1995, pela criação do *Internet Explorer* da *Microsoft*, época em que surgiu também o *Navipress* pela *America On-Line*, dentre outros. Em 95, iniciou-se também a invenção da linguagem *Java* pela *Sun Microsystems* que permitiu a criação de aplicativos, ao liberar o *software* gratuitamente e expandir as aplicações (CASTELLS, 2003; SOARES, 2007).

Em 1996, surgiu o primeiro programa de mensagem instantânea o ICQ – *I Seek You* - ou Eu procuro você. Em 1998, houve o alavancamento comercial da internet e o crescimento do novo mercado de massa difundindo a internet para mais pessoas. As companhias telefônicas entram no mercado digital pela *dial up* - internet discada -, iniciando a comercialização pelo acesso e pela velocidade de navegação comum (SOARES, 2007; ADACHI, 2011).

O *Google* foi criado em 1996, como resultado do projeto de doutorado de Larry Page e Sergey Brin da Universidade de Stanford no Vale do Silício. Atualmente, é a ferramenta de busca mais utilizada, possuindo diversos recursos disponíveis para os usuários e o mundo virtual. O *Google* reuniu e concentrou informações e ideias antes espalhadas pela *web*, a que, dificilmente, se teria o acesso que se tem atualmente. Em 2000, foram popularizados os *blogs*, nos quais qualquer pessoa poderia escrever sobre qualquer coisa, atraindo outros usuários com gostos e hábitos em comum (TORRES, 2009; CARR, 2011).

Em 2003, surgiu a banda larga e a *wireless* como diversificação das conexões de internet. A banda larga era compartilhada entre os provedores da companhia telefônica, pela TV a cabo e por outras empresas privadas. Posteriormente surgiu o *blackberry* como um dos primeiros *smartphones* e a tecnologia GSM que é a utilização da comunicação através das mensagens de celular. Também em 2003, surgiu uma das pioneiras redes de relacionamento, o *MySpace*. E estimulando a criação de outras redes sociais, foi concebido também o *LinkedIn* sendo uma das redes de relacionamento de negócios, carreira e contatos profissionais (TORRES, 2009; ADACHI, 2011).

O *Orkut* foi criado em 2004, ele foi considerado a rede social mais utilizado do Brasil até o *Facebook* assumir este posto, apesar de ambos serem criados na mesma época, o *Orkut* foi um dos primeiros a ter sua versão em português, o que justifica o sucesso no país. Ambos são sites de relacionamento onde se pode compartilhar de tudo com seus participantes. O *Youtube* foi criado em 2005, dando possibilidade dos usuários se expressarem por meio de vídeos (TORRES, 2009; TELLES, 2011).

O *Twitter* foi criado em 2006, sendo um *microblog* em que os usuários podem escrever até 140 caracteres por vez. Além disso, muitas outras redes sociais foram criadas e continuam sendo até os dias atuais. Em 2010 as compras coletivas já existentes nos Estados Unidos desde 2008 surgiram no Brasil, esses canais divulgam ofertas de produtos ou serviços com descontos especiais (TORRES, 2009; TELLES, 2011).

Para Micklethwait e Wooldridge (1999), há 14 anos, poucos acadêmicos tinham ouvido falar em internet, ainda se gastava pequenas fortunas com aluguéis de fitas ultrapassadas. Hoje os usuários baixam os filmes pela internet em uma velocidade considerável, as compras *on-line* antes eram encaradas como brincado, atualmente talvez uma empresa que não tenha compra *on-line* possa vir a falir fisicamente. Hoje se conversa em qualquer parte do mundo, até mesmo troca-se o telefone pela videoconferência, não sendo mais o “brincado inacessível” descrito pelos autores. O surgimento da *Web 2.0* trouxe grandes modificações no mundo virtual e no mundo físico, modificando e alavancando o que tínhamos de conceito sobre a internet e como esta era vista na época.

Nos dias atuais, é impossível pensar no mundo sem a internet. Ela tomou parte dos lares de pessoas do mundo todo, estar conectado à rede mundial passou a ser uma necessidade de extrema importância. A internet também está presente nas escolas, nas faculdades, nas empresas e nos diversos locais, possibilitando acesso às informações e notícias do mundo em apenas um *click* (TORRES, 2009; TELLES, 2011).

3.1.1 Web 2.0

O termo *Web 2.0* surgiu em 2003 criado por Tim O'Really, fundador de uma importante editora nos Estados Unidos, a O'Really *Media*, trazendo um marco para a internet que passou a ser mais colaborativa e integrada. A *web 2.0* trouxe modificações para a escrita, o hipertexto da *web 2.0* trouxe para a atualidade e acrescentou na internet uma criatividade acessível e também a compartilhamento mútua. Os usuários com a *Web 2.0* podem transformar os dados em um conjunto de informações a seu modo, incitando a criações informativas de diferentes tipos como os *blogs* (GONÇALVES, RAMOS e SANTOS, 2009; GEVERTZ, 2009).

Segundo Gevertz (2009, p. 7), “o hipertexto é o instrumento para a apresentação de informações em ambiente digital” não se distinguindo mais a fronteira entre ler e escrever, “o hipertexto é um sistema de texto que permite ao escritor e ao leitor rever, desfazer e comparar de maneira ágil e dinâmica qualquer parte de sua obra”.

O hipertexto faz parte das transformações da *web 2.0*, trazendo o conceito de que tudo pode ser editado e moldado.

A *Web 2.0* faz com que o usuário participe e ajude a construir também a internet, tendo voz ativa, criando e interagindo. Para Gomes, Chaves e Pedron (2011, p. 2), “a sua evolução, para a *Web 2.0* disponibiliza tecnologias que modificam a forma como os utilizadores criam, partilham, divulgam, procuram e recolhem informação *on-line*”. Atualmente qualquer pessoa pode criar um *blog* e compartilhar o que quiser na internet, sua vida pessoal, interesses comuns, opinião pública, dentre outros. Facilmente esse *blog* em alguns provedores pode se tornar site pagando uma pequena taxa, assim, o usuário poderá continuar dando a manutenção necessária de uma forma mais simples e ainda possuir um domínio próprio (BARRETO, 2011).

Para Almeida (2009, p.6), "o fato é que na nossa era digital tudo está disponível. Hits e nichos, profissionais e amadores compartilham o mesmo espaço. A facilidade no uso das ferramentas tecnológicas faz com que qualquer um se torne um produtor; crie, invente, disponibilize ideias e projetos". Qualquer um com um pouco de seguidores poderá ser influente no ambiente digital, tendo muitos acessos, sendo provedor de informações para seu nicho, desde que seja um bom manipulador de informação, ou seja, autêntico chamando atenção de vários usuários e, assim, tornar-se popular no mundo virtual.

As avaliações *on-line* com a *Web 2.0* estão cada vez mais se modificando, como, por exemplo, o processo de compra *on-line* dos usuários. Atualmente são pesquisadas informações antes de adquirir um produto ou serviço, essas opiniões estão espalhadas por toda a internet para que o usuário chegue a suas próprias decisões. Assim, as opiniões de outros usuários que já utilizaram o produto ou serviço, com avaliações de satisfação ou críticas são válidas e importantes para outros usuários. As formas de qualificar são criadas tanto pela empresa, quanto pelo usuário tornando pública a opinião ou crítica, facilitando, assim, as informações que anteriormente eram de difícil acesso. Nesse ambiente, qualquer usuário pode contribuir com a sua opinião, no próprio site da empresa ou em sites especializados nesse tipo de informação (GOMES, CHAVES e PEDRON, 2011).

Para Almeida (2009, p. 6), o mundo virtual está se tornando cada vez mais personalizável e único:

Cada um monta seu próprio repertório de músicas no aparelho de MP3, assiste somente aos programas de TV e aos vídeos preferidos (muitas vezes desconhecidos da grande maioria) e escolhe se vai incluir ou simplesmente “deletar” alguém de sua rede de relacionamentos.

De acordo com Anderson (2006), os usuários estão criando um mundo próprio e se isolando nele, onde só entra quem ele selecionar desde amizades até livros, músicas, filmes etc. O ambiente digital permite que o usuário possa configurar seu espaço, possuindo a liberdade para transitar e escolher o que lhe agrada. Assim, a flexibilidade ganha força no ciberespaço e todo o desenvolvimento atual contribui para que essa tendência seja constante, transformando suas escolhas e quem as compartilha na rede particular digital.

Qualquer usuário pode criar um mundo próprio e virtual, os vários recursos disponíveis, principalmente nas redes sociais, trazem a oportunidade ao usuário de moldar a seu gosto um ambiente totalmente particular e conectável, da melhor forma que desejar. A compartilhamento de informações em rede acontece de várias formas possíveis, principalmente pelas infinidades de aplicativos existentes (ANDERSON, 2006).

As redes digitais proporcionam aos usuários a conexão entre pessoas e informações, ao mesmo tempo em que influenciam as pessoas que estão conectadas nesse enlace. Normalmente, as conexões de uma rede se formam pelos vínculos entre os indivíduos e por esses conectores são disseminados constantemente coisas boas ou ruins, pois uma pessoa influencia a outra mais facilmente quando conectadas a uma rede. As escolhas e ações das pessoas integrantes dessa rede determinam suas conexões e os tipos de disseminações. O mundo virtual está carregado de redes de diversos tipos de pessoas, de lugares e culturas do mundo (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

3.1.2 A conexão e as redes sociais

As redes sociais existem aparentemente desde o início das civilizações, com suas teias, ramificações e conexões entre um grupo e outro, demonstrando que não se pode viver e sobreviver absolutamente sozinho, as pessoas estão conectadas “pela geografia, status socioeconômico, pela tecnologia e mesmo por genes para que tenham certos tipos de relacionamentos sociais e certo número deles” segundo Christakis e Fower (2010, prefácio). As redes sociais operam de forma intrigante operando e beneficiando pessoas com interesses comuns entre si, as pessoas se conectam em boa parte para realizar aquilo que não dão conta sozinhas, como os sentimentos de altruísmo e bondade que são um dos elementos que podem nutrir os laços de uma rede (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

Os fatores dominantes na era da informação se encontram também organizados em redes, sendo a atual morfologia da presente sociedade. Para Castells (2005, p. 566), “rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto na qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas que falamos”. As redes se interconectam mundialmente, interligando continentes e pessoas, levando informação instantânea a todas as partes (CASTELLS, 2005).

As redes sociais possuem vantagens, como: a organização, a flexibilidade e a adaptabilidade, por isso estão sendo organizadas principalmente na internet, onde se facilita a comunicação e a disseminação. O campo digital é um campo fértil para diversos tipos de interações e comunicabilidade, possuindo um vasto fornecimento de informações que chegam quase a ser inesgotáveis, por isso atualmente se espera encontrar na internet qualquer tipo de informação sobre qualquer coisa (CASTELLS, 2003).

A expressão “mundo pequeno” na realidade define exatamente o que o mundo realmente é. De acordo com Christakis e Fower (2010), um pesquisador Stanley Milgram¹ em 1960 fez um experimento nos Estados Unidos, esse experimento mostrou que as pessoas estão conectadas a um seis graus de separação, por exemplo, um amigo está a um grau e o amigo do amigo está a dois graus e assim

¹ S. Milgran, L. Bickman and L. Berkowitz, “Note on the drawing power of crowds of different size”, *Journal of Personality and Social Psychology*, 13 (1969): 79-82

por diante. Em 2002, Peter Dodds² e Roby Muhamad replicaram o estudo do pesquisador Stanley Milgram em um escala global, agora utilizando o e-mail e constataram que foram necessários seis passos também em média para se chegar ao objetivo traçado, confirmando a pesquisa anterior do quão as pessoas estão conectáveis (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

As redes podem ser consideradas como um superorganismo humano, para exemplificar e entender como uma rede funciona e o papel das pessoas dentro da mesma. Os indivíduos podem ser afetados por estarem conectados à rede, o que flui pela rede define o laço daquelas pessoas e a estrutura da conexão. A rede está sempre sendo criada e recriada. Ao entrar em uma rede, o usuário pode definir com quantas pessoas deseja estar conectado, colocando-se no centro da rede ou à margem. Quanto mais as conexões dos amigos e familiares crescem, mais aumenta o nível de conexão entre as pessoas da rede como um todo (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

As redes transportam qualquer tipo de fluxo entre ela, seja positivo ou negativo, seja um contágio de doenças, obesidade, depressão, pânico financeiro, violência e suicídio, como também causas benéficas, como as doações entre pessoas, alegria, o encontro com um companheiro, a manutenção da saúde, o funcionamento da economia, a luta pela democracia e as chamadas “correntes do bem”. Esses tipos de fluxos são disseminados ao “contaminarem” a rede e assim se espalharem pelas conexões. O contágio emocional também provoca sérias “infecções” na rede, pois os estados emocionais são copiados por outras pessoas, pela capacidade de ler a emoção dos outros indivíduos como a alegria e a solidão. Apesar de serem sentimentos opostos, a alegria e a solidão possuem em comum três graus (amigo, do amigo, do amigo) de disseminação (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

Doenças “imaginárias” podem se tornar graves, pela capacidade humana de copiar comportamentos, surtos epidêmicos emocionais podem ser alaistrados dentro da rede e só terminam quando os doentes são separados dos não doentes, ou

² P. S. Dodds et al. “An experimental study of search in global social networks”, Science 301 (2003): 87 -29.

exterminando a paranoia também com uma autoridade que se mostre efetiva e representativa para a rede, eliminando a propagação dessas doenças que podem ser conscientes ou inconscientes. O contrário também pode ocorrer, como as emoções positivas podem influenciar as redes de outra forma. Pessoas felizes e mais próximas têm mais chances de aumentar a felicidade de seus contatos do que as pessoas distantes geograficamente, essas pessoas podem ser amigas, vizinhas e conhecidas, pois também independe do grau de parentesco no caso de pertencer a uma família (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

A solidão, de acordo com Christakis e Fower (2010, p. 47), baseando-se nas pesquisas de John Cacioppo “é um conjunto complexo de sentimentos vivenciados por pessoas cujas necessidades básicas de intimidade e conexão social não são atendidas”. A solidão retrata a desconexão social que, na maioria das vezes, as pessoas tendem a ter quando se sentem sozinhas; ao se reconectarem socialmente, esse sentimento costuma desaparecer. A solidão pode ocorrer tanto dentro como fora da internet, mas a internet pode proporcionar a diminuição da solidão pelo menos em tese, propiciando ao usuário se conectar e participar de redes sociais (CHRISTAKIS e FOWER, 2010).

Em busca da conexão social, muitos usuários têm utilizado as redes sociais digitais para tentar abarcar a solidão. A internet em sua estrutura é uma rede social digital, suas conexões fazem com que os usuários estejam interconectados por seus aparatos tecnológicos, fazendo a ligação entre o mundo real e o mundo digital (PIROCCA, 2012).

De acordo com Young *et al.* (2011), os usuários utilizam a internet e seus recursos para buscar um significado psicológico e uma forma de conexão para desenvolver vínculos emocionais para se sentir próximos uns dos outros. Essas conexões virtuais favorecem as necessidades que não são atendidas no meio real, preenchendo as falhas e carências interpessoais. As limitações pessoais dos usuários, sejam físicas, psicológicas ou emocionais que os impedem de encontrar e de se relacionar com outras pessoas podem ser superadas através da internet, utilizando como método alternativo para se socializar e encontrar uma aceitação que não há na sua realidade.

A internet uniu pessoas com interesses em comum, independente da sua localização geográfica, mas com as facilidades que se apresenta nas redes sociais digitais, o ambiente criado é quase completo, fazendo com que o usuário faça tudo no mesmo local, levando ao abuso de utilização (PIROCCA, 2012).

3.2 A Cultura Tecnológica

Não se consegue acompanhar efetivamente as transformações tecnológicas, mas os que não fazem parte desse processo sentem-se ameaçados com o surgimento dessas mudanças. O crescimento do ciberespaço proporciona um ambiente para a inteligência coletiva que pode auxiliar na aceitação das transformações tecnológicas, definida como um dos motores da cibercultura. A Inteligência coletiva pode ser um dos melhores remédios para aceleração do crescimento tecnológico mutante e desestabilizador, mas, ao mesmo tempo, também pode ser um veneno destruidor para os indivíduos que não aceitam as mudanças e que ficam fora desse movimento metamórfico. Levy (2005, p. 30), complementa “é um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes”.

A tecnologia é concebida e é consequência dos indivíduos que a utilizam. É intrínseco ao homem se relacionar tanto no mundo material quanto no artificial, pois nele se produz, inventa, utiliza e interpreta as criações tecnológicas, fornecendo meios e razões existenciais para os usuários, que acabam sendo produto de uma sociedade e de uma cultura (LEVY, 2005).

A dominação tecnológica dependerá de como se aceita e se lida com as transformações, variando também de acordo com o contexto, o uso e o ponto de vista do usuário, ou seja, como ele encara e quanto ele considera a tecnologia essencial para sua vida. Não é a tecnologia que modifica os seres humanos, são os usuários que consideram os recursos desmedidamente como hábitos e fazem da tecnologia tão imprescindível quanto respirar, não sendo mais, um auxílio, e sim um comandante da vida dessa pessoa (CORREA, 2005; LEVY, 2005).

As discussões sobre a “índole” da tecnologia são diversas, como, por exemplo, quando acontecem impactos negativos parecem ser interpretados para culpar alguém, da mesma forma como acontece nas relações de trabalho, com os fenômenos sociais ou com a dominação. Quando os impactos são positivos, a tecnologia parece não ser a responsável pelo procedimento bem sucedido, o que é atribuído a outros fatores. A ajuda da inteligência coletiva, quando bem desenvolvida, faz com que as tecnologias sejam mais facilmente aceitas, com menos exclusão ou destruição do indivíduo em relação à aceleração do movimento tecnológico cultural (LEVY, 2005).

A cultura digital foi moldada pelos seus fundadores e seus hábitos, principalmente dos moradores do Vale do Silício, sendo diversificada e única, pois várias culturas a influenciaram e a ela acrescentaram. Desde os fundadores até a presente data, essa cultura vem sendo alimentada por todos os tipos de usuários e suas interligações (CASTELLS, 2003).

De acordo com Castells (2005, p. 43), “a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica”. Na década de 70, o novo paradigma tecnológico surge trazendo novas transformações e difundindo o “espírito” de liberdade dos anos 60, trazendo consigo a inovação e a criatividade empreendedora para a cultura do Vale do Silício, com os hábitos diferentes, as diversificação das culturas e, assim, pelas diferentes localizações geográficas, a cultura da internet se tornou única e diversificada (CASTELLS, 2005; MICKLETHWAIT e WOOLDRIDGE, 2001).

De acordo com Castells (2003), a cultura da internet é dividida em quatro partes, juntas, contribuem para a ideologia de liberdade amplamente divulgada na internet, as quatro definições formam a cultura da internet que interage e se interconecta. Sem uma das definições, as outras três não definiriam a cultura maior. São elas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura empresarial, a cultura comunitária Virtual e a cultura Hacker.

A cultura tecnomeritocrática tem suas raízes na academia científica e na ciência, os méritos dessa cultura resultam em contribuir para o progresso comum da humanidade.

Quanto à cultura empresarial, sabe-se que a internet foi moldada em base de alguns usos empresariais, mas essa ajuda foi recíproca, pois também as empresas se desenvolveram com a internet, havendo crescimento mútuo, sobretudo das empresas que se situam no Vale do Silício, onde a inovação empresarial trouxe propulsão às empresas e desenvolvimento também para a Internet.

Já na cultura comunitária virtual, as comunidades servem como um meio de comunicação e trocas de desenvolvimento tecnológico, como uma forma de livre expressão também, sendo definida como instrumentos da organização, construção de significado e ação coletiva.

A cultura Hacker é a cultura informacional, diferentes dos "*crackers*", desordeiros sem lei que bagunçam e quebram códigos ilegalmente, criando caos na conexão, os hackers dizem respeito ao conjunto de crenças e valores da rede de programadores, interagem *on-line* em contribuição com a melhoria e desenvolvimento de *softwares*, sendo reconhecidos pela doação e desenvolvimento de *softwares* inovadores (CASTELLS, 2003).

O Vale do Silício situa-se em Palo Alto, no Estado da Califórnia nos EUA. Por iniciativas e incentivos da Universidade de Stanford na década de 50, fez com que a região servisse de incubadora para novas empresas, em que o planejamento e o desenvolvimento acrescentado à tecnologia, fosse a característica predominante desse parque tecnológico ali instaurado (DE SABOYA, BORIN e MIYASHITA, 2012).

O Vale do Silício ainda abriga grandes empresas no ramo da tecnologia, o lugar transpira inovação e sucesso empresarial, todos que estão concentrados ali esperam ser vencedores. Com hábitos e culturas diferentes, há várias pessoas de diversos locais geográficos, mas que partilham de um mesmo objetivo, demonstrando que a cultura é mais importante do que a tecnologia e a economia por si só (MICKLETHWAIT e WOOLDRIDGE, 2001; CASTELLS, 2003).

De acordo com Micklethwait e Wooldridge (2001), o Vale do Silício possui dez hábitos eficazes que exemplificam a cultura local e ajudam a entender a cultura que influencia diretamente a internet:

- 1) a meritocracia – que se mostra presente na constante renovação dos grupos, principalmente pela integração dos jovens que são de diversas localidades, mas trabalham em união para o mesmo objetivo;
- 2) a tolerância extremamente alta em relação ao fracasso – o que ajuda a encarar as derrotas, os fracassos e as falências como “cicatrizes de duelos”, que são incentivados pelas leis dos EUA e pela falência benigna. Assim, o fracasso representa, às vezes, apenas parte do processo;
- 3) a tolerância à traição – no Vale do Silício não há como guardar um segredo nem pessoas, na Califórnia existem cláusulas da não concorrência em empregos, dificultando "amarrar" as pessoas à empresa;
- 4) a colaboração – representa as alianças de curto prazo e as redes de contatos para negócios e financiamento, empréstimo de pessoas, compartilhamento de ideias e trocas de favores sendo este último um dos hábitos mais fortes no local;
- 5) a propensão ao risco – mostra que não existem problemas e sim oportunidades, as grandes empresas veem as pequenas como um investimento, diferente da maioria dos lugares do mundo que consideram como um investimento arriscado;
- 6) o reinvestimento dos lucros no próprio aglomerado – demonstra que, enquanto em outras partes do mundo as empresas ganham dinheiro e gastam em diversas outras coisas, o hábito local é que o dinheiro retorne para o local de origem;
- 7) o entusiasmo pela mudança – é marcado pelas constantes transformações e as metamorfoses velozes, acompanhadas de rápidas tomadas de decisões estratégicas; o "jogo de cintura" para lidar com tudo de forma eficaz, vem sempre acompanhado pelo medo de ficar para trás;
- 8) a obsessão pelo produto – representa a fundação por estrangeiros obstinados pela tecnologia não apenas para ganhar dinheiro, mas com o

objetivo de desenvolver produtos de sucesso e conquistar maiores parcelas do mercado;

- 9) a generosidade nas oportunidades – em que todos que estão neste local pensam em ficar ricos ou pelo menos têm algum amigo que já concretizou esse objetivo, se ainda não aconteceu para eles é porque ainda não acharam a "mina de ouro" e continuam tentando;
- 10) o compartilhamento da receita – demonstra as atividades das grandes empresas que estão sempre desenvolvendo maneiras de recompensar seu pessoal, já que a rotatividade é alta, dividem o lucro mesmo acompanhado de ingredientes egoístas, pois, nesse ambiente de alta competitividade da "corrida do ouro", é possível facilmente tomar a vaga do chefe (MICKLETHWAIT e WOOLDRIDGE, 2001).

Como parte da vida cotidiana, a internet e sua cultura influenciam diretamente ou indiretamente a cultura dos indivíduos. O cotidiano atualmente é de imensa versatilidade, hoje, realizam-se compras pela internet e recebem-se produtos e serviços em qualquer tipo de localização, as vendas *on-line* estão mais complementando do que substituindo as vendas reais. Os equipamentos portáteis e suas vastas variabilidades estão fazendo desse estilo uma realidade, aos poucos, os hábitos dos usuários "infectados" pela cultura da internet afetam e influenciam o cotidiano real (CASTELLS, 2005).

O mundo digital se transforma a cada segundo, desenvolvendo-se para ser cada vez mais interconectável e ágil, de acordo com Levy (2005, p. 29-30):

...vemos surgir na órbita das redes digitais interativas diversos tipos de formas novas de: isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela); de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais); de dominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede, etc.); de exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo); e mesmo de *bobagem coletiva* (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, "televisão interativa").

Estimulados pelas transformações, os usuários são seduzidos, como o "canto da sereia" ou como um cego que passa a enxergar e olha para a luz encantado. As

informações são dispostas no mundo cibernético de forma a incitar fortemente os sentidos, tornando os usuários facilmente devotos da tecnologia. Segundo Moraes (2011, p. 1):

Conveniência, prazer, conforto, riqueza, aventura, emoção: eis alguns dos valores e sentimentos disseminados com insistência. Nem percebemos o grau de imersão no oceano de estímulos sedutores. Navegamos, como nômades insaciáveis, por canais de televisão e ambientes virtuais que se renovam sem cessar.

A tecnologia desperta curiosidade e encanta pela sofisticação e facilidade, a maioria das pessoas não utilizam todos os recursos de seus aparatos tecnológicos. Deixam-se seduzir pelo *design* tecnológico e pelo *status* em ter algo que as possam representar ou pela quantidade de recursos mesmo que não sejam úteis, desde que sejam inovadores. A cultura da internet é a cultura do dinheiro, do imediato e da gratificação instantânea (CASTELLS, 2003).

Os estímulos sedutores são intensos e cada vez se deseja mais sem a devida reflexão, apenas deixam-se envolver pelas ondas da transformação incessante de novidades. Algumas pessoas adquirem produtos mesmo que não tenham todos os recursos ainda disponíveis, que devem ser lançados nas próximas edições e que concorrem com outros aparelhos idênticos mais sofisticados, mas perdem pelo status, pelo frenesi e pela comoção ao lançamento de um novo produto ou fidelidade pela marca (TORRES, 2009; TELLES, 2011).

De acordo com Levy (2005, p. 130), "certamente a tecnociência, o dinheiro e o ciberespaço fazem do homem um caçador, um proprietário, um dominador mais aterrorizante do que nunca", ao mesmo tempo esse homem que tem poder dado pelos objetos tende a ser submetido à experiência humana da renúncia de ter o poder e ser dominado ao vivenciar a experiência da virtualização.

Para Colvara (2007, p.1), "a angústia da perda do poder é deslocada para o ritual do rompimento de barreiras, da transcendência do ser, da imaterialidade, pela virtualização", as diversificações e a mobilidade estão cada vez mais presentes em celulares, *tablets*, *notebooks*, *netbooks* e outras variações, permitindo ao indivíduo

se tornar mais presente e incessantemente conectado ao mundo virtual (LEVY, 2005; COLVARA, 2007).

3.3 Realidade Virtual

O ciberespaço interconecta pessoas e interesses em comum, quebrando barreiras de tempo e espaço, agrupando informações e unindo indivíduos. Para Correa (2005, p. 5), “a internet não modifica o comportamento dos internautas, na verdade, as pessoas se apropriam da internet e das suas potencialidades e, assim, amplificam a capacidade de se comunicar e de criar”. Os comportamentos podem ser intensificados ou omitidos, fazendo com que os usuários possam ter liberdade para ser quem realmente são ou criar uma nova identidade, participando de grupos com interesses comuns, integrando e se desligando de acordo com suas expectativas (CORREA, 2005).

De acordo com Castells (2003, p. 287):

A internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

Segundo Warren (2009, p. 10), as relações intensas que os usuários possuem na interação com o mundo virtual mostram-se, atualmente, na projeção em seus avatares, pela personificação de um ser virtual, descrevendo uma “cristalização digital de identificação”. O caráter mutável da imaginação é exemplificado na realidade virtual em que o usuário fantasia uma nova identidade, “a espacialidade do corpo é projetada na imagem”. Nos jogos de realidade virtual, as pessoas interagem com a essa realidade e se projetam para dentro dela, tornando espectadores de si mesmas.

Segundo Gevertz (2009, p. 2):

Essas palavras virtuais são imaginadas como dirigidas a um leitor desprovido de corpo, “*wireless body*” como definem os estudiosos. A mente, na realidade virtual, perde a função de operar sobre as experiências emocionais, fornecendo-lhes uma representação simbólica, passando a

reagir pronta e rapidamente aos estímulos, utilizando-se da assim chamada inteligência artificial.

O avatar ou corpo virtual assume a mente e o corpo real, dando margens às representações simbólicas entre o real e o virtual. Segundo Júnior e Silva (2011), o virtual não antagoniza o real, o virtual coexiste com o real, o corpo humano existe e está materialmente na realidade, por isso um não poderá substituir o outro. Casalegno (1999, p.118) relata sobre esse paralelo:

...se comete um erro grave ao falar-se em vida real e em vida virtual, como se uma fosse real e a outra não. Na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual.

Para Gevertz (2009, p. 2), “o virtual não é o imaginário. No imaginário, o real é colorido pelas experiências emocionais. Já no virtual, o real é abstraído, segundo cálculos matemáticos, e apresentado, através da lógica da simulação, como o seu ideal”. O mundo virtual tende a simular uma representação do que seria uma realidade ideal e o usuário participa dessa realidade, com expectativas de conseguir vivenciar virtualmente o ideal almejado por meio de um avatar ou corpo virtual. Ainda para Gevertz (2009, p. 2), “os seres humanos possuem uma sensibilidade à virtualidade, já que são capazes de ser transportados simbolicamente para outros lugares, podendo imaginar o que não está presente e criar abstrações”.

Para Japiassú e Marcondes (2006), o imaginário se define como o antagônico ao real, sendo um produto da imaginação. O virtual tem apenas uma pequena afinidade com o ilusório, imaginário ou falso, mas não é a ausência da realidade. A palavra tem derivação de *virtus* que significa potência, força, sendo oposta ao atual e à complementação do real. O virtual não possui local definido ou um espaço não designável. Cada ser pode inventar seu mundo e o tempo específico para aquele lugar, por exemplo, quando são instaladas as redes ferroviárias em local e como se estivessem conectando fisicamente as regiões em que ela atravessa e afastasse as não conectadas, como se vários espaços e mundos coexistissem paralelamente (LEVY, 2006).

De acordo com Warren (2009, p. 8), um objeto virtual pode ter valor real “a questão aqui não é se eu tomo a imagem como real, mas se vejo definitivamente algo como uma imagem, se eu verdadeiramente vejo uma imagem, em oposição a um mero objeto físico”. Essa dualidade entre o objeto real e o imaginário traz reflexões e um paralelo sobre o imaginário, a virtualidade e o real. Um objeto no mundo virtual pode ser comprado com dinheiro real e ainda não existir fisicamente, como é o caso de objetos para jogos virtuais.

No mundo virtual, encaixa-se perfeitamente a atemporalidade, por ter um tempo próprio, cada usuário determina seu tempo e pode manipulá-lo da forma como quiser. O famoso “passatempo” pode se tornar na verdade um “ladrão” do tempo, se o usuário não tiver controle e domínio sobre o seu próprio tempo, e, assim, pode-se sabotar e em segundos se distrair com informações desnecessárias. Segundo Moraes (2011, p.1):

Diante de nossas retinas, sucede-se um turbilhão de imagens, sons e dados que ora nos convence de que somos privilegiados pela abundância, ora nos atordoa com a impressão de que jamais conseguiremos reter uma ínfima parte dessa aluvião informacional. Porque tudo é perturbadoramente veloz e imediato. O tempo real se dilui e se restaura sem direito a intervalos.

Todas as possibilidades que estão surgindo com a tecnologia e principalmente com a internet levantam questionamentos sobre a utilização do tempo, a busca pelo conhecimento e as informações que rapidamente estão se intensificando. Os *softwares* de navegação estão oferecendo cada vez mais recursos para que os usuários tenham menos mobilidade e fiquem mais tempo no mesmo espaço cibernético, fixando a atenção do usuário no agrupamento de informações em um só espaço, onde o próprio indivíduo deve administrar seu tempo e agrupá-lo da sua maneira. Os sites que agrupam informações disponibilizam ferramentas de manipulação cada vez mais flexíveis para dinamizar e maximizar os resultados desejados (ARAUJO e ROSSI, 2002; ALMEIDA, 2009).

Desde os eletrodomésticos até os mais refinados aparelhos inovadores, permitiu-se, através da tecnologia, que as pessoas não só "ganhassem" tempo, mas também tivessem um maior controle, ordem e organização. A tecnologia possibilitou que os utilizadores tivessem um maior domínio sobre a tarefa que está sendo exercida,

mas, por outro lado, não diminuiu a sua duração. Segundo Levy (2005c, p. 216), "foi calculado que o tempo médio gasto pelas mulheres do interior para cuidar da casa e cozinhar permaneceu mais ou menos igual antes e depois dos eletrodomésticos", a tecnologia permitiu a otimização do tempo, organizando-o de forma diferente, dando aos usuários a percepção de ter gasto menos tempo (LEVY, 2005).

O futuro da atemporalidade que a internet proporciona cria expectativas para a facilitação de atividades. Para Araújo e Rossi (2002, p. 2):

Assim como o rádio não substituiu o livro e a TV não substituiu o rádio, a internet não irá determinar o fim da cidade, embora possa determinar a sua reformulação. A possibilidade de se executar tarefas remotamente de qualquer lugar e a qualquer momento traz uma maior liberdade quanto ao uso do tempo, trazendo com isso maior flexibilidade de movimentação para o ser humano.

Gerenciar o tempo entre trabalho e lazer no mundo *on-line* é um dos desafios dos usuários atualmente. Afinal, a internet e a atemporalidade trouxeram transformações nos horários diários dos indivíduos, fazendo com que, em uma mesma casa, cada um tem o seu tempo e seu mundo particular. Aprende-se a economizar e maximizar o tempo de acesso ao mundo digital, economizando nas palavras. Seja na comunicação por e-mail, seja nas compras *on-line*, cada indivíduo determina a função da internet na sua vida e como ela irá se apropriar do tempo disponível desse usuário (ALMEIDA, 2009; SARAIVA e CABRAL, 2011).

O tempo virtual não linear provoca no usuário uma dependência, mas as variáveis do tempo digital dependem exclusivamente do indivíduo e de sua disponibilidade, sem limites ou obstáculos, o usuário se encontra livre para ser quem quiser, até ser o contrário do que é num mundo incessante e repleto de possibilidades, como, por exemplo, o conforto da compra *on-line* livra os usuários de filas, congestionamentos, tumultos e estresse, oferecendo segurança e protegendo-o de temores reais, mas deve-se ficar atento à índole das pessoas envolvidas nessas transações (SARAIVA e CABRAL, 2011).

Ainda para Saraiva e Cabral (2011, p. 9):

A nova lógica do mundo virtual exige do homem uma imposição individual, estabelecendo limites para o excesso de informação, desenvolvendo o autodidatismo, rompendo fronteiras e preconceitos. Compreende o processo da interação globalizada, e rompe com a propriedade da informação. Além disso, exclui qualquer obstáculo que impossibilite o acesso imediato às informações e alimenta o desenvolvimento da inteligência humana.

Uma mera pesquisa atualmente na internet pode trazer conhecimento em forma de escrita, imagens ou vídeos, desde um simples aprendizado de um nó de gravata até um curso superior *on-line*. As infinitas possibilidades de agregar conhecimento para os usuários são infinitas, basta ter disciplina e determinação para se aprender no meio virtual. Os usuários estão se tornando cada vez mais individualistas, com mundo moldável e próprio, tendo capacidade de ser autodidata e incorporando a tecnologia como uma prótese da mente (TORRES, 2009).

3.3.1 Ciborgues e identidade digital

Um ciborgue pode ser qualquer complemento artificial para aprimorar ou suprir alguma condição humana. Órgãos artificiais, seres geneticamente modificados, implantes, transplantes, enxertos, próteses, anabolizantes, clones, vacinas, bits e bytes que interagem entre máquina e humano. Boa ou ruim, a disseminação dos ciborgues já acontece há algum tempo, as máquinas foram feitas para o aperfeiçoamento humano e a aceitação já foi superada, o que ocorre é que a maioria das pessoas ainda não se deu conta de que são ciborgues (TADEU, 2009).

A simbiose da carne com o silício efetiva os ideais subtendidos do sujeito, ao manifestar seus desejos, surge uma interface do virtual e do não virtual, através das interconexões com computadores, celulares, jogos e outros.

Ainda para Junior e Silva (2012, p. 7), “capazes de emitir informações sensoriais ao corpo, por consequência, subentende-se que a percepção constitui um dos elementos articuladores centrais da unidade humano-máquina”.

Para Tureta e Tonelli (2008), os indivíduos estão se tornando ciborgues ao submergirem na era cibernética. Afinal, as fronteiras entre o humano e as máquinas estão cada vez mais delicadas, pois a grande maioria já se encontra dependente de

próteses tecnológicas para auxiliar na rapidez do dia a dia. O ciborgue tem sentido de potencializar uma fraqueza humana, alternando entre agir como máquina e agir como humano. O computador passou a ser um braço imprescindível para a realização das atividades e, nessa interação máquina-homem, levam-se as “cabeças digitais” construídas pela tecnologia, alterando a identidade das pessoas. A delimitação onde começa e termina seu trabalho foi ultrapassada por meio da tecnologia ao serem contactados através de celulares e e-mails depois do “expediente” de trabalho.

Segundo Júnior e Silva (2011, p. 5), observa-se

o surgimento de uma concepção de ser humano, não mais como ser regido apenas por estruturas fundamentalmente biofisiológicas, e sim, como organismo composto, também, de ações e reações conduzidas por mecanismos cibernéticos.

A representação desse ciborgue no mundo virtual pode ser por meio do avatar. O significado da palavra avatar retoma as infinitas possibilidades que um usuário pode simular de si mesmo, libertando seus desejos antes nunca conquistados, podendo na maioria das vezes se sentir mais realizado como pessoa por ser o que sempre quis ser pelo menos em um mundo, mesmo que seja o virtual. Para Junior e Silva (2011, p. 8):

...impulsiona a ascensão do ciberespaço, como lugar que abunda de possibilidades de ser, viver e sentir, não mais balizadas pelos rígidos ditames da tangibilidade. Nas realidades virtualmente simuladas, assim como na imaginação, é possível saciar a ânsia de ser, ostentadas não somente por atributos estéticos, mas também por uma identidade.

Os avatares surgem também como outra forma de expressão da identidade digital, são criados, às vezes, conforme semelhança do usuário ou ainda proporcionam a esconder aquilo que ele não tem oportunidade de ser no mundo real e o virtual amplia e extingue essas impossibilidades. Segundo Palfrey e Gasser (2011, p. 33), um usuário, “dentro de seus limites, pode moldar sua identidade com cuidado e mudá-la no decorrer do tempo para incorporar mudanças no modo como ela quer ser percebida”. A moldagem da identidade se dá de acordo como os desejos do usuário, dependendo do que o usuário disponibilizar pode favorecer ou trazer

problemas e conflitos. "Nesse sentido, a criação e a revisão da identidade é algo onde ocorre retroalimentação contínua" (PALFREY e GASSER, 2011, p.41).

Nessa linha, destaca-se o jogo *Second Life*, o nome já explicita a "segunda vida" que será representada pelo usuário, dentre outros jogos de MMOGS - *Massively Multiplayer On-line Games* - como o *World War-Craft*, e os jogos de vídeo game com os consoles *Playstation3*, *Kinect* do *X-Box* e o *Wii* que possuem aparelhos que movimentam o personagem digital de acordo com a movimentação do usuário real, aliando a inteligência artificial dos games e ajudando a linha tênue entre o real e o virtual a se desfazer (PALFREY e GASSER, 2011).

Desenvolveu-se, ao longo do tempo, uma grande intimidade do usuário em relação à tecnologia, adornando e constituindo, assim, seu espaço no mundo virtual, através dos perfis das mídias sociais, ou dos avatares já relatados. Criaram-se características próprias na operacionalização dos recursos tecnológicos, mas, se é lançado um aparelho mais novo ou que possua mais facilidade de operacionalização, trazendo mais conforto, a tecnologia antiga é substituída rapidamente (BARRETO, 2011).

Um usuário pode ser qualquer coisa que possa imaginar no mundo cibernético, pois, através da simulação de uma realidade ideal, o indivíduo mistura suas sensações e percepções num ambiente propício e fértil. O indivíduo flexibiliza seu imaginário, tornando o usuário desde um super herói até um vilão temido ou simplesmente possibilitando-lhe fazer coisas que nunca imaginou fazer ou sempre desejou realizar, mas não conseguiria concretizar na realidade. Para Júnior e Silva (2011, p. 7):

No ciberespaço, a ideia de "eu no mundo", dá lugar aos "eus nos mundos", que, ao personificar-se neste(s) território(s), recebe a denominação específica de *avatar*. Na linguagem da informática, esta expressão traduz-se, apenas, por representação gráfica de usuário que utiliza a realidade virtual. No entanto, ao buscar as raízes dessa terminologia, deparamo-nos com significados que remontam à religião hindu, onde, remetem, fundamentalmente, ao fenômeno da encarnação e da transformação/transfiguração de figuras divinas.

De acordo com Carr (2011), os usuários constantes da internet não têm paciência para ler textos longos, a concentração atualmente é mínima, sempre há inquietação e ansiedade, estão sempre famintos por volumes infindáveis de informação

constantes. Mesmo um breve texto on-line é longo demais para que os usuários assíduos captem. Ainda não se sabe completamente o que a internet pode fazer com os cérebros dos usuários, pois o ambiente virtual:

Promove a leitura descuidada, o pensamento apressado e distraído e o aprendizado superficial. É possível pensar profundamente enquanto se surfa na net, assim como é possível pensar superficialmente enquanto se lê um livro, mas não é o tipo de pensamento que a tecnologia encoraja e recompensa (CARR, 2011, p. 162).

Na interação com a internet, o contato físico é apenas para auxílio na navegação com o mouse, os teclados tradicionais, o *touch pad* do *notebook* ou *touch screen* dos *tablets e smartphones*. De acordo com Carr (2011, p. 163), "enquanto realizamos esse movimento, a net descarrega um fluxo contínuo de insumos nos nossos córtices visual, somatossensorial e auditivo", estimulando vários sentidos que são utilizados simultaneamente: a visão, o olfato e o tato. A internet propicia a interatividade com ferramentas para encontrar e interagir com informações e com outros usuários, mas "também nos transforma em ratos de laboratório constantemente apertando alavancas para conseguir diminutas porções de ração social ou intelectual" (CARR, 2011, p.164).

Como se utiliza o cérebro na internet é importante, mas como também os usuários o utilizam fora do ambiente on-line também é. Segundo Carr (2011, p. 167), "assim como neurônios que disparam juntos conectam-se juntos, neurônios que não disparam juntos não se conectam juntos". O tempo que se passa on-line diminui, aquele tempo que antes era utilizado para escrever, dedicado também à reflexão e ao descanso, não dando tempo para o cérebro descansar. Ainda para Carr (2011, p. 167), "o cérebro recicla os neurônios e as sinapses não usadas para outros trabalhos mais prementes. Ganhamos novas habilidades e perspectivas, mas perdemos as antigas".

Para Palfrey e Gasser (2011, p. 209), "a quantidade de informações disponíveis na rede é surpreendente - e potencialmente debilitante". Os estímulos principalmente nos jovens instigam a estar sempre conectados, para que a todo o momento estejam presentes na sua conexão de amigos no meio on-line e não corram o risco de serem esquecidos. As informações digitais disputam entre si para encantar os usuários, as

informações importantes rivalizam com as distrações, sobrecarregando o cérebro. Para Carr (2011, p. 166), "a cacofonia de estímulos da net dá um curto-circuito tanto no pensamento consciente como no inconsciente, impedindo que a nossa mente pense profundamente ou criativamente".

Esses tipos de usuários fielmente conectados e ávidos por um volume imensurável de informações on-line são chamados de nativos digitais. De acordo com Palfrey e Gasser (2011, p. 11):

Os nativos são todos os que nasceram depois de 1980, quando as tecnologias digitais, como a Usenet e os Bulletin Board Systems, chegaram *online*. Todos eles têm acesso às tecnologias digitais e todos têm habilidades para usar essas tecnologias.

Eles estão conectados incessantemente e se comunicam através de *blogs*, redes sociais, SMS e todos os outros tipos de comunicações on-line. Segundo Palfrey e Gasser (2011, p. 33), alguns psicólogos pesquisaram o que leva uma pessoa a disponibilizar informações pessoais no mundo digital. A suposição é de que esses usuários se baseiam nas avaliações das "possíveis compensações versus possíveis riscos" ou a reciprocidade da vida social *online*. Os usuários negociam sua vida digital pela perda da sua privacidade, os usuários ainda se expõem no mundo virtual em busca de fama, status e recompensas financeiras.

Os nativos digitais passam grande parte da vida *online*, sem distinguir entre o *online* e off-line. Em vez de pensarem na sua identidade digital e em sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (PALFREY e GASSER, 2011, p.14).

A tecnologia se faz tão presente que os usuários nem sequer chegam a refletir sobre a possibilidade de não possuírem tais recursos atualmente. Quase não há reflexão sobre como seriam suas vidas e como seria partilhado cada minuto do seu cotidiano nas mídias sociais ou como se relacionariam sem uma comunicação instantânea e visual (MENDONÇA, 2011).

Todo indivíduo busca o sentimento de pertencimento a um lugar ou grupos, muitas vezes, procuram na internet a conexão com o prazer evitando o desprazer. A internet pode ser um "supermercado de desejos", pois as chateações são resolvidas com um clique. Se um site chateou o usuário é só mudar de link e tudo está

resolvido. Se alguém fez piada da sua identidade virtual é só criar outra, as facilidades permitem ao usuário o poder de escolher quem quiser ser e, se der errado, começar de novo sem resquícios do passado (COLVARA, 2007).

Para Abreu *et al.* (2008. p. 10):

À medida que esses internautas se refugiam progressivamente no mundo virtual e se aliviam das experiências de vida, tais comportamentos começam a exibir características muito mais peculiares e intensas daquelas inicialmente apresentadas.

No ambiente virtual, tem-se a possibilidade de não haver ou pelo menos evitar as frustrações e vivenciar o individual. O pensamento se materializa, os indivíduos se constroem e reconstroem continuamente, não é preciso mais criar desejos, pois eles já se encontram prontos e de fácil acesso. Ao sair desse mundo de fantasia, o choque com a realidade traz mais força para a virtualização, como ambiente do prazer, refugiam-se esses indivíduos em suas realizações digitais desmedidas, com identidades fantasiadas, experienciando sem limites o amplo ciberespaço, fazendo com que as identidades não se "esvaziem" rapidamente e assim prolonguem o gozo (COLVARA, 2007).

3.4 Dependência de internet

A insaciabilidade dos desejos com a constante atividade on-line pode levar o usuário à falta de controle, sem limite para quando acessar e quando se desconectar, ocasionando, assim, uma dependência. Para Palfrey e Gasser (2011, p.210), "o vício da internet, a síndrome da fadiga de informações e a sobrecarga de informações estão entre os termos que estão sendo lançados para descrever as novas doenças patológicas da era digital", vários sintomas e distúrbios estão surgindo com o uso em excesso e prolongado da internet.

O poder e a atração crescentes da internet para propósitos como fuga e curta expressão é parte do problema para alguns jovens. A qualidade interativa da internet leva alguns nativos digitais a preferir a "segunda vida" à primeira. Para alguns a internet permite fugir das frustrações da vida real (PALFREY e GASSER, 2011, p. 212).

De acordo com Guerreschi (2007, p. 19), *Dependence* é um termo do italiano que "indica a dependência física e química, a condição na qual o organismo necessita de uma determinada substância para funcionar, e por isso a quer". O termo *Addiction* é originário da língua inglesa e "indica uma condição geral na qual a dependência psicológica impele à procura de um objeto, sem o qual a vida se torna sem sentido".

A dependência de internet ou Internet *addiction* vem sendo pesquisada ao longo dos anos, em busca de dados seguros e um diagnóstico ideal para a classificação dos dependentes ou não da internet. Essa dependência vem preocupando os pesquisadores por se tratar de uma atividade comum à maioria das pessoas atualmente e qualquer usuário pode estar sujeito a perder o controle e se tornar um dependente (YOUNG *et al.*, 2011).

A pesquisadora Kimberly Young foi a primeira a comparar os sintomas dos dependentes de internet com os dependentes dos jogos de azar e perceber que eram semelhantes, pois as duas dependências são relacionadas aos transtornos do controle do impulso. Inicialmente eram constituídas oito perguntas para o diagnóstico e, se houvesse a resposta afirmativa em cinco perguntas, o respondente era considerado dependente de internet, posteriormente, foram se desenvolvendo em outros estudos mais perguntas, chegando ao total atual de 20 perguntas (YOUNG *et al.*, 2011).

Em seus estudos, constataram-se alguns dados interessantes, como: 71% dos trabalhadores em escritório abusam da internet durante as horas de trabalho visitando sites de redes sociais, comprando online, lendo e-mails pessoais ou visitando sites de jogos, pornografia ou apostas. Os indivíduos que sofrem de depressão, ansiedade, distúrbios de fobia social e outros transtornos compulsivos são mais propensos a desenvolver dependência de internet. A terapia cognitivo-comportamental é a forma mais eficaz de tratamento para o vício em internet. As crianças que sofrem de vício em internet são mais propensas a sofrer de depressão, problemas acadêmicos e sociais na escola e estão em maior risco de desenvolver doenças físicas, obesidade, dentre outras (YOUNG, 2012).

A duração do acesso à internet não é tão preocupante se for analisada isoladamente, mas, combinada a outros fatores relevantes, o quadro poderá ser agravado, como o caso do usuário substituir seu momento com familiares, amigos e colegas para ficar on-line. Essa situação é mais relevante que a primeira, por demonstrar que o usuário quer se isolar do mundo real. Outra situação agravante é a fuga de algum problema ou frustração no seu cotidiano, sendo substituído por mais horas na internet para se “distrair” e “esquecer” dessas coisas ruins, sendo um comportamento semelhante ao de um dependente químico, trazendo consequências negativas no campo social e ocupacional (YOUNG *et al.*, 2011).

De acordo com Young (2012), o vício da internet é definido como comportamento compulsivo que interfere na vida normal e provoca estresse grave nas pessoas de convívio com o usuário dependente, provocando alterações também no seu ambiente de trabalho. Apesar de trazer consequências devastadoras ao usuário, a dependência de internet, embora induza prazer, a continuidade da sua utilização é instigada para saciar a ansiedade provocada pela ausência do uso e o usuário experiencia os sintomas de abstinência (YOUNG *et al.*, 2011).

Viciados em internet têm a internet como uma prioridade, sendo ela mais importante do que família, amigos e trabalho, tornando-se o objetivo de vida dos dependentes de internet. Eles estão dispostos a sacrificar o que mais prezam, a fim de resguardar e continuar com o seu comportamento doentio (YOUNG, 2012).

Dependentes químicos acham que necessitam das drogas apenas para se sentir normais. Na dependência de internet, existe uma situação semelhante, a internet fornece aos dependentes tudo que eles precisam para se tornarem dependentes do ciberespaço, optando por um prazer temporário. A dependência de internet segue a mesma natureza progressiva de outros vícios, os dependentes lutam para controlar os seus comportamentos e seu desespero em tentar parar ou diminuir a conexão e fracassam ao tentar fazê-lo. A perda da autoestima cresce, aumentando a necessidade de escapar ainda mais em seus comportamentos de dependência. A sensação de impotência permeia a vida dos viciados, gerando um ciclo vicioso (YOUNG, 2012).

Outros sintomas incluem: tentativas falhas para controlar o comportamento, aumento da sensação de euforia enquanto estiver envolvido em atividades de informática e internet, desprezam amigos e familiares, negligenciam o sono e o cansaço para ficar mais tempo on-line, ser desonesto com os outros e esconder o tempo conectado ou mascarar sua verdadeira identidade, sentir-se culpado, envergonhado, ansioso ou deprimido em detrimento de seu comportamento *on-line*, sofrer alterações físicas, como o ganho ou perda de peso, dores nas costas, dores de cabeça, dentre outros sintomas físicos e a fuga ou isolamento nas outras atividades que antes eram prazerosas (YOUNG, 2012).

Para Young *et al.* (2011, p. 22):

Em vez de lidar com os obstáculos da vida, administrar o estresse do cotidiano e/ou enfrentar traumas passados ou presentes, o dependente responde de forma desadaptativa, recorrendo a um mecanismo de pseudomanejo.

Algumas pesquisas americanas revelam que mais de 50% dos viciados em internet também sofrem de outros vícios, principalmente, como: drogas, álcool, fumo e sexo. Os dependentes em internet também mostraram ter tendência a problemas emocionais, como depressão, ansiedade e utilizar muitas vezes o mundo de fantasia da internet para escapar psicologicamente de sentimentos desagradáveis ou situações estressantes (YOUNG, 2012).

A necessidade de esperar ou de modular nosso desejo geralmente está ausente quando usamos a internet. Em certo sentido, o pensamento se transforma em realidade, instantaneamente, o que é extremamente estimulante (YOUNG *et al.* 2011, p. 178).

Pela internet não possuir fronteiras ou início, meio e fim, o usuário sempre estará tentando buscar e suprir a necessidade de terminar o que iniciou na internet, e como não há marcadores de passagem como existem em jornais e revistas, por exemplo, a atividade nunca é finalizada e o estímulo nunca será totalmente saciado. Viciados em internet também sofrem de problemas de relacionamento em quase 75% dos casos e utilizam aplicações interativas on-line, tais como salas de bate-papo, mensagens instantâneas, ou jogos on-line como uma forma segura de estabelecer novos relacionamentos, com mais confiança para se relacionar com os outros usuários pela internet (YOUNG, 2012).

De acordo com Young *et al.* (2011, p. 32):

Observamos que o estresse situacional, seja ele divórcio, luto, perda recente do emprego ou luta pelo sucesso acadêmico, pode levar a pessoa a usar a internet com maior intensidade. Nem todos os indivíduos que usam a internet como fuga momentânea ou um meio de controlar o estresse situacional se tornam dependentes. Seu comportamento pode ser temporário e desaparecer com o tempo. Mas há casos em que o comportamento passa a ser persistente e constante, e as atividades virtuais se tornam exageradas.

Para o tratamento desse transtorno, as opções são as mais variadas, devendo ser analisado caso a caso para uma melhor reabilitação do dependente de internet. Dentre os tratamentos estão: ambulatório hospitalar, apoio pós-tratamento, grupos de autoajuda, aconselhamento familiar, grupos de apoio e oficinas educacionais para dependentes e suas famílias para ajudá-los a compreender e a orientar, pois alguns aspectos familiares podem contribuir para o aumento do vício. Ao contrário da recuperação de dependentes alcoólicos, por exemplo, que devem se abster de beber para se recuperarem, o tratamento para vício em internet centra-se na moderação e no uso controlado da internet, pois o importante não é abster-se totalmente da internet e sim saber utilizá-la de forma consciente (YOUNG, 2012).

3.4.1 Estudos realizados sobre dependência de internet

Observa-se que o estudo sobre a dependência de internet está sendo realizado em diversos países, e as tentativas de se criar características padrões e chegar a um diagnóstico ideal vem sendo abordada por esses pesquisadores, tornando-se um fato global (ABREU *et al.*, 2008).

Os estudos principais que foram reaplicados datam de 2004 a 2007, a maioria dos pesquisados eram estudantes do ensino médio ou superior, mas também há estudos apresentados com crianças, adolescentes, jovens e adultos de diversas partes do mundo. A metade dos métodos utilizados foi baseada na classificação de Young (1996), mas os tipos de classificação são divergentes e não seguem um padrão. Os resultados se mostram variáveis, por serem utilizados vários tipos de métodos e classificações diferentes, havendo variação entre 0,3% a 37% entre os resultados

dos respondentes classificados como dependentes de internet ou viciados em internet (ABREU *et al.*, 2008).

Tabela 1 – Índices de prevalência relatados nos estudos em populações específicas de dependência de internet

Autor (Ano)	Amostra	Método	Resultados
Cao e Su (2007) ³⁵	Foi avaliado um total de 2.620 estudantes chineses do ensino médio (12-18 anos) provenientes de quatro instituições diferentes	Foram aplicados o Questionário de Dependência da Internet de Beard (YDQ), o Questionário Eysenck de Personalidade, a Escala de Manejo do Tempo e o Questionário de Competência e Dificuldades (SDQ)	2,4% cumpriram critérios para a dependência; 88% dos entrevistados relataram usar regularmente a Internet
Yen et al. (2007) ³⁶	2.114 estudantes de 15 a 23 anos (1.204 homens e 910 mulheres) do ensino médio de Taiwan	<i>Chen Internet Addiction Scale</i> (CIAS); <i>Social Phobia Inventory</i> (SPIN); <i>Chinese Hostility Inventory-Short Form</i>	338 participantes (17,9%) foram classificados como integrantes do grupo de dependência da Internet
Aboujaoude et al. (2006) ³⁷	Foram entrevistados 2.513 adultos americanos ≥ 18 anos através de uma pesquisa por telefone (números aleatórios)	Foram estudados quatro conjuntos de critérios diagnósticos que variam em limiares	Na população estudada, a prevalência variou de 0,3% a 0,7%
Kim et al. (2006) ³⁸	Foi pesquisada uma amostra de 1.573 estudantes coreanos do ensino médio (15 a 16 anos)	Foi utilizada uma versão modificada do <i>Internet Addiction Scale</i> (Young); indivíduos que davam nota > 70 eram identificados como "dependentes de Internet"	1,6% foram classificados como tendo vício em Internet, 37,9% foram classificados como tendo possível dependência de Internet
Ha et al. (2006) ³⁹	Foi pesquisada uma amostra de 1.291 estudantes coreanos, sendo 455 crianças e 836 adolescentes	Foi utilizada a versão do <i>Internet Addiction Scale</i> (Young); K-SADS-PL-K para as crianças e o SCID-IV para os adolescentes; <i>ADHD Rating Scale</i> para ambos os grupos	Do total, 63 crianças (13,8%) e 170 adolescentes (20,3%) apresentaram escore para a dependência da Internet
Ko et al. (2006) ⁴⁰	Foram recrutados 3.662 estudantes do ensino médio de Taiwan (2.328 meninos e 1.334 meninas)	Para a dependência da Internet, utilizou-se a <i>Chen Internet Addiction Scale</i> (CHIN); <i>Tridimensional Personality Questionnaire</i> e <i>Questionnaire for Experience</i>	Do total, 706 adolescentes (19,3%) foram classificados como tendo dependência da Internet. Destes, 564 eram meninos e 142 eram meninas
Huang (2006) ⁴¹	Analisados 959 calouros da Higher Educ. Research da Universidade Nacional Tsing Hua, de Taiwan	Na falta de um critério diagnóstico estabelecido para a dependência da Internet, foi considerado como principal critério ≥ 10 horas/semana despendidas na net	Como resultado, 7,2% foram dependentes de <i>chats</i> e 5,1% foram considerados dependentes de jogos virtuais
Kaltiala-Heino et al. (2004) ⁴²	Como parte de uma pesquisa nacional com adolescentes finlandeses, questionários de auto-administração foram enviados por correio a amostras nacionalmente representativas de pessoas de 12, 14, 16 e 18 anos obtidas do cadastro da população; foram incluídos 7.229 respondentes	Satisfação de quatro dos sete critérios propostos por Young para vício em Internet, que foram desenvolvidos de acordo com os critérios do DSM-IV para jogo patológico	Entre todos os respondentes, 1,7% dos meninos e 1,4% das meninas foram classificados como tendo vício em Internet. Entre os usuários diários (26%), 4,6% dos meninos e 4,7% das meninas preencheram os critérios
Johansson e Gøtestam (2004) ⁴³	Foi pesquisada uma amostra da comunidade de 3.237 jovens noruegueses (12 a 18 anos); os indivíduos foram selecionados por amostragem aleatória do cadastro da população	O vício em Internet foi definido como a satisfação de cinco dos oito critérios propostos por Young	2,0% da amostra foram identificados como tendo vício em Internet; 2,4% dos meninos e 1,5% das meninas foram caracterizados como tendo vício em Internet
Yoo et al. (2004) ³⁴	Foram pesquisados 535 alunos do primário recrutados em uma cidade de médio porte na Coreia (média de idade: 11,0±1,0 anos)	Foi utilizado o <i>Internet Addiction Scale</i> de Young; foi utilizado um escore de ≥ 80 para definir vício em Internet; foi utilizado um escore entre 50 e 79 para definir provável vício em Internet	0,9% (cinco crianças) satisfizes os critérios para vício em Internet; 14,0% satisfizeram os critérios para provável vício em Internet

Fonte: (ABREU *et al.*, 2008, p.5)

Em 1994, iniciaram-se os estudos de Young (1996) em relação ao tema de dependência de internet. Ao observar a rotina do marido de uma amiga, notou que ele ficava horas nas salas de bate-papo e que esse hábito causava transtorno nas suas relações familiares. No início de sua pesquisa, Young (1996) acreditava que a dependência de internet estava associada comumente às drogas e ao álcool e, ao passar dois anos estudando o assunto, percebeu que o usuário dependente de internet se tratava na verdade de um transtorno de controle dos impulsos, diferente dos dependentes de outros vícios (YOUNG, 2012).

Foi publicado em 1996 o primeiro estudo de Young (1996), em que ela pesquisou os hábitos de 605 usuários durante três meses, obtendo 596 respostas válidas. O objetivo do estudo era investigar se o uso da internet poderia ser considerado viciante e também saber quais problemas traria esse abuso. Utilizando uma versão adaptada dos critérios patológicos do jogo de azar definido pelo DSM-IV, 396 respondentes foram considerados dependentes de internet e 100 foram considerados não dependentes.

Nesse primeiro estudo, Young (1996) relacionou e adaptou o DSM-IV do jogo de azar para a dependência de internet, sendo constituído de oito perguntas e, assim, se o respondente afirmasse cinco dos oito critérios, ele seria considerado dependente de internet.

Em 1996, também foi publicado outro estudo de Young (1996), no qual foi relatado o caso de uma dona de casa de 43 anos que antes da internet possuía uma vida comum e nenhuma outra dependência anterior. Três meses após iniciar na internet e frequentar salas de bate-papo, ela ficava 60 horas por semana on-line. A paciente começou a sentir falta de estar conectada, chegando a ficar irritada com a falta do uso. Young (1996) descreveu a sua dependência como semelhante aos sintomas da dependência do álcool. Esse estudo chamou a atenção para a questão clínica da dependência de internet (YOUNG *et al.*, 2011).

Em um estudo realizado em 1997, descobriu-se que, quanto mais os usuários eram dependentes, mais acessavam com o objetivo de fuga, quando estressados, utilizavam a internet para se aliviar de algum sentimento acusado pelo trabalho ou por se sentirem deprimidos, não sendo constatado se a dependência causa depressão e também se a situação contrária também causa, evidenciou-se apenas que a depressão está ligada à dependência de internet e uma contribuiu para a outra (YOUNG *et al.*, 2011).

Depois do primeiro estudo publicado, muitos outros estudos foram sendo apresentados em diversas culturas, demonstrando e procurando a compreensão da dependência de internet, aumentando a conscientização de autoridades

responsáveis e tornando-se uma preocupante questão de saúde pública (YOUNG *et al.*, 2011).

A década de 90 foi marcada por diversas publicações sobre a dependência de internet e vários grupos de apoio e centro de reabilitação foram sendo criados e continuam até a atualidade. Foram criados em meio às publicações vários subtipos de classificação, como os jogos on-line e videogames, jogos de azar, redes sociais e compulsão sexual (YOUNG *et al.*, 2011).

Em 1998, Young publicou o livro *Caught in the net*, ainda sem tradução para o português, no qual a classificação de dependência de internet foi atualizada, foram acrescentadas outras perguntas, totalizando vinte questões. Essa versão é a mais atual e utilizada, foi validada no mesmo ano e nos anos seguintes foi traduzida para os vários idiomas, inclusive em português. Outros estudos foram desenvolvidos e replicados em vários países, demonstrando a crescente preocupação com a dependência de internet (YOUNG *et al.*, 2011).

Young *et al.* (2011, p.14) relata a dificuldade de criar padrões de avaliação e atendimento pelo campo ser diverso e as terminologias na literatura acadêmica variam de “dependência de internet a uso problemático da internet, uso patológico da internet, uso patológico do computador”, e outro fato preocupante refere-se ao fato de haver vários tipos de avaliação (YOUNG *et al.*, 2011).

O livro publicado em 2011 é o primeiro livro a tratar integralmente da dependência de internet, resumindo as pesquisas realizadas até a sua data de publicação, apresentando também alguns problemas, implicações, métodos de avaliação, abordagens e tratamentos com clientes, todos em decorrência do uso excessivo da internet (YOUNG *et al.*, 2011).

Os primeiros estudos procuraram definir dependência de internet e examinaram padrões de comportamento que diferenciavam o uso compulsivo da internet do uso normal. Estudos mais recentes exploraram a prevalência dessa dependência e investigaram os fatores etiológicos ou as causas associadas ao transtorno (YOUNG *et al.*, 2011, p.19).

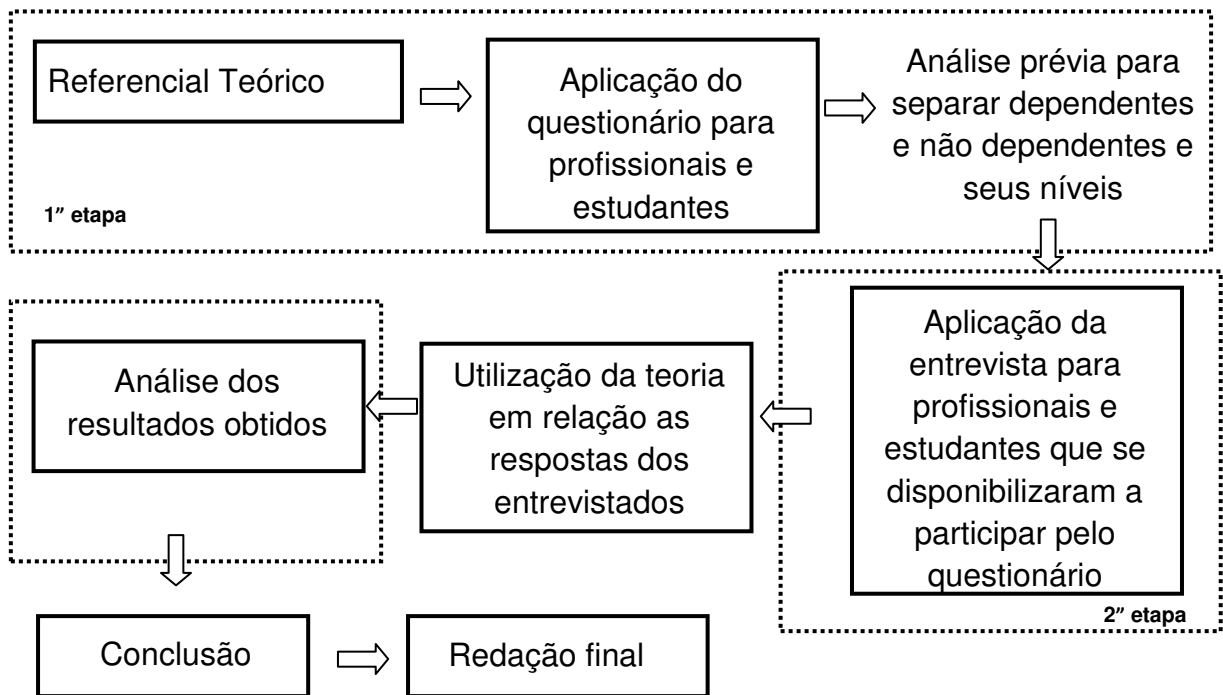
A dificuldade de separar o uso da internet por necessidade e o uso por seu abuso, pode facilmente mascarar o diagnóstico de dependência de internet. De acordo com Young *et al.*, (2011, p.15), a inclusão dessa dependência no DSM-IV “aumentaria a legitimidade clínica do transtorno e favoreceria o desenvolvimento do entendimento científico da natureza dessa dependência”, trazendo oportunidade e novas formas de financiar futuras pesquisas para o tratamento e treinamento (YOUNG *et al.*, 2011).

Young *et al.*, (2011, p.172) afirma que a “dependência de internet será incluída no apêndice do DSM-V para estudos adicionais”. A inclusão da dependência de internet além de trazer financiamentos para futuras pesquisas, irá possibilitar o aperfeiçoamento de um método padrão para aplicação e estudo. As futuras utilizações poderão ser comparadas, contribuindo para a identificação e estruturação do diagnóstico bem como para o tratamento (YOUNG *et al.*, 2011).

4 METODOLOGIA

Abaixo a figura representa a estrutura da metodologia, que orientou a elaboração da pesquisa, demonstrando os métodos e técnicas utilizados para atender e responder os objetivos específicos e assim o objetivo geral.

Figura 1 – Desenho da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, serão apresentadas as caracterizações metodológicas do estudo e a contextualização do ambiente de pesquisa.

4.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa.

Vergara (2005, p.47) define a pesquisa descritiva como aquela que “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza”. Para Gil (2002, p. 42), “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da

experiência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação”.

Foram pesquisados alunos dos cursos de Sistema de Informação e Ciência da Computação de três IES situadas em Belo Horizonte na área de TI e profissionais de quatro empresas na área de Informática que trabalham com prestação de serviços em Belo Horizonte.

Foram selecionados intencionalmente os respondentes pela acessibilidade e disponibilidade, mediante permissão das empresas e das IES. Enviou-se o link do questionário on-line para todos os funcionários das empresas pesquisadas e para todos os alunos dos cursos de Sistema de Informação e Ciência da Computação, obtendo 230 respondentes.

O estudo foi aprofundado com entrevistas aos respondentes que se disponibilizaram respondendo o questionário on-line, sendo esses entrevistados a unidade de análise e observação com 5 profissionais e 5 estudantes entre os variados níveis de classificação de dependência de internet e também usuários comuns.

4.2 Instrumentos de coleta dos dados

Primeiro foram coletados os dados iniciais por meio de questionários on-line utilizando o sistema do Google Docs. Para a coleta de dados, foi enviado para o e-mail dos profissionais e estudantes das unidades pesquisadas um texto explicativo sobre a pesquisa a ser realizada com informações sobre sigilo e o link para o questionário. As perguntas do questionário foram estruturadas com dados demográficos e roteiro do IAT proposto por Young *et al.* (2011), contendo as 20 perguntas para avaliar e classificar dependentes e não dependentes de internet e complementado com outras perguntas, visando alcançar, posteriormente, os objetivos específicos. Esse questionário constitui-se de 59 perguntas apresentadas no Apêndice.

O IAT é um teste validado como instrumento que examina os sintomas do vício em internet, a preocupação do usuário com a utilização da internet, a sua capacidade de

controlar o uso on-line, a extensão de esconder ou mentir sobre uso online e o uso continuado on-line e as consequências do seu comportamento (YOUNG, 2007).

Young *et al.* (2011) desenvolveram e validaram em 1998 o IAT, método a ser utilizado para classificar os usuários em dependentes e não dependentes e as gravidades dos sintomas. Para construção do IAT, foram comparados os sintomas dos dependentes de internet com os dependentes do jogo de azar patológico, utilizando o manual DSM-IV, sendo esse o mais semelhante entre os parâmetros e os critérios apresentados pelos dependentes de internet, pois ambos os comportamentos se referem a um distúrbio do controle do impulso (YOUNG *et al.*, 2011).

No jogo patológico, o indivíduo se preocupa excessivamente com o jogo e o prazer sentido nessa atividade, mas também pode ocorrer pela fuga dos problemas ou pela busca do alívio de uma perda. Mesmo tentando diminuir ou parar, os indivíduos não conseguem, em alguns casos, comprometem seu comportamento social e seu bem-estar físico e mental para continuar alimentando o vício, esse tipo de comportamento se assemelha ao dos dependentes da internet (BALLONE, 2012).

O DSM-IV (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria e elaborado pela OMS - Organização Mundial da Saúde -, constitui fonte em que os profissionais buscam informações para diagnosticar e tratar crianças e adultos, ele contém pesquisas sobre o tipo de abordagens e o tratamento ideal, descrevendo os sintomas e detalhando as síndromes, sua última publicação foi em 1994 (ALLPSYCH, 2012).

Foi comparado se os excessos do uso da internet afetam de forma negativa a rotina dos dependentes, se são evidentes os transtornos que podem estar acarretando às suas vidas e as diferenças e semelhanças entre dependente e não dependente (YOUNG *et al.*, 2011).

Depois de coletados os dados do questionário, foi realizada uma análise prévia para separar dependentes e não dependentes e seus níveis, estes são parte do IAT que

classificam em dependência leve, moderada e grave. Após prévia seleção, foram realizadas entrevistas por meio de roteiro semiestruturado, com pessoas que são dependentes e não dependentes de cada nível e de cada grupo de profissionais e estudantes. Foram entrevistados os pesquisados que se dispuseram a realizar a entrevista, por meio de resposta de disponibilização no questionário on-line (YOUNG *et al.*, 2011).

O roteiro de entrevista foi estruturado de acordo com os objetivos específicos e a maioria das perguntas foram baseadas no diagnóstico de tratamento por Young *et al.* (2011). Ao realizar as entrevistas, foram analisadas as perguntas que os entrevistados responderam com maior pontuação e outros aspectos relevantes, como a quantidade de horas conectadas para fins pessoais e profissionais, e aspectos importantes e que possam ser verificados, inclusive para atestar a veracidade e aderência por meio do questionário e da entrevista. Ao final da entrevista, foi perguntado ao entrevistado se ele queria saber o resultado do seu teste realizado por meio do questionário.

As pesquisas bibliográfica e documental foram utilizadas para caracterização dos grupos pesquisados.

4.3 Instrumentos de análise dos dados

Para análise dos dados do questionário, foi utilizada a estatística descritiva simples, com ajuda das ferramentas do Google Docs e de planilha eletrônica. Os dados foram organizados e analisados em forma de tabelas e pela classificação de Yong *et al.* (2011), sendo quantificados para obter a pontuação: no intervalo de 0-30 pontos foi classificado como um usuário normal, de 31-49 pontos foi classificado como dependente leve, de 50-79 pontos como dependência moderada e de 80-100 pontos como dependência grave de acordo com a classificação de Young *et al.* (2011).

Foram analisados, também, os dados demográficos e as demais perguntas que fazem referência aos hábitos e ao cotidiano virtual dos respondentes.

Para as entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo dos dados. A análise de conteúdo se define como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2006, p. 42).

O conteúdo das entrevistas foi estruturado em três fases: a pré-análise, em que foram organizados os dados do conteúdo das entrevistas registradas e transcritas; a exploração do material e a análise detalhada dos dados; e o tratamento dos resultados com auxílio de planilha eletrônica Excel, A inferência e a interpretação, formando o agrupamento e a sintetização dos dados para análise e interpretação dos mesmos, de acordo com os objetivos da pesquisa, apontado na literatura escolhida para este estudo (BARDIN, 2006).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo aborda aspectos, como: perfil demográfico, rotina de hábitos, dependência de internet e semelhanças e diferenças entre dependentes e não dependentes de internet. Nesses tópicos, serão apresentadas as análises de dados do questionário, seguidas da análise das entrevistas.

5.1 Perfil demográfico e hábitos dos respondentes

Para a realização da primeira etapa do estudo, a pesquisa contou com a participação de 230 respondentes, sendo 70 respondentes do grupo de profissionais da área de TI e 160 respondentes do grupo de alunos da área de TI. Os respondentes, quanto ao gênero, são 84% do gênero masculino e 16% são do gênero feminino entre os estudantes, quanto aos profissionais 70% são do gênero masculino e 30% são do gênero feminino.

Quanto à faixa etária, 46% dos respondentes os estudantes possuem entre 18 a 22 anos de idade, 28% entre 22 a 26 anos de idade, 13% entre 26 a 30 anos de idade, 8% entre 30 a 34 anos de idade, 2% entre 38 a 42 anos de idade, 2% entre 34 a 38 anos de idade, 1% entre 46 a 50 anos de idade. Os profissionais quanto à faixa etária, 27% dos respondentes possuem entre 26 a 30 anos de idade, 23% entre 22 a 26 anos de idade, 14% entre 30 a 34 anos de idade, 9% entre 18 a 22 anos de idade, 9% entre 38 a 42 anos de idade, 7% entre 34 a 38 anos de idade, 4% entre 42 a 46 anos de idade, 4% entre 46 a 50 anos de idade e 3% entre 50 a 55 anos de idade.

Contudo a maior representação dos estudantes está entre jovens de 18 a 22 anos, e entre os profissionais 22 a 30 anos, apresentando uma faixa etária diversificada entre os estudantes e profissionais de TI. Os dados corroboram Palfrey e Gasser (2011), segundo os quais a maioria dos respondentes se encontram na faixa etária dos chamados nativos digitais, considerados pelos autores os nascidos após 1980, período este em que se estabeleceram as tecnologias digitais.

Em relação ao estado civil dos respondentes estudantes, a maioria é solteira (85% dos casos) e 11% é casada, 3% vivem com companheiro, 1% é divorciada ou separada. Quanto aos profissionais 54% são solteiros, 39% casados, 4% vivem com companheiro e 3% são divorciados ou separados.

No que concerne à habitação, os estudantes respondentes 30% moram com 3 pessoas, 23% moram com 2 pessoas, 20% moram com 4 pessoas, 13% moram com mais de 4 pessoas, 11% moram com 1 pessoa e 3% moram sozinhos. Os profissionais respondentes 36% moram com 3 pessoas, 27% moram com 2 pessoas, 13% moram com 4 pessoas, 11% moram com 1 pessoa, 10% moram com mais de 4 pessoas e 3% moram sozinhos.

Em relação à quantidade de filhos, 90% dos estudantes respondentes não possuem filhos, 6% possuem 1 filho, 4% possuem 2 filhos e 1% possui 4 filhos. Os profissionais respondentes 61% não possuem filhos, 24% possuem 1 filho, 10% possuem 2 filhos, 3% possuem 4 filhos e 1% possuem 3 filhos.

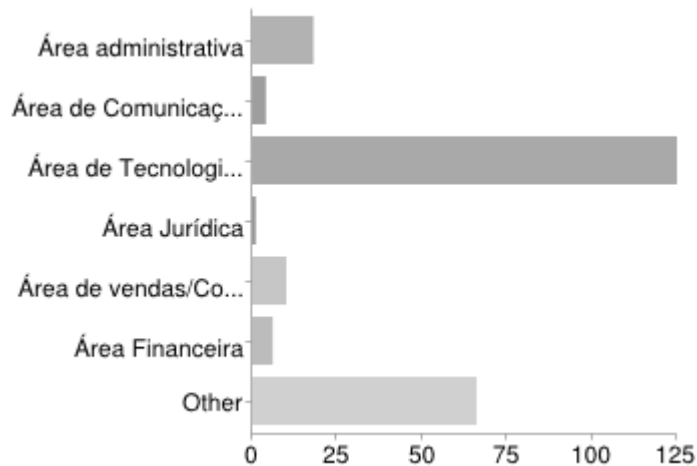
Quanto à escolaridade, 60% dos respondentes profissionais possuem graduação, 30% possuem pós-graduação e 9%, mestrado e 1% possui doutorado. A formação da maioria dos profissionais respondentes compreende as áreas de Ciência da Computação e Sistema de Informação.

Dos estudantes 79% trabalham e 21% não trabalham, os que trabalham estão divididos em 44% dos estudantes respondentes marcaram outros setores e listaram os setores de logística, construção civil, setor público, siderúrgico, 3º setor (ONG), telecomunicações, dentre outros, 36% na área de Tecnologia da Informação, 5% no setor Educacional e também 5% no comércio em geral, 3% no setor bancário e 3% no setor automobilístico.

Sobre o setor da empresa em que os estudantes respondentes trabalham, 53% estão na área de Tecnologia da Informação e 34% em outras áreas, como: área de Planejamento e Desenvolvimento, Técnica, Operacional, Tráfego, Realidade Virtual, Pesquisa, dentre outras. As demais foram 7% na área Administrativa, 3% na área de

Vendas ou Comercial, 1% na área Financeira, 1% na área de Comunicação e Marketing e 1% na área Jurídica.

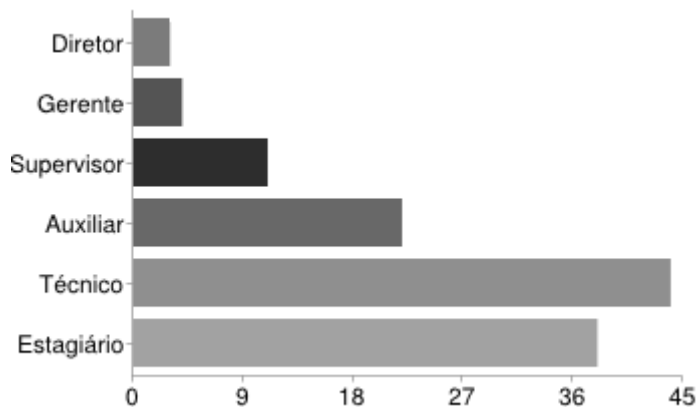
Gráfico 1 - Setor Trabalhado pelos estudantes respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao cargo dos 79% dos estudantes respondentes que trabalham 29% são técnicos, 27% são estagiários, 14% são auxiliares, 7% são supervisores, 3% são gerentes e 2% são diretores.

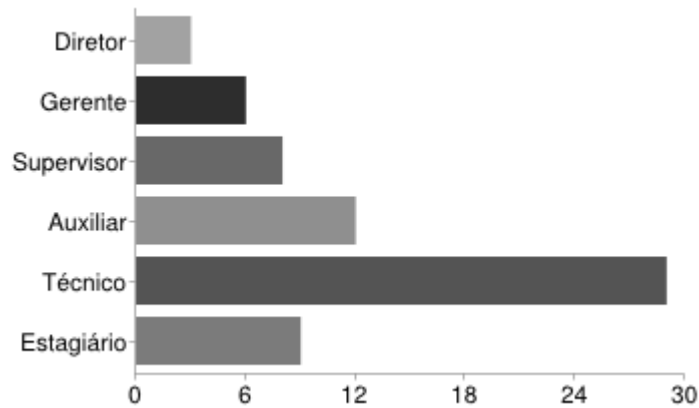
Gráfico 2 - Cargo ocupado pelos studentess respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Os profissionais respondentes se encontram nos cargos técnicos com 41%, auxiliar com 21%, estagiário com 13%, supervisor com 11%, gerentes com 9%, diretores com 4%.

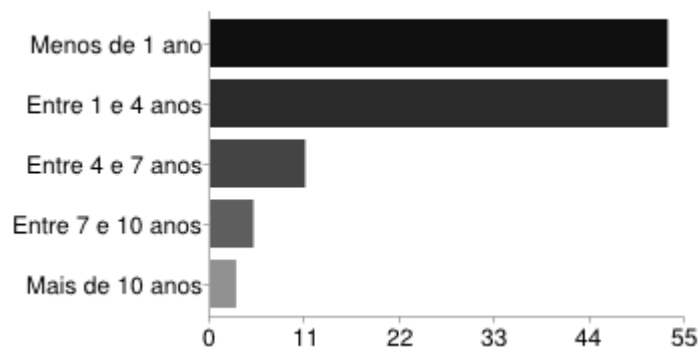
Gráfico 3 - Cargo ocupado pelos profissionais respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao tempo trabalhado na função atual entre os estudantes respondentes, observou-se, entre 1 ano a 4 anos, 33%, com menos de 1 ano, 33%, de 4 anos a 7 anos, 7%, de 7 anos a 10 anos, 4%, e mais de 10 anos, 3%.

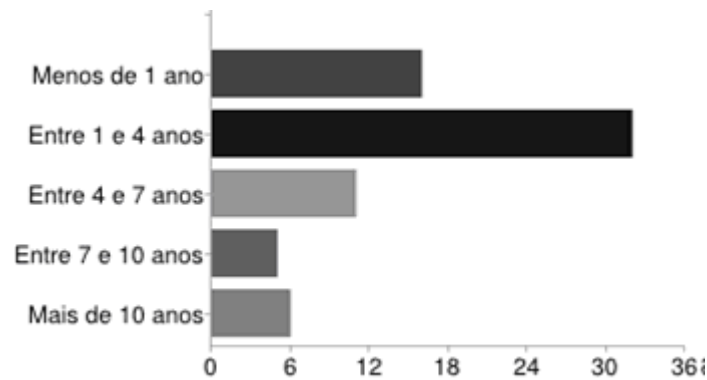
Gráfico 4 - Tempo no cargo atual pelos estudantes respondentes



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao tempo trabalhado na atual função os profissionais respondentes possuem entre 1 ano a 4 anos, 46%, com menos de 1 ano, 23%, de 4 anos a 7 anos, 16%, de 7 anos a 10 anos, 7%, e mais de 10 anos, 9%.

Gráfico 5 - Tempo no cargo atual pelos profissionais respondentes



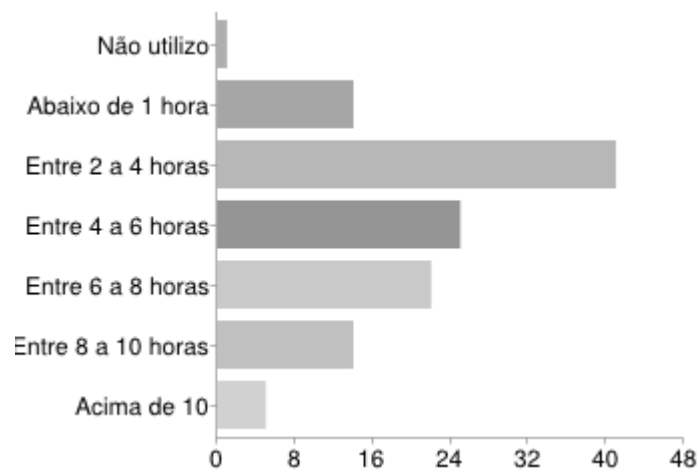
Fonte: Dados da pesquisa.

Para verificar os hábitos dos respondentes, foi questionado se os estudantes respondentes que trabalham necessitavam de trabalhar com computador, 74% afirmaram que necessitam e 5% responderam que não, quanto aos profissionais respondentes todos afirmaram trabalhar diretamente com o computador. Quanto a trabalhar diretamente com internet, 76% dos estudantes respondentes que trabalham afirmaram que necessitam e 3% afirmaram que não necessitam de internet, todos os profissionais respondentes afirmaram necessitar da utilização da internet no trabalho.

O percentual da quantidade de tempo trabalhado diretamente com a internet pelos estudantes respondentes constitui-se em 39% entre 1 ano e 4 anos, 19% entre 4 anos a 7 anos, 9% entre 7 anos e 10 anos, 8% menos de 1 ano, 4% por mais de 10 anos. Quanto aos profissionais respondentes 30% por mais de 10 anos, 26% entre 4 anos a 7 anos, 22% entre 1 ano e 4 anos, 16% entre 7 anos e 10 anos, 6% menos de 1 ano.

O percentual de horas dedicadas diariamente ao uso da internet no âmbito profissional entre os estudantes respondentes foram: 27% entre 2 horas a 4 horas, 16% entre 4 horas a 6 horas, 14% entre 6 a 8 horas, 9% abaixo de 1 hora, 9% entre 8 horas a 10 horas, 3% acima de 10 horas e 1% não utilizam.

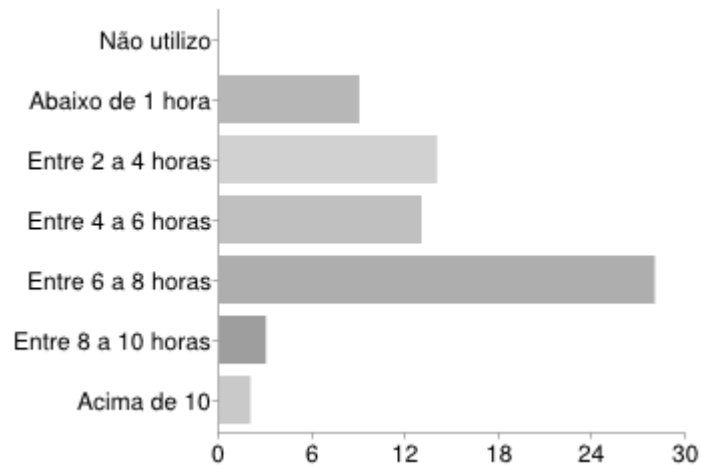
Gráfico 6 - Horas por dia dedicadas ao uso da internet para uso profissional entre os estudantes respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Entre os profissionais respondentes foram: 40% entre 6 a 8 horas, 20% entre 2 horas a 4 horas, 19% entre 4 horas a 6 horas, 13% abaixo de 1 hora, 4% entre 8 horas a 10 horas, 3% acima de 10 horas e 1% não utilizam.

Gráfico 7 - Horas por dia dedicadas ao uso da internet para uso profissional entre os profissionais respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao percentual de horas diárias na internet para uso pessoal, os estudantes respondentes com 50% ficam entre 2 horas a 4 horas, 16% entre 4 horas a 6 horas, 11% abaixo de 1 hora, 8% entre 6 horas a 8 horas, 7% acima de 10 horas, 6% entre 8 horas a 10 horas, 1% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente e 1% não utiliza.

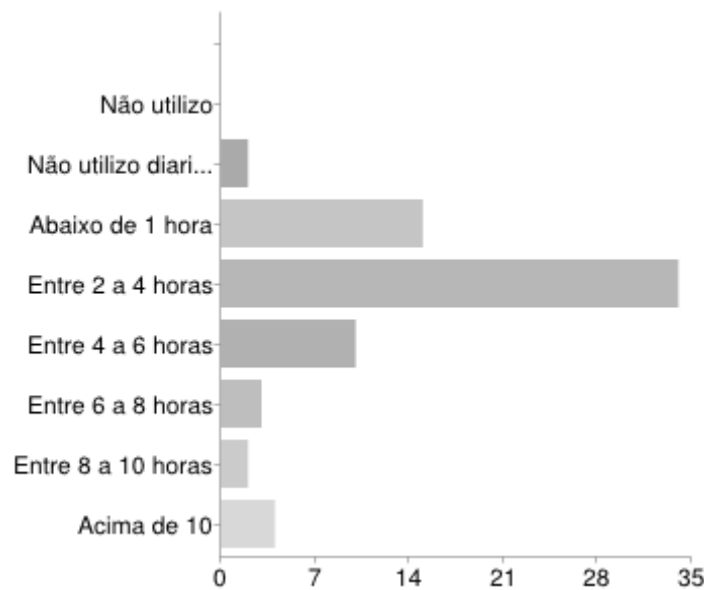
Gráfico 8- Horas diárias na internet para o uso pessoal dos estudantes respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos profissionais respondentes 49% ficam entre 2 horas a 4 horas, 21% abaixo de 1 hora, 14% entre 4 horas a 6 horas, 6% acima de 10 horas, 4% entre 6 horas a 8 horas, 3% entre 8 horas a 10 horas, 3% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente.

Gráfico 9- Horas diárias na internet para o uso pessoal dos profissionais respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

No que concerne ao tempo diário dedicado ao e-mail pessoal, os estudantes respondentes afirmaram que ficam abaixo de 1 hora com 45%, 38% entre 2 horas a 4 horas, 4% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 4% ficam entre 4 horas a 6 horas, 3% entre 6 horas a 8 horas, 3% entre 10 horas a 12 horas, 2% acima de 12 horas, 1% entre 8 horas a 10 horas. Os profissionais respondentes afirmaram que ficam abaixo de 1 hora com 54%, 29% entre 2 horas a 4 horas, 7% ficam entre 4 horas a 6 horas, 4% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 3% entre 8 horas a 10 horas, 1% entre 6 horas a 8 horas, 1% entre 10 horas a 12 horas e 1% não utiliza.

Quanto ao percentual de horas diárias dedicadas ao uso do e-mail profissional, 28% dos estudantes respondentes ficam entre 2 horas a 4 horas, 23% abaixo de 1 hora, 13% entre 6 horas e 8 horas, 8% entre 4 a 6 horas, 3% entre 8 a 10 horas, 2% não utilizam, 1% entre 10 horas a 12 horas e 1% acima de 12 horas. Em relação aos profissionais respondentes 30% ficam entre 2 horas a 4 horas, 29% abaixo de 1 hora, 26% entre 6 horas e 8 horas, 15% entre 4 a 6 horas.

Em relação à quantidade de e-mail profissional, os estudantes respondentes possuem 1 e-mail (47%), 2 e-mails (23%), 3 e-mails (4%), não têm e-mail profissional (4%) e 1% possui 4 e-mails. Quanto aos profissionais respondentes possuem 1 e-mail (69%), 2 e-mails (19%), 3 e-mails (10%), 1% possui 4 e-mails e 1% possui mais de 5 e-mails.

Já o percentual de quantidade de e-mails pessoais utilizados pelos respondentes foi: 43% com 2 e-mails, 24% com 3 e-mails, 14% com 1 e-mail, 12% com 4 e-mails, 6% com mais de 5 e-mails, 1% com 5 e-mails e 1% não possui e-mail pessoal. Quanto aos profissionais respondentes 34% utilizam 2 e-mails, 26% com 1 e-mail, 21% com 3 e-mails, 11% com 4 e-mails, 4% com mais de 5 e-mails, 1% com 5 e-mails e 1% não possui e-mail pessoal.

Em relação ao tipo de tecnologia utilizado para acesso à internet pelos estudantes respondentes, observou-se: 48% acessam pelo *notebook*, 46% pelo computador de mesa (tradicional), 3% pelo celular, 2% por *tablets* e 2% por outros tipos de aparelhos tecnológicos. Quanto aos profissionais respondentes 51% pelo

computador de mesa (tradicional), 44% acessam pelo *notebook*, 3% pelo celular e 1% por *tablets*.

Quanto à quantidade de serviços de mensagens de texto e/ou chat, constatou-se: 31% dos estudantes respondentes utilizam 2 tipos de serviços, 24% utilizam 3 tipos de serviços, 17% utilizam 1 tipo de serviço, 11% utilizam 4 tipos de serviços, 8% utilizam 5 tipos de serviços, 7% utilizam mais de 6 tipos de serviços, 3% não utilizam nenhum tipo de serviço e 1% utiliza 6 tipos de serviços. Quanto aos profissionais respondentes 30% utilizam 2 tipos de serviços, 29% utilizam 3 tipos de serviços, 16% utilizam 4 tipos de serviços, 9% utilizam 1 tipo de serviço, 9% utilizam 5 tipos de serviços, 4% não utilizam nenhum tipo de serviço e 4% utiliza mais de 6 tipos de serviços. De acordo com Colvara (2007) e Levy (2005), as diversificações e a utilização de vários tipos de serviços e aparatos tecnológicos permitem ao usuário se tornarem incessantemente conectados.

Em relação aos estudantes respondentes possuem celular com internet móvel (*smartphone*), foi observado que 61% possuem internet móvel no celular e 39% não possuem. No que tange à quantidade de celulares com acesso à internet móvel (*smartphone*), 61% possuem 1 *smartphone*, 37% não possuem nenhum e 3% possuem 2 *smartphones*. Quanto aos profissionais respondentes foi observado que 69% possuem internet móvel no celular e 31% não possuem. No que tange à quantidade de celulares com acesso à internet móvel (*smartphone*), 69% possuem 1 *smartphone*, 29% não possuem nenhum e 3% possuem 2 *smartphones*. Os dados confirmam as informações do CETIC (2011), pois a internet móvel, por meio do celular, é uma das que mais cresce no país, 97% dos usuários que possuem celular utilizam a internet móvel.

No que concerne ao tempo diário dedicado aos aplicativos de *smartphone* e *tablet*, 39% dos estudantes respondentes não utilizam, 28% utilizam abaixo de 1 hora, 14% entre 2 horas a 4 horas, 9% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 4% acima de 12 horas, 3% entre 4 horas a 6 horas, 2% entre 8 horas a 10 horas e 1% entre 6 horas a 8 horas. Quanto aos profissionais respondentes 33% entre 2 horas a 4 horas, 30% não utilizam, 26% utilizam abaixo

de 1 hora, 9% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 1% entre 4 horas a 6 horas e 1% acima de 12 horas.

Quanto ao tempo diário dedicado aos jogos *on-line* que os respondentes jogam sozinhos, 58% não utilizam, 19% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 13% utilizam abaixo de 1 hora, 9% entre 2 horas a 4 horas e 1% entre 8 horas a 10 horas. Em relação aos profissionais respondentes 79% não utilizam, 11% utilizam abaixo de 1 hora, 7% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente e 3% entre 2 horas a 4 horas.

Quanto aos jogos *on-line* em que os respondentes interagem com mais pessoas, 58% não utilizam, 14% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 14% utilizam abaixo de 1 hora, 11% entre 2 horas a 4 horas 3% entre 4 horas a 6 horas e 1% entre 8 horas a 10 horas. Em relação aos profissionais respondentes 74% não utilizam, 11% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 7% utilizam abaixo de 1 hora e 7% entre 2 horas a 4 horas.

No que tange à quantidade de jogos que os respondentes utilizam com avatar (jogo de interpretação de personagem, personagens semelhantes à pessoa que os cria) 74% não utilizam, 15% utilizam 1 jogo, 5% 2 jogos, 3% mais de 5 jogos, 2% 3 jogos, 1% 4 jogos e 1% 5 jogos. Quanto aos profissionais respondentes 93% não utilizam, 6% utilizam 1 jogo e 1% 2 jogos.

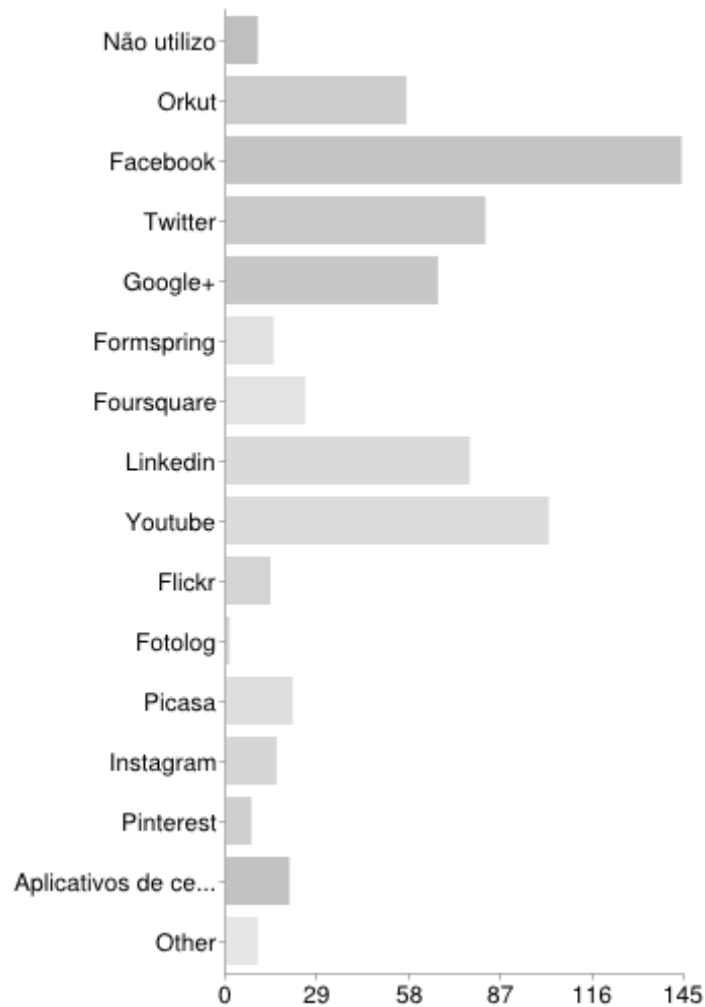
O tempo diário dedicado aos *blogs* mostra que 49% dos respondentes não utilizam, 27% utilizam abaixo de 1 hora, 12% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 11% utilizam entre 2 horas a 4 horas, 1% utiliza entre 4 a 6 horas e 1% entre 10 a 12 horas. Quanto aos profissionais respondentes 50% não utilizam, 26% utilizam abaixo de 1 hora, 16% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 6% utilizam entre 2 horas a 4 horas e 3% utiliza entre 4 a 6 horas.

Quanto aos *blogs* que os respondentes escrevem ou comentam com frequência, 76% não utilizam, 13% utilizam 1 *blog*, 4% utilizam mais de 5 *blogs*, 3% utilizam 2 *blogs*, 3% utilizam 3 *blogs*, 1% utiliza 4 *blogs* e 1% utiliza 5 *blogs*. Em relação aos

profissionais respondentes 79% não utilizam, 10% utilizam 2 *blogs*, 6% utilizam 1 *blog*, 4% utilizam 3 *blogs* e 1% utilizam mais de 5 *blogs*.

No que concerne ao tempo diário dedicado às redes sociais *on-line*, 39% dos respondentes afirmam utilizar entre 2 horas a 4 horas, 34% utilizam abaixo de 1 hora, 8% não utilizam, 7% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 7% entre 4 horas a 6 horas, 3% entre 6 horas a 8 horas, 1% entre 8 horas a 10 horas, 1% entre 10 horas a 12 horas e 1 % acima de 12 horas. Quanto aos profissionais respondentes 37% utilizam abaixo de 1 hora, 27% afirmam utilizar entre 2 horas a 4 horas, 16% não utilizam diariamente apenas algumas vezes semanalmente, 9% não utilizam, 7% entre 4 horas a 6 horas, 3% entre 6 horas a 8 horas e 1% entre 10 horas a 12 horas.

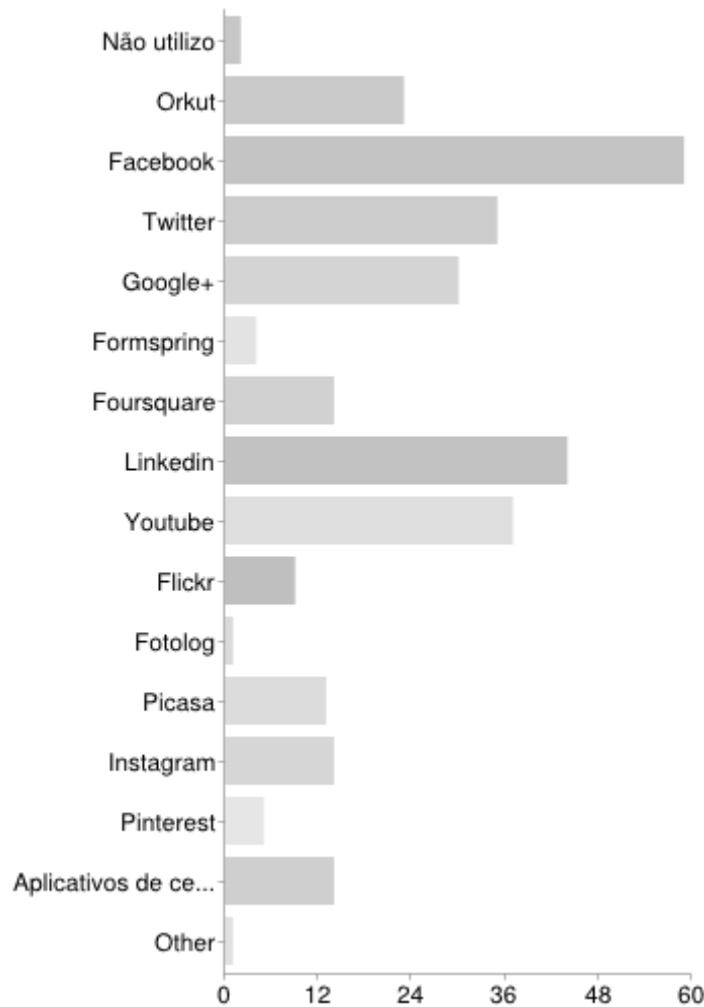
O perfil das redes sociais *on-line* utilizadas pelos estudantes respondentes foram 90% utilizam o *Facebook*, 64% utilizam o *Youtube*, 51% utilizam o *Twitter*, 48% utilizam o *Linkedin*, 42% utilizam o *Google+*, 36% utilizam o *Orkut*, 16% o *Foursquare*, 13% utilizam aplicativos de celular, 13% o *Picasa*, 10% utilizam o *Instagram*, 9% o *Flickr*, 9% o *Formspring*, 6% outros tipos de redes sociais *on-line* não mencionadas, 6% não utilizam redes sociais *on-line*, 5% o *Pinterest* e 1% o *Fotolog*.

Gráfico 10 - Redes sociais *on-line* que os estudantes respondentes utilizam

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Quanto aos profissionais respondentes 84% utilizam o *Facebook*, 63% utilizam o *Linkedin*, 53% utilizam o *Youtube*, 50% utilizam o *Twitter*, 43% utilizam o *Google+*, 33% utilizam o *Orkut*, 20% utilizam o *Instagram*, 20% utilizam aplicativos de celular, 20% o *Foursquare*, 19% o *Picasa*, 13% o *Flickr*, 7% o *Pinterest*, 6% o *Formspring*, 3% não utilizam redes sociais *on-line*, 1% outros tipos de redes sociais *on-line* não mencionadas e 1% o *Fotolog*.

Gráfico 11 - Redes sociais *on-line* que os profissionais respondentes utilizam

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Os respondentes em sua maioria conhecem pessoas que são tímidas no mundo real e extrovertidas no mundo virtual, 57% afirmam conversar da mesma maneira seja no ambiente virtual, seja no real, 55% não conhecem pessoas que participam de sua rede social on-line que, quando se encontram fisicamente, não se cumprimentam nem conversam.

De acordo com os dados demográficos apresentados neste tópico, a idade foi diversificada tanto no grupo dos profissionais quanto nos estudantes respondentes, entretanto com maior concentração entre jovens de 18 até 30 anos, faixa etária esta que compreende os nativos digitais de acordo com Palfrey e Gasser (2011). O gênero predominante entre os dois grupos foi o gênero masculino. No que se refere ao estado civil, destacaram-se os solteiros.

A maioria dos estudantes respondentes trabalham e estão na área de TI, porém estão alocados em diversos setores da empresa e, quanto ao cargo, a maioria é constituída por técnicos ou estagiários em ambos os grupos de profissionais e estudantes. Quanto ao tempo trabalhado no cargo atual, estudantes e profissionais possuem, em sua maioria, até 4 anos de experiência.

De acordo com a rotina de hábitos descritos neste tópico, constata-se que a maioria dos respondentes estudantes e profissionais, necessita trabalhar com computador e também de trabalhar com a internet. O tempo dos estudantes e profissionais respondentes trabalhado diretamente com a internet foi de 1 a 7 anos, as horas dedicadas diariamente ao uso da internet no âmbito profissional pelos profissionais respondentes foi de 6 a 8 horas, já os estudantes respondentes, houve uma variação de 2 horas a 8 horas diárias. O uso do e-mail profissional foi abaixo de 1 hora até 8 horas diárias e a quantidade de e-mails profissionais foi apenas 1 e-mail., em ambos os respondentes. O tipo de tecnologia utilizada para acesso foi o *notebook* ou o computador convencional.

Para estudantes e profissionais as horas diárias na internet para uso pessoal foram de 2 a 6 horas, o tempo dedicado ao e-mail pessoal foi abaixo de 1 hora até 4 horas diárias e a quantidade de e-mails pessoais ficou entre 2 a 3 e-mails. A quantidade de serviços de mensagens de texto e/ou *chat* que os respondentes utilizam foi de 2 a 3 tipos de serviços. A utilização dos celulares móveis representou a maioria dos respondentes que possui apenas 1 *smartphone*, e o tempo dedicado aos aplicativos de celular (*smartphone*) e *tablets* foi pelo período de algumas vezes na semana até 4 horas diárias.

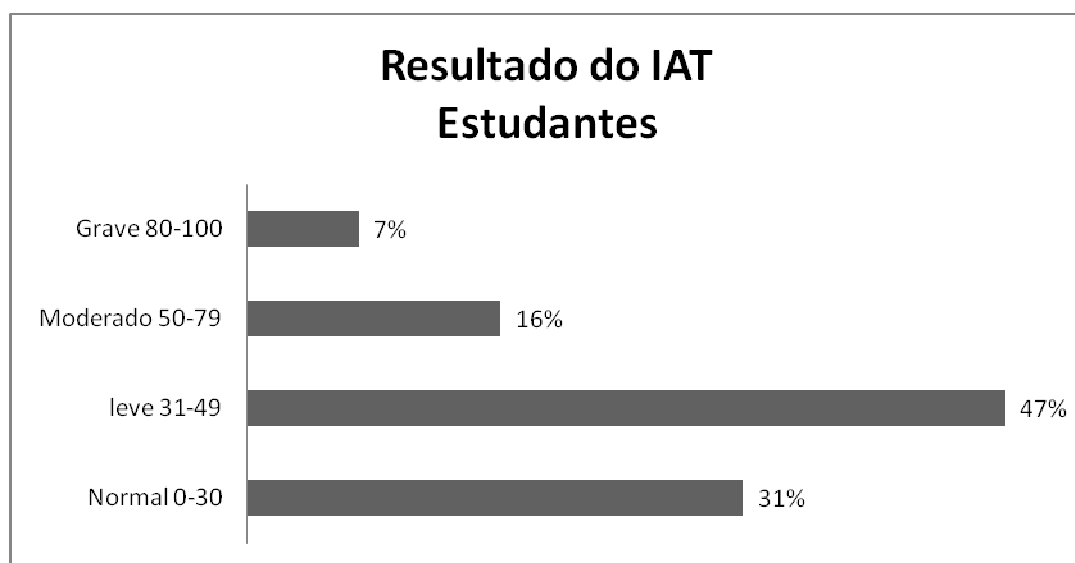
Quanto ao tempo diário dedicado aos jogos *on-line* – sejam aqueles em que os respondentes jogam sozinhos, sejam aqueles em que interagem com mais pessoas, ou aqueles em que utilizam avatar – observou-se que a maioria dos respondentes estudantes e profissionais não utilizam. O tempo dedicado aos *blogs* foi pelo período de algumas vezes na semana até 4 horas diárias, a maioria dos respondentes não utilizam *blogs*. O tempo dedicado às redes sociais *on-line* foi demonstrado no período abaixo de 1 hora até 4 horas diárias e a quantidade de redes sociais *on-line*

foi, em primeiro lugar, o *Facebook*, em segundo, o *Youtube*, em terceiro, o *Linkedin* e, em quarto, o *Twitter*.

5.2 Resultados do teste de dependência de internet

Foi aplicado aos estudantes e aos profissionais respondentes o teste IAT criado por Young (2011) para classificá-los em dependentes e seus níveis - sendo eles: dependente leve, dependente moderado e dependente grave - e também em usuários não dependentes, sendo estes os usuários normais. Os 160 estudantes participantes se classificaram em 47% em dependentes leves, 31% em usuários normais, 16% em dependentes moderados e 7% em dependentes graves.

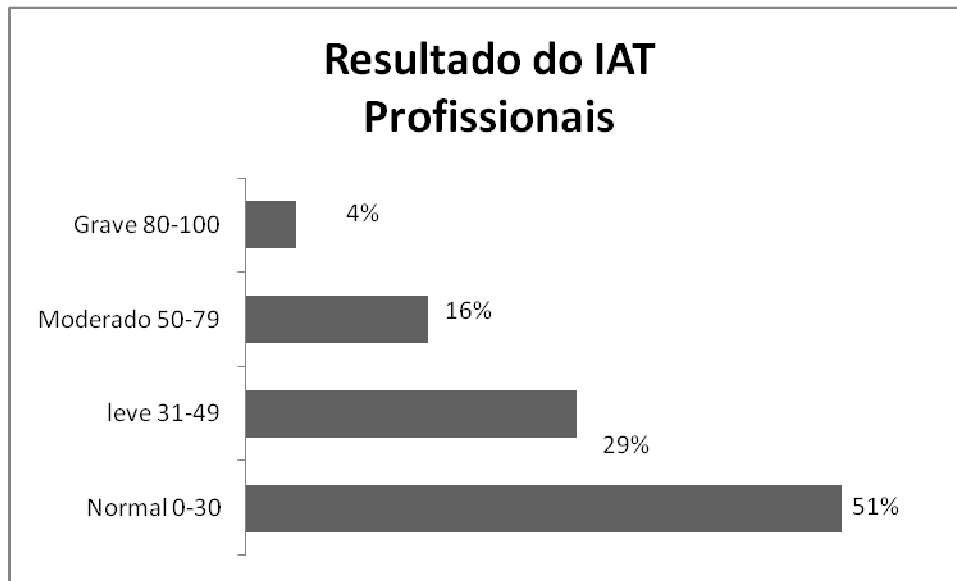
Gráfico 12 - Percentual do resultado do teste IAT dos estudantes respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Os 70 profissionais respondentes foram classificados em 51% como usuários normais, 29% como dependentes leves, 16% como dependentes moderados e 4% como dependentes graves.

Gráfico 13 - Percentual do resultado do teste IAT dos estudantes respondentes



Fonte: Dados da pesquisa

Constata-se, assim, que a maioria compreendeu entre estudantes dependentes de internet com 70%, já entre os profissionais a maioria com 51% sobressaiu o nível de utilização de usuários comuns.

5.2.1 A Percepção da dependência de internet pelos entrevistados

A segunda etapa constitui-se pelas entrevistas. Foram chamados 10 respondentes que se dispuseram a participar desta fase deixando seu contato no questionário *on-line*. Esse grupo foi composto de 9 homens e 1 mulher, 5 são profissionais e 5 são estudantes.

Os entrevistados foram classificados da seguinte forma: um profissional e um estudante como dependentes graves, um profissional e dois estudantes como dependentes moderados, um profissional e um estudante como dependentes leves, e dois profissionais e um estudante como usuários comuns. Os participantes, ao final da entrevista, foram informados mediante o seu consentimento sobre a sua classificação no teste IAT.

Os entrevistados profissionais e estudantes foram questionados sobre o que é dependência de internet na sua percepção e a maioria acredita que o usuário

dependente é aquele que tem a necessidade de se conectar, mas não consegue sair da internet, se “desligar” e que, quando o usuário fica sem internet, sente falta. Esses dados estão apresentados na TAB. 1.

Tabela 2 - Dependência de internet na percepção dos entrevistados

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Ter a necessidade de estar conectado e não conseguir se "desligar"	7	70%
Quando não tem internet sente falta	4	40%
Quem utiliza a internet de vários meios e em qualquer lugar	3	30%
Os dependentes têm sintomas de abstinência ao ficar sem utilizar	2	20%
As pessoas dependentes ficam nervosas e impacientes quando deixam de utilizar	2	20%
A pessoa deixa de viver no real para viver no virtual	2	20%
Os dependentes são como alguns asiáticos que morrem na frente do computador	1	10%
Quem navega sem rumo, freneticamente	1	10%
Quem acha que tem que resolver tudo rápido e toda hora	1	10%
Acredita que já é normal a pessoa estar com tempo livre e ficar direito no computador	1	10%
A pessoa que não consegue interagir pessoalmente	1	10%
Todos os usuários são dependentes, viciados só alguns	1	10%
Acredita que não é dependente o profissional que trabalha na internet	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Os dados corroboram Young (2012), segundo o qual um dos sintomas da dependência de internet é o usuário tentar diminuir ou controlar o uso da conexão e não conseguir, bem como os outros tipos de dependência que, quando a pessoa não tem sua fonte de prazer, sente falta. Para exemplificar, apresenta-se abaixo o relato do profissional (1).

Talvez pelo fato da pessoa que fica sem usar, ela começa a ter realmente algum sintoma de abstinência mesmo assim, fica nervosa, impaciente né. Isso aí, e você sabe que a pessoa é uma pessoa que usa muito né, e tá sem usar ali naquele momento ali, e você percebe claramente que é pelo fato de não estar usando que ela está daquele jeito né. Então, isso pode caracterizar uma dependência né. E o que é comum, você vê casos, por exemplo, na Ásia principalmente né, de pessoas que morrem na frente do computador porque ficam quarenta e oito horas usando sem parar. Isso você vê que são pessoas totalmente dependentes né, tecnológicos né. (P1)

São levantados pelo profissional (1) os casos extremos da Ásia para confirmar seus relatos anteriores, ele acredita que os dependentes graves sofrem crises de abstinência como qualquer outro tipo de dependente. O profissional (2) acredita que todos os usuários são, de certa forma, dependentes de internet e os casos de necessidade extrema são, para ele, viciados e não dependentes.

Eu acho que é ter a necessidade de estar conectado né. Assim, dependência eu acho que todo mundo é dependente, de um jeito ou de outro né. Assim, por exemplo, eu sou dependente, tenho que ficar mandando e-mail, tem que olhar, fico olhando *Facebook*, tudo. Agora, ter dependência de estar conectado mesmo, tipo vício mesmo é quando você tem que estar conectado pra, sei lá, por algum motivo assim. (P2)

O estudante (3) demonstra como acredita ser a dependência de internet na sua percepção.

É você estar desconectado, você não tem nenhuma forma pra conectar e querer tá, e assim esquecer da sua vida real sabe? “Meus amigos são só na internet, eu só converso com meus amigos na internet, eu não saio, eu não vou em algum lugar”, porque hoje em dia dependência de internet é fácil né. É muito fácil estar conectado. Ela tá em casa e se não tiver nada pra fazer ela vai pro computador. Então, isso já virou uma normalidade né, na internet assim, a pessoa tá sempre conectada. Então, uma dependência, a maior prova disso é ela não conseguir ficar fora disso sabe? Tipo, “eu tô numa festa, eu tenho que ficar *twittando* tudo que tá acontecendo na festa” ou “eu tenho que tirar fotos e postar agora, porque se eu não postar agora não vai ser legal, eu não vou ser a pessoa”, sabe. Isso sim pra mim é uma dependência. É tipo, ela realmente não conseguir interagir com as pessoas sabe, é ficar o tempo inteiro com o celular ou com o *tablet* na mão mexendo sabe, sem ter necessidade [...] (E3)

O estudante (3) acredita que a pessoa dependente de internet não dá atenção às coisas que estão acontecendo na vida real e tudo o que vivencia e também os seus relacionamentos são digitais. Ficar no computador para passar o tempo em sua percepção já é normal, mas acredita que quem consegue se “desligar” da internet, interagir e aproveitar os momentos reais é um usuário comum.

De acordo com Young (2012), os dependentes de internet são acometidos pelo comportamento compulsivo, interferindo de forma destrutiva na vida pessoal e profissional do usuário, provocando estresse no indivíduo e nas pessoas com quem ele convive. A internet, assim, torna-se a finalidade de sua vida, sacrificando qualquer coisa em favor dela. Nesse sentido, os dependentes sofrem quase os mesmos comportamentos de dependentes de outros vícios, como as crises de abstinência.

Ao analisar o comportamento dos dependentes de internet na percepção dos entrevistados, a metade deles acredita que é uma pessoa que fica o tempo todo conectada, ainda há relatos menos expressivos que acreditam que o dependente,

quando fica sem utilizar, fica aborrecido, nervoso, e que, por só querer saber de internet, se isola do mundo real e dedica pouco tempo para as coisas reais.

Tabela 3 - Comportamento de dependentes de internet na percepção dos entrevistados

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
É a pessoa que fica o tempo inteiro conectado	5	50%
O dependente sem utilizar fica aborrecido, nervoso	3	30%
A pessoa só quer saber de internet e se isola do mundo real	3	30%
O dependente dedica pouco tempo para as coisas reais	3	30%
Sua alimentação é desregrada e em horários que não são convencionais	2	20%
É a pessoa que interage frequentemente na internet	1	10%
É a pessoa que dorme tarde e tem o sono desregrado	1	10%
A pessoa, mesmo não estando conectada, continua falando de internet	1	10%
É a pessoa que se expõe demais na internet e posta coisas desnecessárias	1	10%
Acredita ser usuário normal, mas, quando fica sem, não consegue se controlar	1	10%
A internet acaba sendo a segurança da pessoa, longe, ela fica sem lugar	1	10%
Não considera o comportamento dos profissionais	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Abaixo o relato do estudante (5) para exemplificar, na sua visão, o comportamento de uma pessoa dependente de internet.

Comportamento de uma pessoa dependente é como o comportamento de uma pessoa normal, com o diferencial de que ela fica mais ligada com aquela dependência dela do que com as outras pessoas, então se eu sou uma pessoa normal o meu amigo é dependente de internet ele é muito mais fissurado na internet do que eu e se ele ficar sem aquilo causa uma mudança no comportamento dele eu creio que a pessoa ela via ficar mais ansiosa, mais irritada, talvez um pouco mais agressiva, eu falo porque tem dependente de droga na minha casa então eu sei como é a pessoa que é dependente, então eu imagino que se você mudar a realidade da internet fica quase a mesma coisa. (E5)

Nesse relato, o estudante (5) compara o comportamento de um dependente de internet com o comportamento de um usuário de drogas e acredita que o dependente é como uma pessoa comum, mas, nas questões que o tornam dependente, ele se torna mais fissurado, mas ansioso, irritado e agressivo.

O relato do entrevistado corrobora Young (2012) que considera que a dependência de internet segue a mesma natureza dos outros vícios, oferecendo um prazer temporário em que os usuários dependentes tentam controlar seu comportamento e fracassam, a sensação de impotência os atinge envolvendo-os em um ciclo vicioso.

Quanto ao comportamento de um usuário comum, metade dos entrevistados acredita que é aquele que utiliza a internet quando precisa e no horário e quantidade necessários.

Tabela 4 - Comportamento de um usuário comum na percepção dos entrevistados

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
O usuário utiliza quando precisa no horário e quantidade que precisa	5	50%
Uma pessoa que utiliza a internet algumas horas do dia	3	30%
O usuário gosta de estar informado, email, redes sociais, mas em um padrão aceitável	2	20%
Quem consegue ter vida social e ter tempo para a família	1	10%
Acredita que entrar em média cinco vezes por dia nas redes sociais não é exagero	1	10%
Trabalhar e ir para casa	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Em relação ao comportamento de um usuário comum, os entrevistados listaram características de usuários que utilizam a internet de forma apenas para suprir o necessário e conseguem aproveitar os acontecimentos e as pessoas fora do mundo *on-line*.

Os entrevistados foram questionados se consideravam a si mesmos como dependentes de internet, 5 responderam que sim e 4 das respostas dos entrevistados foi não. Ao comentarem sobre suas percepções, afirmaram ser dependentes do ponto de vista do sustento, necessitam da internet para trabalhar e estudar, para não perder a comunicação com as pessoas e acreditam que existe a dependência por necessidade.

Tabela 5 - Autoavaliação do usuário em relação a dependência de internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Dependente do ponto de vista do sustento	4	40%
Necessita da internet para estudar e trabalhar	2	20%
Acessa mais para não perder a comunicação com as pessoas	2	20%
Acredita que existe a dependência por necessidade	2	20%
Acredita que esta em uma fase de tratamento, desintoxicação	1	10%
Acredita ser <i>Workholic</i> ³ , pois a internet é mais para trabalho	1	10%
Conseguiria viver sem internet	1	10%

³ *Workholic** - Termo norte americano utilizado para designar pessoas que trabalham em excesso.

(continuação)		
Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Já foi muito dependente de internet	1	10%
O tempo que não está entre a família sente falta da internet, mas consegue separar	1	10%
Está sempre conectado, são poucas as atividades que não fica <i>on-line</i>	1	10%
Gosta do que a internet proporciona, às vezes, abusa um pouco	1	10%
Se ficasse sem seria ruim, mas não seria "o fim do mundo"	1	10%
Fica muito tempo por causa da área de TI	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Ressalta-se que, apesar de utilizarem respostas diferentes, a maioria relata a sua necessidade da internet. Para exemplificar, a seguir algumas falas dos entrevistados sobre se considerarem dependentes de internet.

Ah, bastante. Mais do que deveria. Assim, eu considero que eu tenho uma certa dependência na questão de precisar da internet pra fazer, pelo trabalho, essas coisas assim. Mas eu acho que eu conseguiria viver sem. Não imagino sem, mas acho que iria me adaptar mais fácil é, não tão difícil. Não acho que sou viciado não. Tanto que, sei lá, deletar o *Facebook* tem gente que não conseguiria né?. Eu não acho tanto assim. Por mim eu entro mais tipo, pra não perder o contato com as pessoas que eu não tenho né? Mas aí, a gente se vira. (P2)

Nossa com certeza, com certeza eu uso muito porque eu sou da área de TI porque eu consigo me desligar muito fácil, se eu precisar desligar eu desligo e não acho que é o fim do mundo é ruim ficar, mas não é o fim do mundo eu não tenho essa coisa de a eu vou ficar sem internet é ruim ficar mas não é o fim do mundo. (E5)

Observa-se que, apesar de o profissional (2) e o estudante (5) usarem como subterfúgios o trabalho e a área de TI, relatam, ao final, que se consideram dependentes de internet, ao relatarem que talvez conseguissem ficar sem a internet.

Pode-se dizer que eu estou em fase de tratamento. De desintoxicação, já fui muito dependente de internet. Agora não muito. Porque quando a gente vai ficando, muito tempo, muito tempo, muito tempo, muito tempo, você cria toda a sua relação com o mundo exterior está ali dentro daquele contexto. (P3)

Um pouco. Mas tipo porque, essas coisas, eu sempre tô conectado, no serviço eu tô conectado, em casa eu tô conectado, na faculdade eu tô conectado. Eu te falei, só não tô conectado quanto tô dormindo e tô no ônibus né. Mas na balada eu não vou conectar porque quando eu saio assim, barzinho eu quero interagir com meus amigos, eu quero conversar com meus amigos, então eu não conecto. Aí basicamente é isso. Mas isso eu sou um pouco dependente. (E3)

Ambos os relatos se mostram ambíguos e nenhum tem totalmente certeza do que afirmam quanto a ser dependente de internet. Aparentemente, percebe-se que ambos não conseguiriam viver sem a internet, seja por estarem na área de TI, seja por necessidade de estarem conectados constantemente e alguns não se imaginam sem conexão, mas acreditam que talvez pudessem se adaptar sem internet.

Foi relatado aos entrevistados como era realizada a classificação de Young *et al.* (2011) e, ao final, foi revelado, com seu consentimento, se era dependente ou não de internet e, se fosse, em qual nível se encontrava. Foram conferidas, ao longo da entrevista, também as perguntas respondidas do questionário com maior pontuação, ou questionadas ao final da entrevista e as que não se confirmaram ao longo desta.

Todos os participantes da entrevista quiseram saber o resultado, 30% acreditaram que o resultado foi satisfatório, 30% acharam que estariam no grave ou que o resultado seria em um nível mais elevado, outros ficaram surpresos, com medo de saber o resultado ou pensaram que o teste havia dado o resultado errado, mas, quando questionados pelas perguntas que responderam, todos afirmaram que responderam com sinceridade.

Tabela 6 - Percepção do usuário em relação ao resultado

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Sente-se normal em relação ao resultado	1	10%
Acredita que se existe é para ser usado, mas com moderação	1	10%
A internet para lazer e trabalho é a mesma	1	10%
Talvez desse moderado, pois até ele é aceitável	1	10%
Está tentando mudar, desconectar e viver um pouco mais	1	10%
Quando se tem mais noção da situação fica mais fácil para tratar	1	10%
O ser humano está cada vez mais conectado, em uma situação caótica	1	10%
A internet é essencial para exercer a profissão	1	10%
Acreditava que daria dependência	1	10%
Ficou surpreso, não achou que daria tão elevado	1	10%
Afirma que vai se "policiar" para não virar "escravo"	1	10%
Se deu tão elevado é porque a situação está séria	1	10%
Está satisfeito, ser dependente é muito ruim, é uma doença	1	10%
Afirma ter feito uma diminuição gradativa para se desprender da internet	1	10%
Afirma que já esteve no grave	1	10%
Está se ocupando com coisas mais reais	1	10%
Quando se aposentar vai para o nível leve	1	10%
Consegue separar as coisas, e não fica pensando quando vai se conectar	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Serão apresentados alguns relatos de entrevistados como o do estudante (4) em relação ao seu sentimento diante da classificação do teste IAT.

[...] eu garanto que eu já estive no grave.[...] o meu dilema da internet era pessoas, eu não tinha muito contato com pessoas, pessoa as quais eu não me enquadrava no grupo social, entendeu, e na internet eu encontrei pessoas parecidas comigo, ou que pelo menos dizia, mas aí eu não posso te garantir se era só pessoas ou personagens ou se eram pessoas de fato que pareciam, mas eu conheci pessoas que sentiam e aquilo pra mim foi a maior descoberta do mundo, porque o pessoal do mundo real eu não conhecia pessoas com ideias, com as mesmas ideias que estavam na minha cabeça, entendeu? Então aí, foi quando eu descobri o mundo, então eu ficava on-line, eu entrava de madrugada escondido da minha mãe pra ela não ver, entrava meia noite e ficava até seis horas da manhã e quase todos os dias, isso era uma loucura. (E4)

Uma grande parte dos entrevistados afirma que, nos primeiros contatos com a internet, houve esse tipo de comportamento de passar mais tempo *on-line*, virando noites. O estudante (4) demonstra que, ao conhecer o novo mundo na internet, conheceu ambientes propícios para se sentir aceito, com ideias e sentimentos semelhantes aos seus - ressaltando que não havia encontrado pessoas assim fisicamente -, apesar de não saber a veracidade desses relatos *on-line* por parte desses novos relacionamentos digitais. Ao sentir-se aceito, ele passou a ficar cada vez mais tempo *on-line* e afirma que nessa época acredita ter estado no nível de dependente grave, pois passava muito tempo conectado para saciar suas necessidades que não estavam completas fisicamente.

De acordo com Colvara (2007), os indivíduos buscam o sentimento de pertencimento e na internet encontram um ambiente propício no qual conseguem maior controle e evitar o desprazer nas relações, e, no espaço digital, a flexibilidade *on-line* é muito maior disponibilizando vários recursos e ferramentas para que o usuário, se não gostar, possa se refazer digitalmente.

Eu esperava que fosse normal mesmo, eu percebo que não tenho dependência. É essencial, você não consegue exercer essa profissão sem o uso da internet, se fala assim você não tem internet você se vira, a maioria das coisas não tem como. É tranquilo é hábito, tudo é hábito, a gente vai acostumando a usar pra outras coisas você usa se você não está acostumado não usa, o mercado hoje é assim né. Quando você quer vender alguma coisa, você tem que fazer primeiro o povo ter o hábito de usar aquilo aí depois você vende aquilo pelo preço que você quiser quase né. Assim em aspás, dependendo da concorrência, mas primeiro você tem que criar o mercado, se você não criar o mercado você pode ter o melhor do mundo que você não vende. (P4)

Alguns entrevistados, como relata o profissional (4), acreditam que, sem a internet, não têm como exercer sua profissão, ele relata que existem atividades na sua área de TI que não há como resolver se não estiver *on-line*. Esse entrevistado, na classificação de Young *et al.* (2011), ficou na categoria de usuário comum, pois, apesar de ser da área de TI, não possui celular e nem e-mail pessoal, apenas o telefone fixo da empresa, da sua residência e o e-mail empresarial, utiliza em média 3 horas diárias para acesso à internet, mas acredita ser impossível trabalhar sem estar *on-line*.

Fico mais por causa do trabalho. Mas é internet do mesmo jeito né. Porque dali a internet pro trabalho, ou seja, tem vários braços, ou seja, que eu tenho que usar, que eu tenho que navegar, que eu tenho que acessar. Então, ele é realmente o grande responsável por eu sentir essa falta né. Mas a internet, estar conectado né, e ao mesmo tempo quando eu tô usando para trabalho eu também uso para outras coisas, então. (P1)

O profissional (1), ao final de sua entrevista, constata que a internet é uma só e percebe que, às vezes, pode iniciar sua conexão puramente por razão profissional e passar rapidamente a ser uma conexão pessoal, e constata que, às vezes, não tem como separar, quando se conecta é para estar *on-line*, independente de ser pessoal ou profissional.

Um dado interessante na fala do estudante (5) foi abordado para comentar sobre uma pergunta do questionário que havia sido respondida como ocasionalmente na escala tipo Likert valendo 2, que não estava no roteiro de entrevista. Houve uma intervenção ao final da entrevista para verificar a resposta de uma das perguntas do questionário da Young *et al.* (2011): “com que frequência você prefere a emoção da internet a intimidade com seu parceiro, amigo ou familiar?”.

Então eu acho que é porque eu não respondi direito à pergunta, porque pra mim ocasionalmente é uma coisa que acontece de forma bem esporádica, uma coisa que acontece uma em cem, [...] porque se você está em um momento da sua vida que você está meio pra baixo, tem momentos que você não quer ter contato com pessoas, [...] eu quero só ficar quieto eu ligo o meu computador e vejo um vídeo, então, às vezes, eu prefiro esse contato com o computador, a palavra não seria emoção, seria mais essa fuga [...] quando não é possível fazer a fuga com pessoa né. Por exemplo, eu tenho a opção de ligar pra minha namorada pra conversar com ela, vamos supor que eu briguei com ela então eu não tenho essa opção, vamos supor que a única opção que eu tenho seria entrar em contato com uma pessoa que eu não converso há muito tempo ou então com algum amigo meu ou ver um vídeo, às vezes, eu prefiro ver o vídeo, às vezes, eu penso assim ela vai estar ocupada não vai poder falar comigo e o vídeo o computador está lá

com todas as opções que ele pode me dar sabe, o meu ocasionalmente seria exatamente isso, tem momentos que você prefere esse contato com o computador, justamente por ele te deixar em um mundo só seu, apesar de que com pessoas é muito melhor porque ela vai te falar vai dar a opinião dela, mas, às vezes, quando você não quer escutar, quando você quer só você e você, então, o computador a internet é a melhor opção [...] (E5)

Percebe-se que, ao ser questionado, o entrevistado tenta se justificar e melhorar a sua resposta, mas confirma a sua afirmação realizada anteriormente no questionário de que, às vezes, prefere o computador e a internet com seus recursos à intimidade com sua parceira, amigos e familiares.

Diante do exposto neste tópico, a maioria dos entrevistados acredita que o usuário dependente é aquele que tem necessidade de se conectar, mas não consegue sair da internet e acreditam também ser uma pessoa que fica o tempo todo conectada.

Percebe-se que os entrevistados têm consciência e definição de como pode ser um usuário dependente de internet, citando casos da mídia e relacionando aos sintomas de um dependente de álcool ou drogas corroborando as definições de Young *et al.* (2011).

Quanto ao comportamento de um usuário comum, metade dos entrevistados acredita que é aquele que utiliza a internet quando precisa e no horário e quantidade necessários. Ao serem questionados se eram dependentes de internet, metade dos entrevistados disseram que sim, alguns relacionaram essa dependência ao trabalho e aos estudos, outros associaram-na ao desejo de não perder a comunicação com as pessoas e por necessidade. Verifica-se que, apesar de listaram vários subterfúgios, os entrevistados aparentemente têm consciência do tempo gasto e de seus hábitos e comportamentos *on-line*.

A maioria dos entrevistados, ao saberem do resultado do teste IAT respondido anteriormente na primeira etapa da pesquisa, ficaram surpreendidos, seja pelo fato de serem dependentes, seja pelo fato de acharem que a classificação fosse mais grave. De acordo com Young *et al.* (2011), ainda há muita dificuldade em separar necessidade de abuso entre o comportamento dependente, mascarando a realidade.

5.3 Rotina de hábitos dos entrevistados em relação ao comportamento na internet

Neste tópico, serão tratados os hábitos digitais dos entrevistados e o seu comportamento na internet. O início do contato com a internet, para a maior parte dos entrevistados, foi a partir do ano 2000 a 2004 com 60%, o primeiro contato foi realizado a partir de familiares com 40% dos entrevistados, 30% teve seu contato a partir de 1995 a 1997, período este que marca o início comercial da internet no mundo.

Tabela 7 - Primeiro contato com a internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Contato a partir de 2000 a 2004	6	60%
Contato através de familiares	4	40%
A Internet quase não existia comercialmente e em conteúdo	4	40%
Contato a partir de 1995 a 1997	3	30%
Contato através do trabalho	2	20%
Contato através da Faculdade	2	20%
Contato quando era criança	2	20%
Contato a partir de 1986	1	10%
Contato através de amigos	1	10%
Contato através de curso técnico	1	10%
Ressalta não se lembrar	1	10%
Contato para jogar	1	10%

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Este último período, de 1995 a 1997, relatado pelos entrevistados, de acordo com Levy (1995), foi quando a internet existente em outros moldes, começa a se tornar comercial. Percebe-se que poucos entrevistados tiveram acesso a ela no início da sua popularização e a maior parte dos entrevistados só tiveram acesso na sua segunda fase, quando a internet começa a ser *web 2.0* e se transforma para que tudo passe a ser editado e moldado de acordo com os desejos do usuário (GOMES, CHAVES e PEDRON, 2011).

Os entrevistados, ao serem questionados sobre a presença diária da internet, afirmaram, em sua maioria, que ela está constantemente presente, outros afirmaram que seu trabalho é cem por cento voltado para internet e precisam estar *on-line*, têm necessidade de estar conectados todo o tempo, buscando informações, afirmam que

é um vício chegar em casa e se conectar e afirmam que, no dia a dia, não ficam sem se conectar.

Tabela 8 - Presença diária da Internet

Itens discriminando dos entrevistados	Quant	%
Constantemente presente	9	90%
O trabalho é cem por cento voltado para internet e precisa estar <i>on-line</i>	4	40%
Tem necessidade de estar conectado todo o tempo buscando informações	2	20%
Afirma que é um vício chegar em casa e se conectar	2	20%
No dia a dia não fica sem internet	2	20%
Se estiver de férias é normal ficar sem internet	1	10%
Prefere falar sobre o tempo que não fica conectado	1	10%
Não passa um dia sem internet	1	10%
Todo dia fica de 2 a 3 horas navegando	1	10%

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Os fragmentos abaixo exemplificam algumas falas de entrevistados sobre a presença diária da internet, demonstrando o que a internet representa para eles no dia a dia.

Sempre presente, não tem como trabalhar sem internet mais não, não que eu seja fixionado em internet não, mas tem que ser o tempo todo você precisa estar conectado, buscar informações. (P4)

Eu estou conectado o dia inteiro, basicamente. Sempre. Porque eu trabalho com isso em casa, estudo com isso então é sempre conectado. É mais fácil falar quando eu não estou que seria quando eu estou dentro do ônibus, basicamente. (E3)

Então é um ponto que anula a possibilidade de não usar a internet todos os dias, mas sem internet, até mesmo, viver assim, eu acho meio difícil, acho que não tem jeito não, são todos os dias mesmo. (E9)

Para a grande maioria dos entrevistados, estudantes e profissionais, não há possibilidade de diariamente ficar sem internet, alguns justificam pelas suas atividades profissionais e outros, para realizar trabalhos educacionais, busca por informações e também a comunicação entre pessoas. Percebe-se que a internet se tornou um grande hábito entre as pessoas. Como retratam Araújo e Rossi (2002), ela trouxe versatilidade e ferramentas para auxiliar diariamente os usuários.

Todos os entrevistados responderam que a primeira atividade em sua rotina diária de internet é ler os e-mails, que obteve 100% de resposta, a segunda atividade mais realizada é conferir as atualizações das redes sociais com 60%, a terceira atividade

é realizar as tarefas profissionais com 50%, a quarta são as atividades de pesquisa de informações e visualizar vídeos com 40%, a quinta são os jogos *on-line*, a sexta são os programas de comunicação *on-line* como *Skype*, *MSN*, *Gtalk* e também escutar músicas pela internet com 20%, a sétima, acessar as mensagens pelos aplicativos de *smartphones* e celulares móveis com 10%. A maioria das atividades listadas pelos entrevistados se iguala às atividades mais realizadas descritas pelo CETIC (2011).

Ainda no quesito hábitos diários *on-line*, a maioria dos entrevistados afirmaram que, ao chegar em casa, conferem as atualizações na internet e também afirmam estar constantemente conectados por *tablet* e/ou *smartphones*.

Tabela 9 - Rotina de hábitos diários na internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Confere a internet quando chega em casa	6	60%
Sempre está conectado pelo <i>tablet</i> , <i>smartphone</i>	6	60%
Confere a internet na faculdade	2	20%
Não tem e-mail pessoal, nem celular	1	10%
Já teve o hábito de dormir com o notebook do lado	1	10%
Hoje diz coordenar melhor sua rotina	1	10%
Acredita que a conferência de atualizações na internet não é rotina	1	10%
O acesso em casa é para relaxar	1	10%

Fonte: Dados da Pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Serão demonstrados abaixo alguns relatos de entrevistados sobre a sua rotina de hábitos diários na internet, exemplificando os dados na tabela acima.

Eu acordo, eu costumo olhar o e-mail no ônibus indo para o trabalho, aí eu chego no trabalho e fico computador o dia todo né, praticamente. Vou para a faculdade, de vez em quando eu olho no celular alguma coisa. Chego em casa e, às vezes eu olho, mas rotina não, só de vez em quando. (P2)

Constata-se que, apesar de o profissional (2) dizer que conferir as atualizações na internet não é rotina, toda vez que muda de ambiente ou que tem “tempo livre”, ele verifica as atualizações.

[...] eu não tenho email em casa só na empresa, então quando eu chego aqui a primeira coisa que eu faço é dar uma descarregada na caixa de email [...]durante o dia quando vai sobrando um tempo você vai limpando a caixa ali, no final do dia eu dou uma olhada também [...], mas eu não tenho uma rotina de ficar olhando email toda hora vê se já chegou um corre lá pra responder, eu não tenho não e-mail pessoal só da empresa mesmo, rede

social nem nada, Nada. Nem telefone celular eu não tenho, Telefone é o fixo daqui e o fixo lá de casa. (P4)

Apesar do profissional (4) não possuir nem e-mail pessoal, celular ou rede social, em um relato sobre a frequência da internet diariamente na sua vida, ele expõe que a internet é necessária e constantemente presente por causa do trabalho.

Até mesmo pra ouvir uma música, ver um filme, eu fico *on-line*. Então, eu trabalho durante o dia, tanto na parte da manhã, quanto na parte da tarde e faço faculdade a noite, não é sempre que eu vou à faculdade, mas eu faço faculdade a noite, sempre utilizo, até mesmo na faculdade, quando eu chego em casa, é bem costume mesmo, bem viciante. (E4)

Olha já foi pior. Eu já tive um hábito horrível de dormir com o *notebook* do lado a primeira coisa que eu fazia realmente era isso, já acordar e olhar se tinha *e-mail*, *sms* ou alguma coisa assim, então hoje eu já estou um pouco mais moderado, hoje eu me coordeno melhor, quer dizer eu tenho usado melhor as ferramentas que eu tenho e com isso eu consigo gerenciar melhor meu dia, ai sim, depois do café da manhã, só quando eu chego ao escritório, ou então, às vezes, eu passo algumas coisas no meu *tablet* que eu aboli completamente o papel da minha vida no trabalho. (P3)

O estudante (4) e o profissional (3) admitem ter o hábito de conferir e estar *on-line* constantemente, o estudante (4) cita ser viciante o ritmo de conferir as atualizações e o profissional (3), mesmo quando diz gerenciar atualmente o seu tempo, não deixa de estar sempre conectado. Percebe-se, pelos relatos dos entrevistados, que o hábito de acesso à internet é diário e constante em alguns casos.

A prática de verificar o e-mail também é constante em todos os usuários, foi constatado também, nos relatos dos entrevistados, que alguns conferem regularmente as atualizações nas redes sociais e também possuem o hábito de realizar quase todas as tarefas *on-line* e, às vezes, até tentam abolir a utilização do papel diariamente.

Quanto às atividades realizadas pelos entrevistados no tempo livre, 30% dos entrevistados afirmam sair, 30% afirmam reencontrar os amigos e 30% afirmam ir ao cinema ou ver filmes.

Tabela 10 - Atividades em tempo livre

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Atividades realizadas no meio real		
Ir ao cinema ou ver filmes	3	30%
Ler	2	20%
Reencontrar familiares	2	20%
Namorar	2	20%
Ir a festas, comemorações ou eventos	1	10%
Ficar com o filho	1	10%
Andar de skate	1	10%
Tocar violão	1	10%
Atividades realizadas no meio virtual		
Ver vídeos no Youtube	2	20%
Estudar tecnologia	1	10%
Ler livros on-line	1	10%
Navegar pelo <i>smartphone</i>	1	10%
Ver filmes <i>on-line</i>	1	10%
Ficar no <i>Facebook</i>	1	10%
Quando não tem nada pra fazer fica no computador	1	10%
Atividades realizadas no meio real e virtual		
Reencontrar amigos	3	30%
Jogar	2	20%
Realizar trabalhos de faculdade	1	10%
Desenvolver projetos pessoais	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Ressalta-se que, mesmo em tempo livre, apesar de as três opções mais expostas serem relacionadas ao meio real e físico, algumas atividades relatadas são realizadas no meio *on-line* como ver filmes e vídeos *on-line*, redes sociais, ler livros *on-line*, ficar no computador, navegar pelo *smartphone* ou atividades relacionadas, como estudar tecnologia, e ainda há atividades que podem ser realizadas nos dois ambientes, virtual e real, como reencontrar amigos, jogar, realizar trabalhos de faculdade e desenvolver projetos pessoais.

De acordo com Gasser e Palfrey (2011), além de estarem conectados incessantemente, os usuários utilizam muitos recursos digitais disponíveis tanto para se comunicar e interagir com mais usuários, como para se informar e se divertir *on-line*.

Quanto aos aparelhos tecnológicos mais utilizados para acesso à internet, destacam-se o celular e o *smartphone* com 60%, o computador normal com 40%, o notebook com 40% e o computador da empresa com 20%. Nos relatos dos

entrevistados, notou-se que a maioria utiliza mais de um aparelho tecnológico e fica praticamente o dia inteiro conectada à internet. Os dados também corroboram as estatísticas levantadas pelo CETIC (2012) que revelaram que os celulares com a tecnologia de internet móvel proporcionam um maior acesso pela sua mobilidade e comodidade.

No que diz respeito ao tempo diário conectado, 4 dos 10 entrevistados relataram que ficam no mínimo dez horas por dia conectados, e outros relataram que ficam entre uma hora conectado a vinte e quatro horas. Destaca-se que, apesar de a maioria estar constantemente conectada, as horas que, efetivamente, estão utilizando são em torno de dez horas diárias, pois podem ficar constantemente conectados pelo *smartphone*, *tablet* e *notebook* e só realmente utilizar às vezes ou quando há alguma atualização.

Tabela 11 - Tempo diário conectado

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
10 horas no mínimo por dia.	4	40%
De 23 a 24 horas	3	30%
Uma hora	1	10%
De 5 horas a 7 horas	1	10%
De 12 a 15 horas	1	10%
Uma hora	1	10%
Final de semana fica 22	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Ressalta-se que as horas faladas pelos entrevistados foram bem diversificadas, alguns totalizaram as horas diárias, outros consideraram locais que acessam e também quando o ritmo muda se intensificando ou diminuindo durante a semana. Abaixo estão alguns relatos de entrevistados sobre o tempo diário conectado à internet.

Bom se for contar o tempo que eu fico no trabalho eu acho que dá pelo menos umas dez horas. É umas quatro horas em casa, se for contar os momentos picados né. (E2)

Cem por cento. Mas em horas de doze a quinze horas. (P3)

[...] quanto tempo eu não fico conectado [...] Cerca de uma hora, uma hora e pouquinho que é o tempo que eu tô esperando o ônibus indo trabalhar ou indo para a faculdade. Tirando o tempo que eu durmo né. Mas tecnicamente meu celular está conectado, chega às vezes eu acordar com ele vibrando

porque alguém está me mandando alguma coisa, quatro horas da manhã, e eu fico “poxa, tem gente acordado quatro horas da manhã na internet”. Isso numa terça-feira, quarta-feira, aí eu acho, tipo assim, o extremo né. Tem que dormir também né. (E3)

Percebe-se que o estudante (3) prefere relatar o tempo em que ele não fica conectado, pois acha difícil relatar o tempo que passa *on-line*, ele ressalta que, às vezes, seu smartphone vibra com alguma atualização da internet às quatro horas da manhã durante a semana e ele fica impressionado de alguém já estar acordado na internet a essa hora.

De acordo com Young (2012), a duração do tempo de conexão não é tão preocupante se analisada separadamente, mas a situação pode se agravar se o usuário agrupar outras características comuns dos dependentes em internet.

No que diz respeito a perder a noção do tempo quando está conectado, metade dos entrevistados responderam que perdem a noção do tempo, 4 responderam que não perdem e 1 respondeu que raramente acontece. Ao comentarem, os entrevistados responderam que perdem, às vezes, o foco e se distraem na internet. Entretanto, se houver algum compromisso, não perdem a noção, mas se encontram algo *on-line* que prenda a sua atenção ou se houver tempo livre, perdem a noção do tempo e também alguns afirmaram que perdem a noção com bastante frequência.

Tabela 12 - Noção de tempo na internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Perde, às vezes, o foco e se distrai na internet	3	30%
Se houver algum compromisso, não perde a noção	3	30%
Se encontrar algo <i>on-line</i> que chama ou prenda a atenção, perde a noção	3	20%
Se não houver nada para fazer, tempo livre <i>on-line</i> , perde a noção	2	20%
Perde a noção e acontece com bastante frequência	2	20%
Navega somente no que é preciso e desconecta	1	10%
Quando percebe, já passou vinte, trinta, quarenta minutos	1	10%
Controla o seu tempo gasto em suas atividades <i>on-line</i>	1	10%
Se tiver pouco tempo para navegar, não acessa	1	10%
Perde a noção quando vê vídeos	1	10%
Perde a noção quando lê artigos	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Observa-se que mais da metade dos entrevistados admitiram que perdem a noção do tempo navegando na internet em diversas situações, e relatam que, se houver alguma coisa externa, como um compromisso que os interrompa, dizem se desconectar nessas circunstâncias. Algumas falas de entrevistados serão apresentadas para exemplificar, eles dizem possuir controle do seu tempo quando estão conectados.

[...] eu vou no que eu preciso acabou, [...] não fico passeando por ali não. A não ser que seja uma pesquisa mais genérica que você não sabe exatamente o que você quer né. Aí você acaba passando mais, mas quando a informação esta mais digerida é direto no que eu preciso [...] (P4)

Até que não. Porque geralmente quando eu vou fazer alguma atividade assim, eu programo o tempo aí eu coloco tipo, meio que se fosse um cronômetro para me avisar: “ô do tanto tempo nisso você tem que mudar para fazer outra coisa”, pra gerenciar meu tempo, senão eu fico perdido. [...] Se não der para parar bem exatamente estende um pouquinho, mas da pra controlar bastante. [...] (E1)

Percebeu-se que aparentemente o profissional (4) e o estudante (1) possuem controle das suas atividades *on-line* e conseguem realizá-las sem se dispersarem. Quanto ao próximo relato, será de um entrevistado que aparentemente não possui controle de seu tempo conectado.

Perco [...] Principalmente quando eu estou assistindo a algum vídeo muito longo, quando eu estou acessando um site particularmente interessante eu fico por todas as páginas ou então lendo todos os artigos do site eu acabo perdendo o tempo, mas isso só acontece quando eu não tenho nenhum compromisso [...] Se for um *blog* que eu nunca vi antes eu fico, mas se for, por exemplo, um *blog* já conhecido que eu já acesse com frequência aí não, eu vejo a tirinha e saio [...] Se o *blog* for muito bom eu fico ate abrir o primeiro post assim, e desde o começo mesmo. Não acontece com frequência, porque eu já tenho aqueles *blogs* que com certeza eu já vou, né. Só para um assunto, por exemplo, tecnologias agora eu vou estudar sobre comercio eletrônico, aí se eu achar um *blog* sobre esse assunto que me interessar, eu posso até ficar horas nunca necessariamente de tirinhas, mas de outros assuntos também. Acabo ficando mais tempo [...] mas quando eu tenho algo urgente e preciso da internet pra buscar alguma coisa aí eu fico só aquele tempo. (E2)

Em relação ao estudante (2), percebe-se um excesso ao navegar por *blogs* de humor e tirinhas (*cartoons*); quando questionado, o entrevistado afirma que se acha um *blog* interessante o mesmo visualiza todas as postagens até ir ao final, ou seja, a primeira postagem do *blog* que pode ter ocorrido em meses ou anos de permanência *on-line*.

Esse entrevistado parece que não possui muito controle de suas ações *on-line* principalmente se encontra algo interessante; a não ser que haja alguma interferência externa, como um compromisso, esse ritmo é interrompido. De acordo com Moraes (2011), na internet, é tudo muito veloz, o tempo real se dilui e se restaura sem interrupções, o “passatempo” vira um ladrão do tempo.

No que concerne a passar a noite na internet, a maioria dos entrevistados afirmaram que já viraram a noite trabalhando ou por lazer e 3 afirmaram que nunca passaram a noite *on-line*. Os entrevistados comentaram que já chegaram até as 4 horas da manhã, já viraram a noite jogando, realizando trabalhos de faculdade por sua dificuldade, assistindo filmes ou séries *on-line* e relataram ter feito pausas apenas para comer, ir ao banheiro e voltar a trabalhar.

Tabela 13 – Passar a noite na internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Fica conectado, às vezes, até as quatro horas da madrugada	4	40%
Passa a noite jogando	3	30%
Parou apenas para comer algo, ir ao banheiro e voltar a trabalhar	2	20%
Passa a noite pela dificuldade dos trabalhos de faculdade	2	20%
Passa a noite assistindo filmes e séries <i>on-line</i>	2	20%
Passou dias na internet implantando servidor	1	10%
Passou a noite em <i>chats</i>	1	10%
Passou a noite em <i>sites</i>	1	10%
Passou a noite conversando e estudando	1	10%
Passou a noite em <i>lanhouses</i> fazendo "corujão"	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Diante do exposto, percebe-se que a grande maioria já passou ou passa a noite na internet seja por trabalho ou por motivos pessoais. Abaixo, estão alguns relatos de entrevistados para exemplificar essa questão sobre passar a noite na internet.

[...] já virei dias, então quando você trabalha com a implantação de servidores, você precisa de uma dedicação bem maior que a normal e isso pra uma empresa, você só pode fazer durante a madrugada, então já aconteceu de eu ficar dois ou três dias sem dormir em função de *setup* servidor. Agora não mais, já fiz muito isso. Mais é profissional. (P3)

[...] semana passada eu virei duas noites. Eu tava conversando e programando, fazendo trabalho ou é quando eu tô muito apertado pra fazer um trabalho ou quando eu tô muito atôa de férias. [...] Eu odeio enrolar com trabalho. Ainda mais porque a maioria de trabalho de programar, se deixar para última hora você não consegue fazer, é uma coisa que demanda

tempo. [...] Quando eu chego a virar é por causa da dificuldade do trabalho ou a quantidade que tá muita. (E1)

Constata-se que o profissional (3) e o estudante (1) passam a noite na internet mais por trabalho e estudo respectivamente, pelo profissional ou o estudante terem certo grau de dificuldade ou pela quantidade ser excessiva, no caso do trabalho, ainda há as exigências, como a troca de servidor ser realizada fora do horário comercial.

Várias vezes [...] eu tinha muito hábito, eu era muito viciado mesmo, mas hoje, sei lá, acho que é porque o cansaço não deixa mesmo, [...] aconteceu isso há dois dias atrás, mas tinha mais de um ano que isso não acontecia, desse domingo pra segunda-feira eu sai da internet as quatro e meia da manhã, pra acordar as sete e meia, mas é um pouco de trabalho e um pouco de lazer também. [...] já trabalhei virando a noite, mas não é costume não, é quando eu deixo de fazer alguma coisa que eu tinha que fazer aí o prazo está em cima da hora, aí eu tenho que fazer de qualquer forma, aí eu acabo virando sim. (E4)

Já várias vezes, mais de uma vez com certeza. Não é com frequência não, [...] Acontece, mas de virar a noite de realmente ficar de madrugada e amanhecer na internet isso não acontece com muita frequência não, o que acontece é eu falo pra mim mesmo que eu vou dormir às onze horas e vou ate às três horas da manhã, ultimamente isso tem acontecido com mais frequência, quando eu estou em uma rotina, mas normal de estar estudando e tudo isso não acontece, só realmente de sábado pra domingo, por exemplo, isso acontece. Quando eu viro a noite e vendo vídeo ou jogando, na maioria e vídeo mesmo no Youtube ou jogando. (E5)

Verifica-se que o estudante (4) e o estudante (5) dormem tarde com frequência e, às vezes, passam a noite na internet, misturando trabalho e lazer ou somente por lazer, utilizando jogos ou vendo vídeos. Ao mencionar passar a noite na internet, 9 dos 10 entrevistados afirmam ter acontecido como demonstrado nos relatos acima, seja a trabalho, a lazer ou quando estão com “tempo livre”, alguns com frequência nos dias atuais, outros afirmam ter acontecido anteriormente nos primeiros contatos com a internet.

De acordo com Young (2012), um fator preocupante na dependência de internet é quando ela vira prioridade na vida do usuário e ele negligencia outras coisas importantes, como amigos, família e trabalho, para estar sempre conectado.

No que tange ao maior tempo conectado, os entrevistados afirmam ter passado 6 horas jogando, passam 6, 8 até 12 horas conectados, alguns afirmam até terem ficado 8 horas diretas conectados, sem se levantar da cadeira.

Tabela 14 - Maior tempo conectado

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
6 horas jogando	2	20%
6 horas	2	20%
8 horas sem se levantar da cadeira	2	20%
12 horas	2	20%
6 horas sem se levantar da cadeira	1	10%
18 horas	1	10%
20 horas	1	10%
22 horas	1	10%
36 horas	1	10%
3 dias	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Percebe-se que o maior tempo conectado dos entrevistados não chega a ser um período elevado, pois as maiorias das respostas estão entre 6 a 12 horas de conexão, mas deve-se observar a frequência e a constância com que essas horas conectadas ocorrem. Alguns trechos dos entrevistados para exemplificar.

Ah! Já fiquei 24 horas conectado. Já fiquei acho que até um pouco mais. Assim sem dormir. Umas 36 sim. [...] Hoje em dia não né, mas antigamente [...]. Porque às vezes ficava cansado, tinha outras coisas pra fazer, andava muito de *skate*. Então saía, virava a noite andando de skate também. Gente mais novo né. Tinha pique pra isso. (E3)

Constata-se que o estudante (3) já passou de 24 horas até 36 horas conectadas direto sem dormir, apenas aparentemente por lazer, mas relata que atualmente não aguenta mais esse ritmo.

Até quatro horas da manhã no máximo que eu já fiquei, assim das oito horas da noite até as quatro da manhã. De dia não, de dia eu não costumo ficar [...] acabo fazendo outras coisas ou então empresto o *notebook* sei lá pro meu irmão usar, minha mãe usar, aí eu não costumo ficar não (E2)

Verifica-se que o estudante (2) não considera que passou a noite na internet, mesmo tendo ficado conectado até as quatro horas da manhã e afirma que de dia não fica muito conectado por ter que dividir o notebook com sua família.

[...] as mais tensas e eu tinha um tempo só pra tomar café e tomar um banho e voltar pra continuar fazendo a configuração, agora com relação à distração essas coisas assim eu já fiquei no máximo umas cinco horas, seis horas jogando. Olha antes eu jogava, mas agora eu não tenho muita paciência para isso não. Eu jogava alguns jogos de *RPG*, jogava alguns jogos mais antigos que a gente baixa os programas, alguns jogos *on-line*. No começo da internet os recursos para jogos eram bem escassos então

nos tínhamos alguns jogos e nos baixávamos e tinham que ser conectados aos servidores então nos jogávamos através deles, depois vieram alguns cem por cento por cento *on-line*, aí depois de certa época já parei um pouco. (P3)

De acordo com os relatos dos entrevistados, o maior tempo conectado parece não acontecer com frequência, mas eles não consideram passar a noite *on-line* se chegarem até as três, quatro horas da manhã. Alguns entrevistados chegaram a passar várias horas quase ininterruptamente conectados e outros passaram dias conectados com pausas breves para suprir o essencial e voltar a se conectar novamente. Também ocorreram casos de entrevistados ficarem de 6 ou 8 horas diretas sem se levantar da cadeira, como é o caso do profissional (3), seja a trabalho profissional, educacional ou a lazer, apenas um dos entrevistados não passa ou já passou muitas horas conectado.

Segundo Carr (2011), o tempo que se passa *on-line* diminui o tempo que antes era utilizado para ler, escrever, refletir e descansar. Dessa forma, sobrecarrega-se o cérebro, diminuindo ou eliminando as pausas para descanso.

Quanto ao período mais longo sem utilizar a internet, os entrevistados dizem ter ficado no período de troca de operadora ou plano, ficaram 1 dia sem internet, ficaram também quando houve alguma viagem e não se conectaram nesse período.

Tabela 15 - Período mais longo sem utilizar a internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Ficou sem internet na troca de operadora ou plano	3	30%
1 dia	2	20%
Em viagem	2	20%
Final de semana	1	10%
2 dias	1	10%
3 dias	1	10%
4 dias	1	10%
5 dias	1	10%
3 semanas	1	10%
Lua de mel	1	10%
Férias	1	10%
Fica entediado por que não tem muita coisa para fazer	1	10%
21 dias	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Percebe-se que o tempo mais longo com ausência da internet é relativamente curto e que a maioria dos entrevistados parece não conseguir ficar muito tempo sem estar *on-line*. Alguns relatos abaixo irão demonstrar, pelas falas dos entrevistados, o período mais longo sem utilizar a internet e como eles se sentiram.

[...] lua de mel. Sério. Acho que foram cinco dias. (P1)

O maior tempo, eu já fiquei, sem internet eu já fiquei um dia quando eu viajei [...] no carnaval. Isso, só um dia. (P3)

[...] uso todo dia, não tem como não usar. É o período mais longo é o final de semana, durante o trabalho é todo dia. Férias às vezes ainda uso sim, na casa do irmão na casa da irmã, mas [...] é menos. (P4)

Depois que eu comecei? Foram em torno de quatro dias [...]. Porque eu estava de mudança e eu precisei cancelar o plano interior que era banda larga e mudar para aquele 3G [...] foi um período que foi tranquilo, porque eu aproveitei pra ler bastante, pra sair também, não tive aquelas crises de falta de internet como acho que certas pessoas costumam ter. (E2)

Três dias. [...] digamos senti um vazio né. Porque hoje em dia pra mim tudo gira em torno né. Eu trabalho com isso, [...] Então, você acaba você ficando meio sem saber o que fazer né. Ingrato né, até brincava né, a internet caiu, ficava sentado na sala olhando pro nada assim. E falava: "tá na hora de fazer isso". E era de noite não tem sono né porque já acostumei a dormir tarde. Então você fica sem saber o que fazer. (E3)

Constata-se, pelos relatos acima e pelas respostas dos entrevistados, que foram poucos os dias que eles ficaram sem o uso da internet, foi no mínimo um dia e no máximo vinte e um dias. Percebe-se também que a maioria não consegue ficar sem se conectar diariamente, seja por necessidades profissionais ou pessoais. Alguns entrevistados sem a internet não sabem como preencher o vazio antes ocupado por ela, mas outros dizem que lidam com essa falta tranquilamente.

De acordo com Mendonça (2011), a tecnologia é tão presente no dia a dia dos usuários frequentes da internet, que eles quase não param para refletir o quanto ela é representativa em suas vidas.

Quanto aos entrevistados terem passado por algum aborrecimento ou prejuízo em decorrência do tempo que passam conectados, 9 responderam que já aconteceu e passaram por isso e para 1 não aconteceu. Os entrevistados disseram que jogavam muito e perdiam o contato com os amigos como um dos aborrecimentos e eles

mencionaram também: solidão, estresse, depressão, cobrança do companheiro, sedentarismo, perder compromissos, chegar atrasado, sono prejudicado, dores no corpo e sentir mal consigo mesmo por ficar muito tempo conectado.

De acordo com Young (2012), os sentimentos citados acima estão inclusos nos sintomas dos dependentes de internet, como perda do contato, falha no controle do tempo de conexão, negligenciamento do sono e cansaço, sentir-se culpado pelo tempo excessivo *on-line*, sedentarismo e outros sintomas, como estresse, depressão e solidão.

Percebe-se que são diversos os aborrecimentos e prejuízos acarretados pelo excesso de conexão dos entrevistados. A seguir, são apresentadas algumas falas dos entrevistados para exemplificar esses aborrecimentos ou prejuízos advindos do tempo excessivo de conexão.

Já. Acho que já. Eu tava meio não sei, depressivo, sei lá, sozinho. Não saía, não tinha contato. É, tipo chegava só ficava, não tinha *Facebook*, esses negócios que têm contato com os amigos, ficava só jogando né. Aí não tinha muito contato. Tanto não saía tanto não conversava na internet né. Isso já aconteceu. Mas assim, algumas vezes só, muito difícil. Normalmente quando acontecia eu parava, nunca cheguei ao ponto de não parar e continuar. [...] Percebia depois de muito tempo, talvez alguém isso falava comigo. Ou então, é não sei te explicar. É, alguém devia brigar comigo. (P2)

Verifica-se que o profissional (2) se sentiu depressivo, sozinho e isolado por passar muito tempo jogando, mas percebeu os danos que estavam lhe causando interrompendo aparentemente o processo de dependência.

Bem já tive e principalmente quando se é casado, então quando você é casado quando você fica um pouco mais a frente do computador isso não é bem interpretado, isso acaba gerando um certo stress, na verdade noventa por cento do stress de um homem casado que mexe com tecnologia é justamente explicar para a esposa que você está ali trabalhando e não brincando. (P3)

[...] Prejuízo eu acho que foi eu ter engordado bastante. Mas aborrecimento foi gerar brigas com minha namorada já, eu tive muitas. Que ela não entendia: “ah! porque você fica jogando esse tempo todo?”, é.. “você precisa disso?”. Aí eu sempre brincava com ela: “ah! mas eu não estou com você, eu tô em casa sozinho. Se eu tiver com você, eu tô com você”. Mas a gente já brigou muito por causa disso. Só que essa semana eu tava ensinando ela a jogar uns jogos. Aí ela fica assim: “ah! agora eu entendi porque você fica o tempo inteiro” e tal. Mas ela não joga, ela fica mais estudando porque ela é vestibulando de medicina então o tempo dela todo é de estudo praticamente. Então ela é mais da internet e só fica um pouquinho, cerca de algumas horas no dia, duas, três no máximo [...] (E3)

Constata-se, pelos relatos acima, que os entrevistados perdem o contato com amigos e familiares ao passarem muito tempo conectados, alguns não saem nem se comunicam frequentemente ocasionando o isolamento. Ainda segundo os relatos, os entrevistados dizem que suas companheiras ficam incomodadas por passarem muito tempo conectados, como é o caso do profissional (3) e do estudante (3), mesmo que seja profissionalmente ou por lazer, como no caso dos jogos *on-line*, acarretando brigas e discussões. O sedentarismo também foi levantado por um dos entrevistados, mas foi relatado também anteriormente em outras respostas, sendo uma das frustrações de alguns por ficar muito tempo conectado e deixar de se exercitar.

De acordo Colvara (2007), o mundo digital possibilita a fuga de frustrações e decepções, o mundo virtual é o mundo desejável e, ao desconectar, mesmo se houver frustrações, a tendência é voltar a se conectar para o ambiente que traz mais prazer em que o usuário pode se refugiar de outras frustrações.

Em relação à percepção dos entrevistados sobre o abuso do tempo *on-line*, 9 dos 10 entrevistados disseram que já abusaram e 1 disse que não. Quanto aos motivos, relataram que dormem tarde e também que não percebem a quantidade de tempo conectado.

Tabela 16 - Percepção do entrevistado sobre o abuso do tempo conectado

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Dorme tarde	3	30%
Não percebe a quantidade de horas que permaneceu conectado	2	20%
Em seu trabalho tem contador de horas navegadas	1	10%
Sente necessidade de "desligar"	1	10%
Acredita que os vários meios tecnológicos utilizados sobrecarregam a pessoa	1	10%
Afirma que seu raciocínio deve ser rápido como o de uma máquina	1	10%
Vista cansada, embaralhada	1	10%
Cansaço	1	10%
Estresse	1	10%
Ansiedade	1	10%
Imediatismo	1	10%
Acha que todos deveriam executar tarefas de forma rápida, lógica e racional	1	10%
Atraso nas refeições	1	10%
Acredita que a profissão escolhida é para passar muito tempo no computador, conectado como consequência	1	10%
Não considera como abuso e sim como necessidade	1	10%

(continuação)

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Fica de três a quatro dias sem dormir direito	1	10%
Fica com raiva quando fica muito tempo e prejudica o sono e os outros afazeres	1	10%
Sente-se mal por ter ficado muito tempo conectado	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Constata-se que, aparentemente, os entrevistados sabem identificar os problemas decorridos do abuso do tempo na internet e o que esse abuso provoca neles e nas pessoas a sua volta. A seguir, alguns relatos sobre esses sintomas do abuso de conexão.

[...] Às vezes, quando eu sinto a necessidade [...] de desligar. [...] quando você passa a digerir esse volume de informações [...], eu trabalho com dois monitores, mais um *tablet*, mais meu *smartphone* do lado, quando você tem tudo isso de tecnologia e recebe muita informação, você passa a processar [...] você às vezes acha que seu raciocínio tem que ser tão rápido quanto de uma máquina, sendo que na verdade não é bem assim, então às vezes eu tenho necessidade de parar, [...] quando, às vezes, eu te disse que eu virava a noite montando servidores, isso me trouxe grandes danos pra minha saúde. Olha é ansiedade, stress, isso aí foram os grandes danos que eu enfrento até hoje, [...] está muito focado nisso tudo [...] tem que ser imediato, tudo pra você é uma questão de lógica, ou seja, todo mundo tem que trabalhar ou executar as coisas pra você de forma lógica, racional e rápida, então isso acaba complicando um pouco na sua vida externa. (P3)

O profissional (3) expõe que utiliza muito da informação disponível na internet e isso parece prejudicá-lo, ele dispõe de muitos recursos tecnológicos ao mesmo tempo, levando-o a um ritmo que se assemelha ao processamento de um computador. Ressalta-se que de acordo com Young *et al.* (2011), o uso da internet em excesso só é preocupante se estiver influenciado de forma negativa a vida do usuário. Esse entrevistado percebe os problemas decorrentes desse certo abuso tecnológico e verifica certo agravante ao descrever o imediatismo e acreditar que todos têm que pensar de forma rápida e lógica, o que complica, como ele mesmo diz, a sua vida externa.

[...] Eu acho que até meio complicado eu falar que eu tô abusando do tempo da internet porque até a profissão que eu escolhi eu tenho que ficar no computador e como consequência eu vou ficar conectado. Então eu não considero tanto como um abuso, e sim como uma necessidade. [...] quando eu tô motivado pra fazer alguma coisa, eu fico empolgado e não consigo para de fazer. Eu esqueço do resto e vou fazendo. Mais cansaço é se ficar três, quatro dias sem dormir direito, aí o cansaço pega. (E1)

Percebe-se que os entrevistados, em sua maioria, parecem ser desmedidos em questão do abuso do tempo conectado, até os que anteriormente diziam ser

controlados, como o estudante (1), que relata certo abuso de conexão e se isenta ao referir que a profissão escolhida tem como consequência ficar muito tempo conectado.

Segundo Tureta e Tonelli (2008), os aparelhos tecnológicos são considerados próteses tecnológicas, assim, aliados à pontencialização das fraquezas humanas, são vistos como ciborgues. Além disso, a proximidade entre homem e máquina leva ao que os autores chamam de “cabeças digitais”, o que pode ser demonstrado nos relatos anteriores pela grande necessidade na utilização dos aparelhos tecnológicos como também pelo pensamento que se assemelha ao processamento maquinal.

No que concerne à vida do entrevistado sem a internet, a metade dos entrevistados responderam que, sem essa tecnologia, talvez perdessem o contato ou ficaria mais complicado de se comunicar com outras pessoas. Alguns não conseguem imaginar como seria sua vida sem internet, ressaltam que as facilidades e comodidades que a internet trouxe não têm mais volta. Afirmam também ser muito difícil ficar sem internet e que, do ponto de vista do trabalho, é impossível ficar sem ela.

Tabela 17 - Percepção do entrevistado da sua vida sem internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Talvez perdesse o contato ou ficaria mais complicado de se comunicar	5	50%
Não consegue imaginar como seria	3	30%
Ressalta que as facilidades e comodidades que a internet trouxe não têm mais volta	3	30%
Afirma ser muito difícil	3	30%
Do ponto de vista do trabalho é impossível, horrível	3	30%
Tem necessidade de pesquisar <i>on-line</i>	3	30%
Talvez sua vida fosse mais produtiva	2	20%
Tem necessidade de trocar informações	2	20%
Talvez não existisse a área de TI	2	20%
Seria uma “droga”	1	10%
A internet trouxe seu sustento	1	10%
Talvez tocasse melhor violão	1	10%
Seria desesperador	1	10%
Não sabe se seria uma pessoa normal	1	10%
Acredita pensar da mesma forma que uma máquina processa	1	10%
Encararia como uma vida normal	1	10%
A profissão seria diferente	1	10%
A vida seria mais divertida	1	10%
Quanto mais tecnologia mais presa as pessoas ficam	1	10%
Seria estranho já que tem o costume de ter tudo rápido	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Ressalta-se que, apesar das diversas respostas, todos os entrevistados não conseguem se imaginar ou acham difícil ou impossível ficar sem internet. Abaixo, estão alguns relatos de entrevistados que evidenciam como seria a sua vida sem internet.

Eu não sei, eu já parei pra pensar sobre isso e porque eu tenho alguns amigos que vivem completamente fora dessa bolha e vivem bem, [...] eu não sei se eu seria uma pessoa normal, se eu poderia me considerar uma pessoa normal. [...] quando você está assim muito inserido neste contexto, muito inserido nessa situação é você passa a ver as coisas de outra forma, pra você tudo são zero e um, tudo pra você são situações binárias vamos dizer assim, então isso acaba te deixando com um pouco de falta de paciência com as pessoas, as pessoas não falam aquela mesma linguagem que você fala é logo você acaba perdendo o interesse por elas. [...] (P3)

O profissional (3) já havia parado para pensar ao ver amigos que não estão sempre conectados e que vivem bem, mas não se considera uma pessoa normal. Ele diz pensar como código binário por estar inserido neste contexto digital, ele perde a paciência e o interesse pelas pessoas que são diferentes dele.

Impossível. Do ponto de vista do trabalho é impossível [...] agora no dia a dia de lazer essas coisas assim não faz falta não [...] (P4)

Nossa, eu não sei, eu [...] porque eu consigo me divertir quando eu tô fora da internet eu não fico lembrando, nossa eu tenho que me conectar eu já fui assim, mas hoje, muito pelo contrário, eu tenho que ficar mais um tempo longe do computador [...] Eu acho que profissionalmente seria horrível, [...] se acabasse a partir de hoje, claro que se nunca tivesse existido seria uma outra história, não teria minha profissão (risos) pra começar minha profissão não existiria, [...] eu sou programador web, eu programo pra internet, então, assim, tirando a vida profissional [...] eu ia encarar como uma vida normal, só que eu não teria tanto contado com as pessoas como eu tenho hoje. (E4)

O estudante (4) diz que, profissionalmente, seria horrível e, talvez, até não existiria sua profissão, mas ressalta que, se não fosse esse lado profissional, encararia como uma vida normal, só não teria o contato com as pessoas com quem hoje possui. O profissional (4), do ponto de vista do trabalho, acha que seria impossível, mas, no dia a dia de lazer, nas coisas pessoais, não faz falta. Os dois entrevistados parecem concordar que, do ponto de vista profissional, “é impossível” ficar sem se conectar, já no âmbito pessoal, também parecem concordar que conseguiriam viver sem internet, aparentemente.

[...] Se pensar que quando eu tinha dezenove anos de idade não tinha internet [...] E hoje, dezesseis anos depois, eu ganho a vida com isso. Não consigo imaginar mais não, como seria sem. Acho que seria uma droga. É,

meu ganha pão, ou seja, a internet que trouxe todo o meu sustento. [...] Antigamente, eu lembro que pra você pagar uma conta você tinha que ir ao banco. Eu lembro que quando surgiu a possibilidade de pagar a conta pela internet, eu fui lá rapidinho descobri como que fazia isso e a partir dali eu não queria sair de casa mais. Eu que ajudava minha mãe nessa coisa de pagar conta, tudo, até minha mãe entender que aquilo ali era seguro, que podia pagar por ali, que ainda ela é do tempo que tinha que ter autenticação mecânica no papel né? Que imprimir um comprovante e grudar ele na conta e falar que também servia como comprovante, ela demorou a acreditar nisso, mas depois que acreditou. [...] isso ai é uma coisa assim que não tem volta mais né, essas facilidades não têm volta mais. [...] Passagem aérea [...] muita coisa que você pode fazer. Ingresso [...] (P1).

O profissional (1) reflete que, antes quando era adolescente, a internet não existia comercialmente, mas que hoje é imprescindível por trabalhar por meio dela e afirma que não consegue imaginar como seria se não existisse. Ele também retrata as facilidades que essa ferramenta trouxe para os usuários, assim como a comodidade e a segurança.

De acordo com os entrevistados, a falta da internet no lado profissional é o que mais eles temem, principalmente, pela profissão ser diretamente ligada ao mundo digital. Constata-se, assim, que alguns mencionam a vida sem a profissão e sem a internet como uma vida “normal”, parece que eles encaram esse ritmo incessante *on-line* como uma vida diferente da de outras pessoas. Alguns dos entrevistados dizem encarar com tranquilidade se não tivessem internet na vida pessoal e já outros acreditam que as facilidades e benefícios trazidos pela internet não têm mais como voltar ao que era antes, ou seja, não podem retroceder.

Segundo Saraiva e Cabral (2011), a internet é um mundo incessante e repleto de possibilidades, oferece um pouco mais de segurança e comodidade para os usuários, protege-os dos temores reais, mas os usuários não devem deixar de pensar nos temores virtuais.

Quanto ao sentimento dos entrevistados quando a internet fica lenta ou “sai fora do ar”, sentem-se nervosos quando acontece, acham um absurdo a falta de qualidade das operadoras de internet, ficam irritados, bravos e se desanimam de fazer as coisas.

Tabela 18 - Sensação do entrevistado quando a internet fica lenta ou "sai fora do ar"

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Sente-se nervoso	6	60%
Acha um absurdo a falta de qualidade das operadoras de internet	4	40%
Fica muito irritado	3	30%
Fica bravo	3	30%
Desanima-se de fazer as coisas	2	20%
Sente-se desiludido	1	10%
Sente-se agonizante	1	10%
Sente-se injuriado	1	10%
É muito ruim	1	10%
Sente-se chateado	1	10%
Tem sentimento de querer desligar a máquina e ir embora	1	10%
Afirma ser viciado em séries	1	10%
Afirma não aguentar	1	10%
Afirma ser estressante	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Constata-se, através dos diversos sintomas citados acima, que os entrevistados no primeiro momento não conseguem lidar com a situação, principalmente se a falta de conexão for no âmbito profissional. Poucos são os entrevistados que falam que conseguem, depois do primeiro impacto, distrair-se e conseguir resolver outras coisas. A maioria sente-se avesso a essa mudança. Por meio das palavras que eles expressam apenas ao tocar no assunto, pode-se perceber a dimensão do sentimento quando realmente essa ação ocorre e o que lhes provoca. Pode-se observar mais nos trechos a seguir.

Se eu tivesse acessando no momento, precisasse muito, eu sentiria... não sei, bravo, desiludido também. Agonizante talvez. (P2)

Ó vou embora (risos), vou desligar essa máquina e vou embora. Mas eu fico... se a internet cai, fica tudo nervoso né. (P5)

Muito nervoso. Muito nervoso. Porque eu sou viciado em série, vejo muito. Tô sempre fazendo *download* de alguma ou vendo. Então quando ela tá lenta, nossa me estressa. Porque como meu tempo é meio corrido eu fico assim "poxa, porque que tá lento desse jeito?" eu fico prestação de serviço dos operadores né. Porque isso é uma coisa que me irrita muito, a falta de qualidade de serviço. [...] eu cancelo, fico com raiva, eu não faço. Entendeu, porque nó, eu não aguento, sério! A não ser que eu, assim seja uma coisa que não é urgente. Aí eu deixo fazendo e vou sair. Eu..igual antes de sair do serviço deixo o computador ligado e deixo fazendo. Na hora que eu chegar já deve ter normalizado. Porque geralmente está pronto, mas quando não tá eu fico mais irritado ainda. (E3)

Percebe-se, entre os relatos dos entrevistados, que a falta de paciência é presente e que também há ansiedade e inquietude ao falar sobre a falta de conexão digital. O

profissional (2) cita sentir-se desiludido e agonizante perante a falta da internet, o profissional (5) no ambiente profissional pensa em ir embora e fica nervoso diante do fato, já o estudante (3), além de se sentir nervoso por seu ritmo acelerado ser interrompido, não aguenta e fica muito irritado quando acontece.

Segundo Young (2012), a dependência de internet tem a mesma natureza das outras dependências, quando os dependentes tentam diminuir ou cessar o seu comportamento fracassam, recaindo novamente no vício, os mesmos sintomas de abstinência acontecem também com os dependentes digitais.

Em relação aos entrevistados sentirem falta da internet, a maioria afirma sentir falta da internet e dois dizem que não sentem falta. Nos comentários, a metade respondeu que, quando não tem internet, mesmo sem precisar dela, sentem falta. Dentre os outros comentários, sobressaíram-se os que sentiriam falta apenas se ficassem muito tempo sem contato, os que não sentem falta e sim necessidade, os que dizem não ficar aflitos sem ela, os que sentem falta quando viajam ou estão em local em que não há conexão, os que sentem falta para manter a comunicação com outras pessoas quando não há outros meios de comunicação e, finalmente, aqueles que sentem falta para realizar pesquisas de informações.

Tabela 19 - Sensação do entrevistado pela falta da internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Quando não tem internet, mesmo sem precisar, sente falta	5	50%
Sentiria apenas se ficasse muito tempo sem contato	2	20%
Não sente falta e sim necessidade	2	20%
Não fica aflito sem ela	2	20%
Sente falta quando viaja e o local não tem conexão	2	20%
Sente falta para manter a comunicação com outras pessoas	2	20%
Sente falta para pesquisa de informações	2	20%
Sente quando o <i>smartphone</i> fica sem bateria	1	10%
Fica raramente sem internet	1	10%
O <i>smartphone</i> ajudou a diminuir a falta de internet	1	10%
Fica ansioso pensando nas informações que está perdendo na internet	1	10%

(continuação)

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Tem sensação de estar "desligado" do mundo quando ocorre	1	10%
Basta "cair" o sinal que a situação se torna irritante	1	10%
Fica viciado nas facilidades que a internet traz	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Constata-se, pelos relatos dos entrevistados, que, mesmo sem passar com frequência pela situação da falta de internet, ao mínimo sinal de perda de conexão, o humor se altera e a ansiedade se instaura e alguns pensam nas atualizações *on-line* que estão “perdendo” e também na perda da comunicação. Alguns relatos de entrevistados serão apresentados em relação a como seria a sua vida sem internet e se sentiriam falta dela.

Sinto. É raro porque raramente eu fico sem também. Agora, depois que veio até o *smartphone* ela está no seu bolso né. Então, você está a todo tempo conectado né. Mas em situações, por exemplo, vou dar um exemplo assim bobo: às vezes você vai em um banco, ou você vai em algum lugar que acabou a bateria do seu *smartphone* e você vai ficar a tarde inteira fora, e aí você..quando eu tô voltando ao trabalho eu já...dá uma...eu fico pensando “poxa, o que vai chegar de e-mail novo lá pra mim, será que o pessoal que eu mandei aquele e-mail respondeu?”, você fica até ansioso pra chegar na hora lá, pra chegar e ver como tá...Porque muitas coisas profissionais eu resolvo por e-mail. Então, como tá lá né e eu tô sem a bateria do negócio, então eu sinto falta naquele momento ali, de ter aquela informação né. Porque eu já acostumei já assim, no trânsito mesmo ali parou no sinal você dá uma olhada “ah! respondeu, beleza”. Você já tem aquilo ali, mas quando não tem você sente falta. (P1)

Apesar de acontecer raramente a desconexão, observa-se que o profissional (1) está constantemente conectado e, quando acontece, como em seu exemplo dado, a bateria do *smartphone* acaba, fica ansioso para saber as atualizações no e-mail e por perder a comunicação com o seu trabalho mesmo estando fora dele. Também se queixam por deixar de verificar regularmente as atualizações, o que, ao final, demonstra o que a metade dos entrevistados revelaram em suas falas: apesar de não precisarem da informação *on-line* naquele momento, sentem falta e, às vezes, ficam aflitos por não terem a conexão.

Sim. Quando eu não a tenho. Basta você perder o sinal (risos) é só perder o sinal é só cai o sinal que a situação fica realmente irritante, às vezes você pode, talvez você esteja fazendo absolutamente nada, mas se você notou que o modem apagou a luz de *on-line* você já começa, eu já fico nervoso, vai mudar minha vida? Não vai, mas eu já fico nervoso, eu não sei porque mas eu fico nervoso. (P3)

Olha eu sinto falta na hora de me comunicar, principalmente, me comunicar com as pessoas que eu não tenho a oportunidade de estar sempre perto, é o que eu sinto mais falta é assim, mas, mais no meu momento de lazer mesmo e no trabalho não tem como não sentir falta, eu... já tá repetitivo isso, mas é porque é o meu trabalho, não tenho como não sentir falta, eu preciso da internet pra trabalhar, mas aí é fins de pesquisa mesmo, de conhecimento. (E4)

A grande maioria dos entrevistados concorda que, quando não têm internet, sentem muita falta. Como o profissional (3) expõe, às vezes, nem está precisando, mas basta perder o sinal para se preocupar e ficar nervoso. O estudante (4) relata que é imprescindível estar *on-line* em seu trabalho e também para se comunicar e reforça que não tem como não sentir falta, pois precisa da internet.

Não, falta eu não sinto não, é preciso ter ela, mas tem gente que fica meio aflito né? eu não tenho esse problema não (P4)

O profissional (4), que não possui celular ou e-mail pessoal, afirma não sentir falta da internet, mas mostra com clareza que precisa dela profissionalmente e, como havia dito em relatos anteriores, “é impossível” ficar sem conexão, mas ressalta que não se sente mal por isso, quando ocorre.

[...] senti falta, eu não sinto falta dela em si, quer dizer se você estiver sem internet é lógico que você fica é eu queria esta fazendo isso, eu queria esta fazendo aquilo é eu não posso, mas não é como se fosse um amor platônico, nossa senhora eu estou sem e vou morrer por isso, se eu fico sem internet eu encaro com naturalidade é uma coisa que não adianta você ficar nervoso porque esta sem internet, você pode ficar nervoso com sua prestadora de serviços [...], mas ficar sem internet apesar de ser uma tristeza não é o fim do mundo, pra mim por exemplo eu não encaro como se fosse a pior coisa do mundo, [...], mas tem tantas outras coisas que você pode fazer sabe? eu gosto muito de ler então quando eu não estou lendo no computador eu tenho os meus livros pra ler, então se eu estou sem internet eu deito ali no sofá ou na cama e leio, não adianta fica criando muito estresse com isso também. Não, o livro físico, disse eu não abro mão porque o livro físico é outra sensação, você pode mudar a posição que você está, não precisa ficar sempre na mesma posição e sei lá, o toque do papel eu não sei nem te explicar o porque, mas pra mim tocar o papel, senti o papel o cheiro do livro pra mim é uma coisa muito boa eu gosto parece que eu entro mais fácil naquilo que eu estou lendo, quando eu estou lendo um livro físico. É se eu acordar de manhã e não tiver internet [...] porque assim você dorme é aquele período que você esta inerte no mundo, acorda e você quer saber o que aconteceu, porque também abro muitos sites de notícias né? então se eu fico sem esse espaço de manhã eu fico sentindo que faltou alguma coisa, nada que é super importante, super perigoso que está acontecendo, mas da uma sensação de que eu estou meio desligado do mundo, então de manhã eu acho que é o período mais importante pra mexer na internet [...] Graças a Deus, [...] Graças ao são Byte não acontece com muita frequência não (E5).

O estudante (5) diz encarar com tranquilidade a falta de conexão, afirmando que não adianta ficar nervoso por não ter internet, tem que ficar nervoso com a prestadora de serviços e que, apesar de ser uma tristeza, não é o “fim do mundo”. Ele diz tirar esse tempo para fazer outras coisas de que gosta, como ler. Ressalta também que não abre mão de ler o livro físico, mas que, se a internet demora muito tempo a voltar, sente-se como “desligado do mundo” e, ao final, agradece ao “santo byte” por não acontecer com frequência.

Destaca-se, neste tópico, que o início do contato com a internet representou para a maioria dos entrevistados o período de 2000 a 2004, que confirmam a presença diária da internet e ressaltam que não existe possibilidade de ficar diariamente sem estar conectado, principalmente, no âmbito profissional. A primeira atividade da rotina diária dos entrevistados é a checagem de e-mail, a segunda são as atualizações das redes sociais *on-line* e a terceira, a realização das atividades profissionais.

Ao chegar em casa, os entrevistados afirmaram checar suas atualizações e também afirmaram estar constantemente conectados por *tablet* e/ou *smartphone*, contrapondo os dados dos entrevistados do questionário que possuem uma porcentagem de 5% na utilização de *tablets* e *smartphones*. Os entrevistados afirmam também estar sempre conferindo as atualizações da internet e, apesar de alguns relatarem não ser rotina, aparentemente, todos checam regularmente suas atualizações *on-line*.

Nas atividades em tempo livre, os entrevistados afirmam sair, reencontrar amigos e ir ao cinema. Constata-se que, ao listar as atividades de tempo livre, algumas das atividades listadas foram atividades realizadas totalmente ou em parte no meio *on-line*.

Os aparelhos tecnológicos mais utilizados pelos entrevistados são o celular (*smartphone*), o computador e o notebook. O tempo diário conectado foi bem variado entre os entrevistados, sobressaindo o período de 1 hora conectados a 24 horas conectados, mas não necessariamente utilizando a ferramenta, pois podem

estar conectados por algum aparelho, como *smartphone* ou *notebooks*, e não estar efetivamente utilizando, eles relataram que as horas *on-line* efetivamente utilizadas foram em torno de 10 horas diárias.

Em relação a perder a noção do tempo quando estão conectados, metade afirmou que perdem a noção, às vezes, perdendo o foco e se distraindo, principalmente, se encontrarem algo que lhe prenda a atenção. Outros entrevistados dizem que perder a noção do tempo na internet acontece com frequência, todavia, se houver um compromisso, eles costumam interromper a conexão. Ressalta-se, contudo, que se verificou, pelos relatos, que, às vezes, dependendo do compromisso e dependendo da atividade *on-line* sendo realizada, acontece de eles perderem a noção e também o compromisso, contradizendo os seus relatos anteriores.

Quanto a passar a noite na internet, 4 dos 10 entrevistados afirmam ter passado a noite, alguns afirmaram estar trabalhando e outros ter acontecido com frequência nos primeiros contatos com a internet. O maior tempo conectado foi de 6 a 12 horas conectados, alguns nesse tempo navegando, jogando ou trabalhando; durante esse tempo, alguns passaram conectados ininterruptamente sem se levantar da cadeira.

Constata-se que o maior tempo conectado relatado pelos entrevistados parece não acontecer com frequência, mas muito deles se ficarem até certa hora da madrugada e se desconectarem não consideram isso como passar a noite *on-line*, apesar de às vezes já terem “virado a noite”. O período mais longo sem utilizar a internet foi de no mínimo 1 dia e no máximo 21 dias, não sendo considerado um tempo muito longo sem estarem conectados e aconteceu por viagens, motivos pessoais, troca de operadora, dentre outros.

Percebe-se que os entrevistados não conseguem ficar muito tempo sem estar conectados, seja por profissionalismo, seja por questões pessoais ou pelos dois motivos. Ao serem questionados sobre passar por uma chateação ou aborrecimento por estarem muito tempo conectados, a maioria afirmou ter acontecido, o que acarretou vários problemas emocionais e físicos aos entrevistados, como: estresse, ansiedade, insônia, sedentarismo, perda de compromissos, perda de contato entre familiares e amigos, dentre outros. O abuso do tempo *on-line* foi confirmado pela

maioria dos entrevistados, tendo em vista os problemas acima relatados e também a necessidade de estarem constantemente conectados.

Quanto à vida do entrevistado sem a internet, muitos relataram a perda de comunicação entre amigos e familiares e também afirmaram que não saberiam como seriam suas vidas, principalmente, no âmbito profissional. O sentimento dos entrevistados quando a internet fica lenta ou “sai fora do ar” foi de nervosismo. Ressaltam que acham um absurdo a falta de qualidade das operadoras de internet e alguns, mesmo sem necessitar da internet, quando perdem o sinal de conexão, ficam irritados e dizem sentir falta da internet, o que já era esperado dado o sentimento que a falta de conexão lhes provoca.

Percebeu-se também, entre os entrevistados, a utilização de jogos com interação entre mais pessoas *on-line* e também jogos com avatar (interpretação de personagem). Houve também a constatação da grande utilização de *blogs* por parte de alguns entrevistados e como eles prendem atenção dos usuários, sendo também um dos motivos de perderem a noção do tempo *on-line* e de ficarem mais tempo na internet verificando as atualizações.

5.4 Semelhanças e diferenças entre dependentes e não dependentes de internet

Neste tópico, será abordado como os entrevistados se situam no mundo virtual e o que sentem e como percebem esse ambiente digital. Ao final, serão apresentadas as semelhanças e as diferenças entre os dependentes e os não dependentes de internet.

Em relação ao que agrada e mantém os entrevistados na internet, a metade respondeu as interações nas redes sociais e também a interação *on-line*, 4 responderam ser a possibilidade de estarem sempre informados. Os itens que mais se sobressaíram estão relacionados às interações *on-line*, à constância da informação e sua velocidade, e às facilidades que as ferramentas *on-line* e a simplificação trazem para o trabalho.

Tabela 20 - O que agrada e mantém os entrevistados na internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
As interações nas redes sociais	5	50%
A interação <i>on-line</i>	5	50%
Sempre estar informado	4	40%
A velocidade da informação	3	30%
As notícias	3	30%
A pesquisa de informações	3	30%
Os vídeos	2	20%
A música	2	20%
O e-mail	2	20%
Estar conectado durante o trabalho em <i>blogs</i>	2	20%
Os jogos	1	10%
A política	1	10%
O futebol	1	10%
A tecnologia	1	10%
A necessidade de estar constantemente conectado, monitorando o seu trabalho	1	10%
A ajuda pela internet no dia a dia do trabalho	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Foi questionado aos entrevistados se, quando estão em um evento, festa ou comemoração, eles conseguem se desconectar da internet e interagir com as pessoas ao redor. A maioria afirmou que consegue e apenas um disse que tem dificuldades. Mesmo tendo afirmado que conseguem se distrair e interagir, a maioria dos entrevistados relataram que o assunto costuma ser de coisas da internet ou relacionados à internet.

Também foi questionado se, nessas circunstâncias de um evento, festa ou comemoração, se eles se sentem deslocados, acabam utilizando a internet para se distrair, 7 afirmaram que sim e 3 responderam que não. Abaixo, o relato do entrevistado que tem dificuldades para interagir.

Tenho um pouco de dificuldade. [...] a questão do tédio porque as coisas no meu caso, [...] as situações elas são muito lógicas, então assim, eu consigo conversar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto, mas tem momentos em que [...] eu prefiro não falar, eu quero descansar um pouco, mas você tem que esta naquela festa, tem que conversar com aquele tanto de gente que falam um tanto de coisas assim totalmente sem sentido e isso acaba te frustrando, mais ou menos por aí. [...] às vezes, sempre da aquela sensação de pegar o telefone, você não faz absolutamente nada você pega o telefone só para dar uma olhadinha respira e depois volta isso aí é normal. (P3 – Dependente Grave)

Percebe-se que o profissional (3) não tem muita paciência para conversar com outras pessoas, principalmente, se o assunto não é de seu interesse e acaba se entediando rapidamente. De acordo com Gasser e Palfrey (2011), o poder de atração como propósito de fuga na internet é crescente, alguns nativos digitais preferem a “segunda vida”, fugindo das frustrações reais.

Quanto ao que tem na internet e não tem na realidade dos entrevistados, a maioria afirmou ser a possibilidade de se conectar com outras pessoas, além de: troca de informações em qualquer lugar e para qualquer lugar, facilidade de locomoção e interatividade e possibilidade de expressar sua opinião de forma mais desinibida do que na realidade.

Tabela 21 - Percepção dos entrevistados do que tem na internet e não tem na sua realidade

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
A possibilidade de se conectar às pessoas	7	70%
A troca de informações realizada em qualquer lugar e para qualquer lugar	2	20%
A facilidade de locomoção e sua interatividade	2	20%
Dar sua opinião de forma mais participativa e desinibida que no mundo real	2	20%
Os jogos para divertir, relaxar, viver outra realidade	2	20%
Os <i>blogs</i>	1	10%
A velocidade da troca de informações, mais rápida do que no mundo real	1	10%
A evolução rápida e visual da internet	1	10%
A possibilidade de conhecer coisas por curiosidade, desejo ou necessidade	1	10%
Afirma que, na internet, as pessoas prestam mais atenção no que as outras estão querendo dizer	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Observa-se que a maioria das falas estão relacionadas à comunicação on-line e à interatividade com informações disponíveis na internet. Abaixo, o relato de um entrevistado sobre o que tem na internet e não tem na sua realidade.

[...] Na internet você pode tipo, levar sua imaginação ao máximo sem ser criticado [...] você pode levantar sua opinião e as pessoas assim vão gostar, elas vão comentar [...], acrescentar alguma coisa à ela. Na vida real não é assim. Geralmente quando você tem uma opinião diferente das outras pessoas, você fala isso na cara delas, elas te olham com um certo preconceito [...] na internet você escreveu, as pessoas param, elas leem, elas tipo procuram entender por que a pessoa está dizendo aquilo [...] Tem as pessoas ignorantes como em qualquer lugar que vão sempre querer desconstruir a sua opinião [...] você poder levar sua imaginação sem medo de todas as pessoas ao redor, [...] sem medo do embalo [...] corre um risco maior disso. E, mesma coisa de jogos [...] você se une um pouco de uma realidade que não é a sua, [...] você começa a pensar igual o personagem e

isso influencia muito [...] até a questão de caráter às vezes [...] Porque você pega um personagem que você se baseia nele e tal, o cara legal, você tipo “ah! pô, esse pensamento dele é legal”, “ou não é”. [...] igual eu vejo muito o pessoal sempre indicando jogos como *GTA* [...] que fazem a cabeça das pessoas [...] Eu acho assim, faz. Mas só se a pessoa não tiver uma cabeça mesmo, já não tiver uma opinião em relação às certas coisas, uma coisa construída dentro de casa fora da internet. [...] a sua educação mesmo, saber o que é certo e errado. (E1 – Usuário comum)

O estudante (1) relata que, na internet, tem liberdade de expressão e que as pessoas reparam mais no que as outras estão querendo dizer, no que elas sentem. O entrevistado menciona também a realidade virtual dos jogos em que pode se unir a uma outra realidade e pode começar a pensar igual ao personagem. Nesse sentido, menciona jogos, como *GTA*, que “fazem a cabeça” das pessoas, como ele mesmo diz, e acredita que as pessoas que podem ser influenciadas são aquelas que não têm opinião ou que não possuem uma certa educação sobre o que é certo ou errado.

Os entrevistados foram questionados sobre como é sua rede de contatos reais e virtuais. Em relação a essa questão, 8 afirmam que a rede de contatos virtual é maior, 3 afirmam que as duas são bem parecidas e 1 afirma que a rede de contatos real é maior. Quanto aos comentários, afirmaram que há pessoas na sua rede virtual que nunca viram pessoalmente, assim como pessoas com quem conversam somente no meio virtual e também outras que já conheceram, no meio virtual, de outros lugares e, depois, se encontraram pessoalmente.

Tabela 22 - Diferenças entre a rede de contatos reais e virtuais dos entrevistados

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Tem pessoas na sua rede virtual que nunca viu pessoalmente	4	40%
Tem pessoas com quem conversa somente no virtual	2	20%
Já conheceu pessoas de outros lugares pela internet e encontrou pessoalmente	2	20%
A rede de contatos real está inclusa na virtual	1	10%
A rede de contatos real é mais sólida	1	10%
As amizades duradouras são no mundo real	1	10%
Conheceu pessoas em jogos <i>on-line</i> e mantém contato virtual	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Segue, abaixo, o relato do entrevistado sobre as diferenças entre a rede de contatos real e virtual.

A rede de contatos virtual é maior. Ela é maior, mas digamos que a rede de contatos real que eu tenho, a grande maioria das pessoas que estão minha

rede de contato real também estão incluídas na minha rede virtual também né. Aí na rede virtual acrescentam pessoas, muitas vezes pessoas que você não tem um relacionamento assim, você não encontra com a pessoa, você não fala pessoalmente com ela, você fica anos e anos sem ver a pessoa, mas ali naquele ambiente virtual você conversa com ela todo dia né. Então, a rede virtual é maior, mas a rede real é sólida né, ou seja, é família, amigos né, são pessoas que estão próximas mesmo. (P1 – Dependente moderado)

Nos relatos dos entrevistados, constatou-se que dois deles adicionam pessoas sem conhecerem em suas redes sociais e muitos deles mantêm contato virtual com pessoas que nunca viram pessoalmente. O profissional (1) acredita, como a maioria dos entrevistados, que a sua rede de contatos virtual é maior, ele acrescenta que, nas duas redes, há pessoas que se encontram em ambas, mas, na virtual, são acrescentadas pessoas com quem, às vezes, não se tem contato pessoalmente e há também a possibilidade de reencontrar pessoas que há muito tempo não se vê ou com quem já havia perdido o contato.

Ressalta-se que, apesar da rede virtual ser maior, a real é mais sólida, constituída de família, amigos, pessoas mais próximas. De acordo com Christakis e Fower (2010), as redes se formam pelos vínculos entre os indivíduos e proporcionam as conexões entre pessoas e informações. A base e a origem dessas redes se originam pelos primeiros contatos que são a família e os amigos.

Em relação a se os entrevistados têm mais facilidade de se relacionar no meio virtual ou no meio real, os comentários revelaram que, para alguns, é mais fácil conversar virtualmente, acreditam ser menos tímidos virtualmente, já outros afirmam preferir o contato pessoalmente e afirmam que há pessoas para se falar pessoalmente e pessoas para se falar virtualmente e também acreditam ser a mesma coisa nos dois ambientes e não ter paciência para conversar apenas virtualmente.

Olha eu acho que depende muito de com quem você esta querendo conectar, eu quando estou na internet pra mim eu acho que eu tenho mais facilidade de expor minhas ideias, quando eu tenho tempo para pensar nelas, então se eu estou em uma discussão ao vivo eu sou um pouco tímido, então eu tenho mais dificuldade de falar de discutir de conversar a não ser se eu tenho um contato muito próximo com a pessoa [...] então eu tenho uma liberdade muito grande que flui muito mais ao vivo do que na internet do que vamos dizer no mundo digital, agora quando esse pré requisito não é atingido então se eu não conheço a pessoa a tanto tempo [...] eu consigo me comunicar mais fácil porque também você fica mais resguardado, você fica menos exposto na internet. (E5 – Dependente leve)

O estudante (5) relata ter mais facilidade de expor melhor suas ideias no ambiente da internet e diz que, pessoalmente, é mais tímido, a não ser que tenha mais proximidade com a pessoa, pois, fora desse contexto, afirma se expressar melhor digitalmente e uma das vantagens é se sentir mais resguardado, menos exposto.

De acordo com Gasser e Palfrey (2011), as compensações pelos possíveis riscos na vida digital compensam para alguns usuários, negociam sua vida digital repleta de facilidades e recompensas pela privacidade.

No que concerne à autenticidade dos entrevistados no meio virtual, a metade afirmou ser do mesmo jeito da realidade e outros relataram se preocupar com exposição e segurança.

Tabela 23 - Autenticidade no meio real e no virtual

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Afirma ser do mesmo jeito	5	50%
Preocupa-se com exposição e segurança	3	30%
Afirmar que no meio familiar é mais aberto	1	10%
No meio virtual fica mais exposto, não tem como se esconder	1	10%
As pessoas acham que as outras se escondem	1	10%
Interage pouco no meio virtual	1	10%
Não sabe como o veem no mundo virtual	1	10%
Até pessoalmente esconde como está se sentindo	1	10%
Acredita que as pessoas devem o achar mais extrovertido no mundo virtual	1	10%
Afirma não ser cem por cento transparente	1	10%
À medida que vai conhecendo a pessoa vai se abrindo no virtual e no real	1	10%
Não se importa com sua imagem ou com seus defeitos serem expostos	1	10%
Afirma não ser a mesma pessoa o tempo todo	1	10%
Depende da pessoa ou ocasião para ser a mesma pessoa	1	10%
Afirma que procura ser o mais legítimo possível	1	10%
Tenta ser, mas acha difícil	1	10%
Acredita que no mundo virtual as pessoas estão mais resguardadas	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Alguns entrevistados relataram que, no meio familiar, é mais autêntico do que na internet, que a vida digital deixa as pessoas mais expostas, as pessoas acham que as outras estão sempre escondendo algo, que interagem pouco no meio virtual, não sabem como é sua imagem digitalmente, acreditam que as pessoas o acham mais extrovertido no mundo digital, afirmam não ser totalmente transparentes e alguns não se importam com o que está sendo exposto.

A seguir, os relatos de entrevistados sobre a sua autenticidade no meio virtual e no meio físico.

Ah, sou do mesmo jeito. É claro que no ambiente familiar né você é mais livro aberto que num lugar, num ambiente virtual. É justamente por causa dessa questão da exposição. Aí você também, nem tudo o que acontece na sua vida você vai revelando no lugar lá né, no ambiente virtual porque mais por questão de segurança, exposição mesmo também né. Então a gente não fala tudo lá não. (P1-Dependente moderado)

O tempo todo não, depende da pessoa, depende da ocasião, o tempo todo não, eu procuro ser o mais legítimo, o mais real possível no mundo virtual também, mas eu confesso que às vezes não, às vezes não sou tão real. (E4-Dependente Moderado)

O profissional (1) acredita ser do mesmo jeito, no ambiente familiar, é mais aberto que no ambiente virtual, pois teme por segurança, afinal, há muita exposição. O estudante (4) diz não ser a mesma pessoa o tempo todo, dependendo da pessoa e da ocasião, procura ser mais ou menos legítimo e, apesar de tentar ser o mais real possível no mundo virtual, afirma, às vezes, não ser tão real.

Segundo Colvara (2007), o fato de a internet ter várias ferramentas e possibilidades e a flexibilidade de se reinventar continuamente fazem talvez com que os usuários não tentem ser autênticos, alguns temem por sua segurança ao se mostrar. Para Gasser e Palfrey (2011), a moldagem da identidade se dá de acordo com os desejos do usuário e o que ele disponibiliza pode favorecer ou prejudicar, sendo a criação e revisão da identidade digital constante e “mutante”.

Os entrevistados foram questionados se, na internet, é mais fácil fugir de aborrecimentos e chateações em razão de as pessoas não se verem. A maioria afirmou que, na internet, realmente é mais fácil, que podem “bloquear” as pessoas e lidam abertamente com esses aborrecimentos virtuais da mesma forma que com os reais.

Observa-se que os entrevistados possuem facilidade em fugir de aborrecimentos ou chateações por meio da internet. Nos comentários dos entrevistados, pode-se constatar também que, às vezes, mentem, inventam ou simulam uma situação para fugir de outras, preocupam-se com a exposição da sua pessoa e de suas informações no meio digital e também consideram fácil criar e simular perfis falsos

ou outras identidades. A seguir alguns relatos de entrevistados sobre a fuga de aborrecimentos e chateações *on-line*.

É. Se alguém tiver te perturbando é fácil, é só você clicar e bloquear. De verdade não, você esbarra com alguém no corredor sempre que você não queria ver. É, bloqueia lá resolve. Denuncia como *spam*, qualquer coisa. (E1- Usuário comum)

Eu acho que sim, porque na internet é muito fácil você criar um perfil falso de qualquer pessoa que você invente aí, é muito fácil, mas também depende muito das intenções de cada um. Não só quando assim, eu estou no trabalho ou então estou ocupada com alguma coisa importante e vejo que essa pessoa vai ficar me atazanando aí ou eu fico invisível ou eu bloqueio ela por algum tempo, mas depois que eu estou bem de novo eu desbloqueio esta pessoa. Eu criei no *Orkut* uma vez, mas foi de um personagem famoso só pra acessar algumas comunidades que no meu perfil oficial eu não acessaria por conta de trabalho, porque algum chefe meu vê lá meu perfil no *Orkut* e vê que eu sou dessas comunidades podem achar alguma coisa ruim de mim né? Por exemplo, algumas coisas que eu gosto como um estilo de música que geralmente as pessoas não curtem [...]. (E2- Dependente Grave)

Os dois relatos afirmam que, se houver alguma perturbação ou chateação *on-line*, é fácil bloquear ou isolar aquele problema, diferentemente de encarar uma situação incômoda pessoalmente. O estudante (2) acrescenta que é muito fácil criar um perfil falso na internet e tudo depende das intenções do usuário, e cita várias formas de se esquivar de alguém, como ficar invisível no bate-papo e também esconder alguns interesses que não são comuns e podem ser interpretados de forma negativa.

Quanto aos usuários já terem aliviado algum tipo de sentimento ou aborrecimento utilizando a internet, a maioria afirmou já ter ocorrido e outros disseram que essa situação não aconteceu.

Tabela 24 – A utilização da internet para aliviar sentimentos ou aborrecimentos

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Afirma que já aconteceu no trabalho de se aliviar vendo um <i>blog</i>	3	30%
Afirma ver séries ou filmes para se distrair	3	30%
Afirma que já aconteceu de utilizar de jogos para se aliviar	2	20%
Afirma procurar vídeos engraçados	2	20%
Afirma utilizar no trabalho o cigarro para relaxar	1	10%
Afirma que utiliza principalmente para pesquisar alguma informação para lhe tranquilizar na saúde dos filhos	1	10%
Afirma que prefere dar uma pausa, tomar um café	1	10%

(continuação)		
Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Afirma que já teve muitos problemas por falta de controle de tempo	1	10%
Afirma não ter o hábito de utilizar a internet como passatempo	1	10%
Afirma se distrair, às vezes, navegando na internet quando está com tempo livre	1	10%
Afirma antigamente já utilizou alguma rede social para desabafar	1	10%
Afirma que às vezes utiliza para aliviar as brigas de relacionamento	1	10%
Afirma desabafar com amigos de confiança mesmo tendo contato apenas virtual	1	10%
Afirma que quando está aborrecido nem entra direito na internet	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Em relação aos comentários, afirmam já ter acontecido no trabalho de aliviar as tensões vendo um *blog*, afirmam ver séries ou filmes para relaxar, afirmam já ter acontecido de utilizar jogos para se aliviar e procuram vídeos engraçados para se distrair. A seguir, os relatos de entrevistados sobre a utilização da internet para aliviar sentimentos ou aborrecimentos.

Já. Sim só pra dar aquela extravasada. Às vezes sim [...] você precisa dar um tempo [...] lendo alguma coisa, lendo uma piada, vendo um outro site, vendo futebol, lendo fofoca de novela, você acaba fazendo. Olha, como eu te disse, antes eu tinha um controle menos rigoroso e isso acabava me prejudicando, mas hoje eu já não faço isso mais não, isso realmente é uma coisa muito complicada [...] Eu acredito que uns quatro anos antes, três anos por aí. (P3-Dependente Grave)

[...] acho que já. Na hora que tá com muita raiva em jogo é bom. Ah! Isso ajuda também (sobre *blogs*). Nem tanto tirinha, só mais viciado em ver série, aí eu costumo assistir bastante. [...] A maioria seria filme e série mesmo. [...] Geralmente dispersa um pouquinho ainda mais que fica tudo conectado, ou uma janelinha pisca quando tá conversando [...] Na hora que eu tô fazendo alguma coisa de trabalho específico, aí eu desligo. [...] Ou quando eu tô só estudando alguma coisa, alguma coisa mais tranquila, aí fica ligado. Mas se eu tô, sei lá, sentado lá programando, focado no negócio, aí eu ignoro tudo. [...] (E2-Dependente Grave)

Constata-se que o profissional (3) já teve problemas com a falta de controle em relação ao se aliviar por meio do ambiente digital, hoje, diz controlar melhor seu tempo. O estudante (2) diz relaxar melhor com jogos, *blogs*, séries e filmes e, quando está estudando ou fazendo alguma coisa mais tranquila, costuma ficar conectado nas redes sociais.

[...] já usei. [...] Não no trabalho não, eu nunca usei a internet pra me aliviar não [...] no trabalho eu tenho o péssimo vício de fumar, então eu saio e fumo (risos) [...]. Em casa assim, [...] eu fui assistir um filme, a vamos supor, eu tive uma desilusão amorosa, eu vou lá e baixo um filme, ou assisto filme de romance pra me torturar mais ainda, ou eu coloco uma música

depressiva [...], de brigar com amigo e pensar assim, a eu vou relaxar aqui vendo ou assistindo alguma coisa, ou conversando com alguém ou uma pessoa que está de fora da situação ou que não conhece, explicar o meu lado, tentar passar o que a outra pessoa está pensando da situação [...] não que eu vá correndo pra internet [...] muito difícil eu relaxar na internet. Normalmente quando eu tô aborrecido ou alguma coisa assim eu nem entro direito [...] a minha preferência é por sei lá levantar, ir tomar um café, fazer alguma coisa. [...] (E4-Dependente Moderado)

Percebe-se que os dois primeiros entrevistados utilizam a internet para se distrair e relaxar, já o terceiro prefere relaxar por outros meios, como fumar e tomar café, mas, quando necessita “desabafar” com alguém, sente necessidade de se comunicar *on-line*, ou assistir a um filme, escutar uma música.

Foi questionado aos entrevistados se as pessoas de convívio se queixam do seu comportamento por estarem conectados. Afirmaram que, quando o computador não era comum, as mães dos entrevistados chamavam sua atenção, mas agora já estão acostumadas, dizem que ninguém se queixa do seu comportamento *on-line* e relatam que algumas vezes aconteceu de alguém se queixar. A seguir, os relatos de entrevistados para exemplificar as queixas de outras pessoas por estarem *on-line*.

Às vezes, sim, porque eu não presto muita atenção, assim, se a pessoas está falando comigo e eu estou na frente do computador [...] (E4-Dependente moderado)

Percebe-se, no relato do estudante (4), que, quando está conectado, não presta atenção no que está a sua volta e as pessoas se irritam ao falar com ele e ele não prestar atenção na conversa e sim na internet.

[...] ultimamente não, antigamente sim, [...] agora é uma coisa mais democrática vamos dizer assim, eu não uso tanto igual eu usava antes, [...] Olha cinco anos seis anos atrás, de quatro a seis anos atrás acontecia com muita frequência, porque era um período que eu ficava muito tempo, muito tempo mesmo, eu acordava de manhã computador ia pra aula chegava computador, computador, computador [...] direto ligado, direto olhando. Por duas razões: primeiro porque eu jogava muito [...] o outro fator e que você sempre cresce [...] e você percebe que aquela realidade de ficar só jogando não era uma coisa muito positiva, não é positiva nem pra você nem pra quem esta perto de você, então hoje ao invés de passa horas jogando eu prefiro passar essa horas fazendo algo fora do computador ou estando no computador na internet estudando coisas que tem haver com minha área. [...] (E5-Dependente leve)

O estudante (5) relata que, antigamente, empregava todo o seu tempo livre na internet principalmente em jogos *on-line*, mas, com o tempo, percebe que ficar muito

tempo conectado além de ser uma questão de maturidade diz prejudicar a ele e as pessoas a sua volta. Hoje, prefere utilizar seu tempo fazendo coisas fora da internet ou usar a ferramenta para estudos.

Algumas sim. Olha antigamente eu não reagiria muito bem, mas hoje eu estou entendendo um pouco mais, hoje eu passei a compreender um pouco mais essa situação, porque assim, não dá pra ficar o tempo todo vivendo dessa maneira. Antes talvez com agiria com grosseria dada a dependência (P3-Dependente Grave)

O profissional (3) diz que, antigamente, ao chamarem sua atenção por estar muito tempo conectado, não reagiria bem, talvez, com grosseria dada a dependência; hoje, compreende melhor a situação e o que representa para as outras pessoas de seu convívio, ainda relata que não dá para viver o tempo todo nesse ritmo.

Muitos dos entrevistados dizem já ter passado por isso e, na atualidade, com a popularização dos computadores, as pessoas de convívio encaram o fato de eles passarem muito tempo no computador como normal. Outro fator relevante é que, no ambiente de trabalho, não se considera excesso de conexão.

Quanto ao controle do tempo *on-line* dos entrevistados por outra pessoa, afirmaram que não há ninguém controlando o seu tempo. Alguns também afirmaram que, às vezes, a companheira lhe pergunta a hora que irá terminar, pois trabalha em casa e afirmam que, na empresa onde trabalham, tem controle de tempo, mas nunca foram repreendidos por isso.

Tabela 25 – Controle do tempo *on-line* dos entrevistados por outra pessoa

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Não há ninguém que controle.	4	40%
Às vezes, a esposa lhe pergunta a hora que irá sair da internet, já que trabalha em casa	3	30%
Na empresa onde trabalha tem controle sobre as horas navegadas, mas nunca ninguém foi repreendido por isso	3	30%
Ressalta há um tempo houve certo controle por parte da esposa	1	10%
Sempre houve liberdade em casa, mas houve certo controle e receio da mãe por desconhecer a tecnologia	1	10%
Sim há quem controle	1	10%
Há controle e disputa entre os irmãos para acessar a internet.	1	10%
Antigamente houve controle por parte da mãe, não há mais atualmente, pois seu quarto é independente da casa.	1	10%
Afirma que ninguém faria isso, pois não dá essa liberdade	1	10%
Ressalta que ele e a namorada que também é da área de TI implicam um com o outro por passarem mais tempo navegando.	1	10%

(continuação)		
Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
A mãe só implica quando ele a repreende por fazer barulho de manhã por ter dormido tarde	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Observa-se que, segundo a maioria, não há ninguém que controle o tempo de conexão, pois, apesar da cobrança de algumas companheiras e familiares, essa cobrança é recíproca ou é ignorada na decisão do entrevistado em continuar conectado por mais um tempo, inclusive no ambiente de trabalho, que possui o contador do tempo de horas navegadas e, como não são repreendidos, continuam com seu comportamento. Alguns dos relatos de entrevistados serão demonstrados sobre o controle do seu tempo conectado realizado por outras pessoas.

Coitada da pessoa, não ninguém faz isso não porque primeiro que eu não dou essa liberdade pra ninguém, meu tempo é meu tempo eu faço aquilo que eu acho que devo fazer eu não sou criança mais, mas de vez em quando, [...] minha namorada fala que eu estou ficando muito tempo, mas eu falo que ela também está, porque ela é da mesma área do que eu. [...] então ela também fica de vez em quando muito tempo, aí eu que falo: “que você ta fazendo aí já tem muito tempo”, aí ela briga comigo, eu brigo com ela e ela briga comigo brincando lógico né? mas ninguém controla, ninguém fica falando. (E5-Dependente leve)

O estudante (5) relata que ninguém controla o seu tempo e diz não dar essa liberdade para ninguém, mas afirma que a namorada que também é da área de TI implica, às vezes, com ele e ele também implica com ela por eles ficarem mais tempo conectados.

Não. Não ninguém controla não. [...] como eu te disse como eu tenho um escritório em casa, às vezes minha esposa sempre pergunta a que horas eu vou terminar só que não existe uma hora para eu terminar, [...] se eu pego um código novo pra estudar pra fazer uma página ou um banco de dados, como esses dias que eu estalei sete máquinas virtuais aqui no meu computador simplesmente para testar você não tem essa noção de eu vou parar agora, você quer ver funcionando [...] vou fazer o máximo para ver aquilo ali funcionando (P3-Dependente Grave)

Não. Ué! Ela (namorada) fala uma coisinha de vez em quando, mas tipo assim: “ah! você não vai mexer” ou “para de mexer com isso”. Não. O começo do nosso namoro era pior, hoje em dia ela já acostudou né. Então ela não implica e também assim, eu soube controlar né, quando eu tô com ela, [...] geralmente eu não mexo muito, [...] porque eu sei que quando eu começo a mexer eu começo a ler, aí tipo ela pode chegar e reclamar “ah não, você não está me dando atenção”, isso é pior né. Então eu evito

discussões. [...] Ela (mãe) [...] só implica quando eu acordo de manhã e vou xingar elas (irmã e a mãe), porque estão fazendo barulho e não deixa eu dormir. Aí ela (mãe) fala: “quem mandou você dormir tarde?”. (E3-Dependente moderado)

De acordo com os relatos de entrevistados, apesar de atualmente ninguém controlar o seu tempo *on-line*, as companheiras sentem-se incomodadas ao disputar atenção com os computadores e a internet, seja como o profissional (3) que trabalha em casa, seja como o estudante (3).

No que se refere às pausas durante o tempo em que estão conectados, alguns revelaram que fazem pausas, outros dizem não realizar pausas ou que depende muito do dia e das circunstâncias.

Em relação aos comentários dos entrevistados sobre as pausas, a maioria deles diz realizar pausas regulares quando estão conectados, outros dizem que o acesso *on-line* acaba prejudicando o sono, alguns afirmam que antigamente isso era mais frequente e quase não havia pausas, e outros ainda afirmam que a vista e o corpo se cansam e, quando estão muito focados, se esquecem de fazer pausas.

Tabela 26 – Percepção dos entrevistados sobre pausas durante o momento *on-line*

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Faz pausas regulares	7	70%
Prejudica o sono	3	30%
Antigamente isso era mais frequente	3	30%
A vista e o corpo se cansam	2	20%
Quando está muito focado esquece e não faz pausas	2	20%
Não toma água direito	1	10%
Esquece de se alimentar	1	10%
Passa meses com hábitos alimentares ruins e depois retoma	1	10%
Acredita que pelo excesso de informação não consegue relaxar para dormir	1	10%
Chega em casa e vai dormir	1	10%
Acontece de ficar no trabalho e se esquecer, mas diz não ser constante	1	10%
Acredita ser sedentário por isso	1	10%
Fortalece a mente e se esquece do corpo	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

A seguir, alguns relatos de entrevistados para exemplificar a questão das pausas realizadas durante a conexão com a internet.

Sim. Eu não tomo água direito, justamente por essa coisa de ficar horas [...] aí muitas vezes eu tô esquecendo de comer alguma coisa no meio da manhã, por exemplo. Aí pra voltar geralmente depois de meses assim com um hábito ruim de alimentação, aí tem que fazer um esforço muito grande pra voltar àqueles hábitos mais saudáveis [...] prejudica o sono também. Porque talvez o excesso de informação que você tem no dia, às vezes você deita você fecha o olho, mas você começa a ver as coisas que você fez durante o dia né, então isso também prejudica. [...] Quando eu falo do computador é da internet [...]. Hoje ninguém usa computador sem ter internet. Computador é sinônimo de internet. Então seria mais saudável se fosse assim, [...] eu acho que quando a vista vai cansando o corpo vai cansando como um todo também. [...] (P1-Dependente moderado)

O profissional (1) relata que ficar muito tempo conectado prejudica sua alimentação e também se esquece de tomar água, além disso, afirma prejudicar também seu sono e se queixa das vistas que se cansam e acredita que quando acontece o corpo também acompanha.

[...] sono sim. Porque quando estudava essas coisas, [...] então meu sono sempre foi prejudicado por causa disso [...] questão de alimentação, eu tomo café vendo filme [...]. Eu almoço vendo algum vídeo no *Youtube* [...] na maioria das vezes [...] realmente eu tô conectado. [...] meu estômago manda em mim. Eu sempre, assim quando eu tô com fome eu levanto, vou comer alguma coisa ou tô com sede. Essas coisas assim não me param não. [...] Porque eu acho que assim, tem certas coisas que você não pode realmente deixar de fazer por causa de um computador ou internet. Isso pra mim não é legal. (E3-Dependente moderado)

Não, eu acho que não prejudica. [...] Porque eu chego onze e meia e já vou dormir [...] Muito difícil dar uma olhadinha. (P2-Dependente leve)

O estudante (3) também afirma que prejudica o seu sono e que, apesar de estar sempre conectado, não deixa de se alimentar e fazer suas pausas regulares, já o profissional (2) diz não prejudicar e que, quando chega em casa, raramente se conecta.

Percebe-se que a maioria dos entrevistados, apesar de afirmarem realizar pausas regulares, acaba se descuidando ao ficar conectados, seja nos hábitos alimentares, seja nos fisiológicos, seja no sono ou no descanso necessário do corpo e da mente. De acordo com Carr (2011), o tempo que se fica conectado reduz o tempo de descanso necessário para o corpo e principalmente para o cérebro.

No que diz respeito aos sentimentos dos entrevistados quando estão num lugar sem conexão, afirmam que isso nunca aconteceu, afirmam ter ficado apenas algumas horas sem conexão e, quando isso acontece, alguns acham bom sair do ritmo de correria e ficar sem fazer nada.

Tabela 27- Sensação dos entrevistados em um lugar sem conexão

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Isso nunca aconteceu	2	20%
Já aconteceu de ficar algumas horas sem conexão	2	20%
Quando acontece acha bom sair do ritmo de correria e ficar sem fazer nada	2	20%
Está acostumado a estar sempre conectado	1	10%
Se for de uma hora para outra sem se preparar é ruim	1	10%
Sentiria incomodado se acontecesse	1	10%
Nas férias é tranquilo	1	10%
No trabalho fica nervoso, ansioso	1	10%
Quando viaja pergunta se o lugar possui conexão	1	10%
Tenta resolver pelo telefone ou vai a uma <i>lan house</i> quando viaja a trabalho e não possui conexão	1	10%
Ressalta que o telefone fixo ainda é muito comum nas residências	1	10%
Sente que falta alguma coisa	1	10%
Sente-se perdido	1	10%
Faz falta para se comunicar, informar e distrair	1	10%
Se for um lugar chato que não gostaria de estar fica pensando na internet	1	10%
Acha que perde um pouco a dependência ficar longe	1	10%
Afirma ter ficado de 5 a 7 dias de férias, mas foi em uma <i>lan house</i> para se "atualizar"	1	10%
Quando viaja não liga	1	10%
Nos primeiros dias não sente falta, mas se passa muito tempo "começa a ficar doido"	1	10%
Às vezes quando viaja só leva um HD com músicas para se "desligar" do resto	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

No ambiente profissional, a maioria dos entrevistados que trabalham dizem ficar nervosos, irritados ou ansiosos quando acontece e também relatam raramente acontecer a falta de conexão. A seguir, os trechos dos entrevistados sobre como se sentem num lugar sem conexão.

Isso nunca aconteceu. Então não tem nem como. Vamos colocar como hipótese: eu ia me sentir muito incomodado. Lugar assim pra ficar sem internet, completamente? Hã, na garagem. Nós tivemos em Ilhéus no ano passado né, lá na praia lá, internet funcionando 3G normal, no *lpad*, normal. (P1-Dependente moderado)

Ah, é aquele lance. Nas férias é tranquilo. Agora se tiver precisando entrar no e-mail do trabalho, aí eu fico como é que fala...não é nervoso. Ansioso, ansioso pra conseguir entrar e resolver. É, será que chegou e-mail, tem que mandar? Vou tentar levantar o celular no coqueiro e pegar sinal. (P2-Dependente leve)

Para o profissional (1), isso nunca aconteceu e diz que, se acontecesse, se sentiria incomodado, já o profissional (2) diz que seria tranquilo se estivesse no período de férias, mas, se fosse no ambiente profissional, sentiria nervoso e ansiedade.

Fico tenso, eu sinto que tá faltando alguma coisa. Viajamos sozinhos também a trabalho, ai chega no hotel cadê a internet né, aí não tem, vou ligar pra casa pelo *Skype* e quando vai num tem jeito, então, você fica assim e agora o que que eu faço, eu ligo a televisão. Mas, é parece que falta alguma coisa. Até ler, sequer acessar o e-mail pra poder, os e-mails [...] tem uma reunião no dia seguinte, ler os e-mails ali, tal, alguma coisa que ficou só [...] na rede, você não consegue [...] faz falta. (P5-Usuário comum)

O profissional (5) relata que, quando viaja a trabalho e o local não possui conexão ou há alguma falha, sente que falta alguma coisa, nessas circunstâncias, sente dificuldade para se comunicar, se distrair ou adiantar alguma pendência profissional.

È literalmente sem conexão [...] Você fica desconectado do mundo [...] se senti meio perdido, porque quem esta acostumado não sei eu falo por mim eu sou muito acostumado a estar na internet, [...] você fica se sentindo meio que em um planeta diferente, minha tinha tem um sitio, nesse sítio não tem conexão, então de vez em quando no vamos pra lá, ficamos um final de semana, então às vezes da uma sensação ruim, mas você tem que ter disciplina pra pensar, olha eu vou ficar dois duas fora, três dias fora, então aquilo que eu tenho pra fazer antes eu já faço né? Aviso que eu não vou estar *on-line* ou então fico sem entrar, assim você se programa o ruim e quando você de uma hora pra outra tem que estar, você não esta preparado pra ficar desconectado por muito tempo e isso é ruim, mas quando você tem condição de se preparar, uma coisa que você tem que ter é essa disciplina, ta eu vou ficar três duas fora então eu vou esquecer que existe internet, então esse três dias eu vou aproveitar o tempo que eu vou ficar fora, mas quando é de uma vez assim é ruim você se sente meio perdido, meio desorientado vamos dizer assim (E5-Dependente leve)

Percebe-se, no relato do estudante (5), que, se acontece de ficar sem conexão e não estiver preparado, sente-se como se estivesse em um planeta diferente, meio perdido, desorientado, já quando está preparado, se sente ruim, mas acredita que, se tiver disciplina, consegue superar a falta.

Em relação aos entrevistados pensarem na internet quando não estão conectados, todos eles disseram não pensar. Em relação aos comentários, disseram que isso não lhes estressa, pois a informação *on-line* não se perde e depois podem acessar e ver o que está acontecendo.

Tabela 28- Percepção dos entrevistados quando não estão conectados, se pensam na internet

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Isso não o estressa, pois a informação <i>on-line</i> não se perde	4	40%
No trabalho sim, pessoalmente não	1	10%
Quando acontece no trabalho fica apreensivo	1	10%
Hoje gerencia melhor o seu tempo	1	10%
Não se sente constrangido por não ter visto algo <i>on-line</i>	1	10%

(continuação)

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Se for algo importante como uma transmissão ao vivo, um evento aí se preocupa	1	10%
Não se preocupa se for algo importante vai passar em outras mídias e ficará sabendo	1	10%
O importante é viver o real que está a sua volta	1	10%
Preocupa-se só quando é uma notícia importante de algum familiar doente	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Constata-se, nas respostas dos entrevistados, que ficar sem acompanhar as atualizações da internet não lhes estressa, pois a informação não irá se perder, quando eles quiserem acessar, poderão tentar novamente. O lado profissional deixa os entrevistados mais ansiosos e apreensivos em questão de acompanhamento *on-line*, para outros, isso acontece apenas se for a espera da notícia de algum parente ou algum evento importante.

No que diz respeito à sensação dos entrevistados quando estão desconectados, 4 afirmam se sentirem normais, outros comentam que, ao ficarem desconectados, se programam para, quando voltar, saberem exatamente o que fazer, ficam tranquilos a não ser que estejam querendo jogar ou precisando fazer um trabalho ou prova e, assim, ficam apreensivos.

Tabela 29- Sensação dos entrevistados quando estão desconectados

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Normal	4	40%
Se ficar desconectado se programa para quando voltar saber exatamente o que tem que fazer	2	20%
Fica tranquilo a não ser que estiver querendo jogar	2	20%
Se tiver alguma coisa para fazer como trabalho ou prova fica preocupado	2	20%
Se estiver precisando no trabalho fica nervoso e apreensivo	1	10%
Sim, penso	1	10%
Acredita ser quase inadmissível ficar sem conexão	1	10%
Acredita ficar fora do momento	1	10%
Agenda as tarefas, e se a internet não volta reagenda novamente	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Apesar de 40% dos entrevistados afirmarem que se sentem normais, parece que a grande maioria sente que falta alguma coisa. A seguir, os relatos de entrevistados sobre as pausas realizadas durante a conexão com a internet.

Não, porque eu agendo as tarefas [...] a hora que eu agendei para voltar naquela tarefa eu volto lá e se tiver ativo bem se não vou reagendar, essa questão de administrar reagendamento eu não tenho dificuldades não, sou acostumado porque eu sei que as coisas sempre não acontecem na velocidade que a gente quer, nem na hora que a gente quer, é tranquilo eu já passei dessa fase o pessoal mais novo que é mais estressado (P4)

O profissional (4) relata não se preocupar com a falta, pois agenda a tarefa para mais tarde e, se o problema de conexão ainda persistir, diz reagendar e afirma estar acostumado, pois as coisas não se resolvem na hora que as pessoas querem e acrescenta, dizendo ter passado dessa fase e que o pessoal mais novo é que se estressa.

Normal. Mas se for no trabalho aí é nervosismo. É fica entre nervosismo e apreensão, não sei explicar. Mais aquela [...] tarefa não cumprida que tem que fazer, você fica preocupado com aquilo. É, normalmente eu fico “nó, tenho que resolver”. Eu tento resolver o que consigo sem internet né, tipo não é “ah, vou ficar aqui esperando até voltar e pronto”. Eu vou tentando me virar sem, mas eu fico esperando mesmo voltar assim. (P2-Dependente leve)

O profissional (2) expõe se sentir normal, mas, se estiver no trabalho, as coisas se modificam, fica nervoso e apreensivo, tendo a sensação de que a “missão não foi cumprida”.

Em relação à percepção dos entrevistados quando têm que interromper a sua conexão e a como se sentem, a maioria afirma ficar mais um pouco *on-line*, comentam também que, se têm que sair, se desconectam e não ficam um tempo a mais, analisam as circunstâncias para se desconectar, ficam com a sensação de querer ficar mais tempo e têm também a sensação de querer ter realizado mais coisas e ter aproveitado melhor seu tempo.

Tabela 30- Percepção dos entrevistados quando tem que interromper sua conexão

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Afirma ficar mais um pouco <i>on-line</i>	6	60%
Se tiver que sair se desconecta	3	30%
Analisa as circunstâncias	2	20%
Fica com sensação de querer ficar mais tempo	2	20%
Sensação de querer ter realizado mais coisas, e ter aproveitado melhor o seu tempo	2	20%
Fica um pouco frustrado, mas nada desesperador	1	10%
Afirma que mesmo ficando mais um pouco não excede seu limite	1	10%
Sente-se normal	1	10%
Sensação de ter atrasado todas as atividades	1	10%
Antigamente ficava mais um pouco	1	10%
Sensação ruim, porque, às vezes, tem que parar na metade	1	10%

(continuação)		
Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Não gosta de se atrasar ou perder o compromisso, pensa na sua responsabilidade	1	10%
Quando o assunto são jogos costuma-se atrasar um pouco, perde a noção do tempo	1	10%
Sentem um compromisso, prefere nem começar a jogar	1	10%
Tem a sensação de depender do que está fazendo	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Constata-se que a maioria dos entrevistados acaba ficando mais um tempo na internet quando tem que interromper sua conexão e quer continuar, alguns aceitam interromper desde que seja por um compromisso ou algo importante. Sentem-se mal ou com pesar se não tiverem aproveitado bem o seu tempo ou se tiverem que parar uma atividade pela metade. A seguir, o relato de um entrevistado sobre quando tem que interromper sua conexão com a internet.

[...] nada. [...] eu sou muito com horário. Então se eu tenho que fazer alguma coisa eu fico pensando no que eu tenho que fazer e não no que eu tô fazendo agora. [...] eu acho que a responsabilidade pesa mais do que a vontade de ficar [...] pra não atrasar porque eu detesto deixar as pessoas esperando e eu também detesto esperar. Normalmente jogos assim, quando eu tô jogando e tenho um compromisso sempre saio atrasado. Porque os jogos a gente perde um pouquinho uma noção do tempo. [...] Então tento não jogar quando eu [...] tenho um compromisso assim, de imediato. [...] (E3-Dependente moderado)

Percebe-se, em relação ao estudante (3), que, apesar de relatar que não gosta de se atrasar e deixar outras pessoas esperando e que tem a responsabilidade que lhe foi confiada, quando o assunto são jogos, acaba se atrasando, pois perde a noção do tempo e, às vezes, prefere nem iniciar o jogo para que não aconteça com frequência. Observa-se também que os entrevistados, como demonstra também o estudante (3), sentem uma sensação de querer ficar mais tempo conectados.

No que tange ao sentimento dos entrevistados ao compartilhar algo *on-line*, relatam que, ao compartilhar, esperam que outras pessoas gostem e comentem, pensam na privacidade e em não se expor muito, se forem compartilhar algo nas redes sociais, não esperam que outras pessoas curtam, percebem como a ferramenta é poderosa e tem suas facilidades, gostam de compartilhar algo que vai acrescentar na vida de

outras pessoas e gostam de compartilhar algo engraçado, interessante e com valor informativo.

Tabela 31- Sentimento dos entrevistados ao compartilhar algo *on-line*

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Ao compartilhar esperam que gostem e comentem	4	40%
Pensa na privacidade e em não se expor muito	3	30%
Se for algo nas redes sociais não espera que outras pessoas curtam	2	20%
Percebe como a ferramenta é poderosa e tem suas facilidades	2	20%
Gosta de compartilhar algo que vai acrescentar na vida de outras pessoas	2	20%
Compartilha algo engraçado, interessante, notícias com valor informativo	2	20%
Pensa muito no que está compartilhando, às vezes se arrepende e deleta	1	10%
Se mandar e-mail e o pessoal não responder fica chateado	1	10%
Compartilha informações entre os colegas para se ajudarem no trabalho	1	10%
Quando o filho nasceu postou a foto do nascimento para os parentes que moram longe	1	10%
Afirma ser raro compartilhar algo	1	10%
Manda às vezes coisas por e-mail, mas para poucas pessoas	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

A maioria dos entrevistados gosta e espera que as pessoas comentem ao compartilhar algo na internet e também compartilhar algo que seja informativo, interessante, de humor ou que acrescente algo na vida de outras pessoas. Serão apresentados alguns relatos de entrevistados sobre as pausas realizadas durante a conexão com a internet.

[...] Alguma informação que é importante que, às vezes, vai ajudar um colega que esta com dificuldade que te manda um questionário email e você consegue ajudar ele resolver [...] às vezes não esta aqui esta em outro lugar [...] Realmente ajuda de mais eu sinto que é uma ferramenta poderosa, acho que o mundo se cortasse a internet de uma hora pra outra seria um caos, um caos total, uma ferramenta um serviço que é imprescindível hoje em dia não tem a menor dúvida disso, se sair fora do ar aí é a mesma coisa da greve dos ônibus, dos transportes vira um caos rapidinho, dos caminhoneiros começa a faltar alimentos [...] começaria a faltar de tudo por todo lado, os controles são hoje todos feitos *on-line*, compras, ia ser um caos total. (P4-Usuário comum)

O entrevistado (4) relata que, normalmente, compartilha para ajudar um colega com algum problema, percebe o poder da ferramenta e acredita que, se a internet fosse cortada de uma hora para outra, o mundo seria um caos total.

[...] Nossa eu nunca parei pra pensar nisso, como eu me sinto quando mando uma foto pra um monte de gente, mando uma foto do meu filho lá dizendo bom dia. O pessoal responde. [...] satisfeito. (risos) [...] quando ele

nasceu eu fiz isso aí, eu mandei a foto né pra lá, até na maternidade eu mandei a foto, daí o pessoal começou a responder, [...] facilidades de [...] divulgação das coisas, eu acho que nesse aspecto é importante [...] É porque essas perguntas na maioria das vezes a gente num para pra pensar, a como eu me sinto sem internet, né, às vezes é questão disso entendeu? A internet não é de todo mal [...] no caso da pergunta era pra saber se você sentia alguma coisa que a gente sabe que vai trazer um benefício. De que a gente não consegue mais viver sem esse negócio (risos). (P5-Usuário comum)

O estudante (5) diz nunca ter parado para pensar nisso, mas responde que, quando comentam algo compartilhado, se sente satisfeito e relata que, quando seu filho nasceu, enviou as fotos do nascimento da criança para os outros familiares e amigos distantes.

Bom, se for algo que eu tenho retorno, por exemplo, um post no *Facebook* que um monte de gente curte eu fico feliz, mas é geralmente assim, quando eu posto uma frase qualquer e aí mesmo que a pessoa não curta eu sei que ela vai ler e acaba pensando sobre isso, [...] mas eu só compartilho aquilo que eu acho que vai acrescentar alguma coisa na vida de alguém que esteja na minha lista de amigos ou de alguém que a pessoa compartilha e outra pessoa vê e assim por diante e acaba se tornando uma corrente [...] (E2-Dependente Grave)

O estudante (2) expõe que fica feliz quando curtem um post no *Facebook*, por exemplo, e considera que mesmo as pessoas que não comentam acabam pensando sobre aquilo que ela compartilhou. Ressalta que posta coisas que serão relevantes para a vida de outra pessoa e acredita em correntes a serem disseminadas. Os relatos corroboram as descrições dos autores Christakis e Fowler (2010) de como são formadas as redes e como são disseminadas informações entre elas.

No que concerne às atividades que os entrevistados fazem apenas na internet e apenas no mundo real, foram levantados, para o mundo virtual: ler notícias, ler e-mails, ver filmes, vídeos, *blogs*, encontrar e se comunicar *on-line*, trabalhar, pagar contas, fazer contato com pessoas com quem normalmente não se comunicaria, como famosos, lugar para expressar sua opinião e atingir várias pessoas, Já para o mundo real, destacaram-se: atividade física, ler e aprender em livros, tocar violão, lavar o carro, dar banho no cachorro, diversão, encontrar pessoas, contato com pessoas.

A seguir, apresenta-se o relato de um entrevistado sobre as pausas realizadas durante a conexão com a internet.

[...] Eu acho que são mundos distintos então um não vai substituir o ou outro, são coisas que acabam se completando então é eu consigo, na internet eu faço as coisas que eu tenho que fazer que é trabalhar que é me conectar mesmo resolver meus problemas pagar contas e no mundo real que eu faço é ter contato com as pessoas, lavar um carro, cuidar de um cachorro essas coisinhas assim (P3-Dependente Grave)

O profissional (3) acredita que o mundo real e o virtual sejam distintos, mas se completam. Para ele, a internet é trabalho e as facilidades que a ferramenta traz ajudam a solucionar problemas do dia a dia, já no mundo real, listou o contato com as pessoas e as tarefas do cotidiano.

Acho que assim, na internet é um lugar onde todo mundo tem opinião. É mandar minha opinião para uma massa né, um grupo de pessoas. [...] aquela opinião sua, ela não vai ultrapassar a esquina do bairro ou alguma coisa, tipo as pessoas não vão tomar ela como uma referência. Agora na internet não, na internet você comenta alguma coisa, dependendo do que você fala isso atinge uma massa maior [...] de certa forma assim, a interatividade que você tem com um grupo maior [...] Porque também eu gosto de separar muito tipo, o mundo aqui fora e a internet, não gosto de misturar os dois. São coisas diferentes, coisas diferentes. A não ser conversas né, conversar com um amigo essas coisas na internet e na vida real é a mesma coisa. Mas quando você está escrevendo pra muitas pessoas ou fazendo um vídeo pra elas você tá querendo mudar a opinião de uma massa, você tá querendo digamos assim, ser uma fonte de conhecimento. E isso aqui fora da internet é uma coisa muito mais difícil né, porque escrever um livro ou atingir uma massa, uma mídia televisionada é bem mais difícil. Então, na internet facilita isso, sua interação com muitas pessoas. (E3-Dependente moderado)

O estudante (3) relata a internet como um lugar para expressar sua opinião e compartilhar com várias pessoas e ressalta que gosta de separar o mundo real e o mundo virtual, não gosta de misturá-los, pois acredita serem diferentes a não ser o contato com pessoas.

Os entrevistados, ao relatarem o que fazem apenas na internet e apenas na realidade, destacaram vários tipos de atividades, em ambos há o contato com pessoas, a busca pelo conhecimento e a informação e o lazer. Nos relatos dos entrevistados, eles acreditam que a internet seja um mundo paralelo, segundo Júnior e Silva (2011), o mundo virtual coexiste com o real, sem um sobrepor o outro.

Em relação ao que os entrevistados sentem apenas no mundo digital, relataram conhecer pessoas e saber de coisas diferentes, afirmam não ter diferença entre o mundo real e o virtual e afirmam ter contato com várias pessoas e de forma rápida.

Tabela 32- Sensação dos entrevistados no mundo digital

Itens discriminandos dos entrevistados	Quant	%
Conhecer pessoas e saber de coisas diferentes	3	20%
Afirma não ter diferença	2	20%
Afirma ser o contato com várias pessoas de forma rápida	2	20%
O que sente no real sente no virtual	1	10%
O mundo é um "ovo"	1	10%
Sente que estão todos conectados	1	10%
A sensação é que não existem barreiras, o mundo é livre	1	10%
Acredita que na internet as pessoas se mostram maiores do que são	1	10%
Acha que ninguém na internet fala a verdade	1	10%
Viver outra realidade	1	10%
Fazer coisas proibidas	1	10%
Conhecer estilos de música, culturas diferentes	1	10%
Descobrir coisas novas que no mundo real não teria possibilidade	1	10%
Criar personagens	1	10%
Acredita ser difícil descrever o que não se faz na net	1	10%
Fingir ser outra pessoa	1	10%
Sensação de uma realidade sua	1	10%
Criar um mundo da sua forma	1	10%
No mundo digital a única coisa que pode te interromper é a energia	1	10%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível os entrevistados darem mais de uma resposta.

Quanto à concepção do mundo digital para os entrevistados, observa-se que, para alguns, não há diferença com o mundo real e, para outros, é o mundo próprio, moldável, repleto de possibilidades e a fonte para saciar seus desejos ocultos e até proibidos. A seguir, essa questão será exemplificada por meio do relato de um entrevistado.

No mundo digital as pessoas ainda mais em redes sociais, eu acho que as pessoas se mostram maiores do que são. Eu acho que ninguém ali fala a verdade. Noventa por cento é demagogia internet hoje, antigamente nem tanto, mas hoje parece que a gente precisa viver em um mundo politicamente correto é parece que internet hoje é um lugar parece que é um universo perfeito onde tudo da certo tudo ocorre perfeitamente bem e nada dá errado, quem trabalha nos bastidores sabe que as coisas não são assim. (P3-Dependente Grave)

O profissional (3) acredita que as pessoas na internet fingem ser o que não são e tentam fazer do mundo virtual um mundo perfeito, corroborando os dados de Gevertz (2009), segundo o qual, o mundo digital tende a simular um mundo ideal.

[...] Eu acho que seria poder fazer coisa que de verdade é proibido. Igual jogar. O mais legal, sei lá, o *GTA* que é um jogo que eu sempre gostei: posso pegar, posso matar todo mundo, roubar um banco. É legal você poder tipo, viver assim. Mas de verdade você não pode fazer essas coisas. E tipo não que isso é influenciar no que eu vou fazer de verdade, é só tipo,

um mundo separado, digital. [...] eu não tenho esse hábito, mas tem muita gente que gosta de entrar em chat pra ficar, sei lá, fica fingindo que é outra pessoa. Igual tem uma vizinha que adora entrar em chat, aí fica falando que é de tal jeito, mas que não tem nada a ver, na hora que fica conversando com o povo. Mas não é uma coisa que eu tenho hábito de fazer. (E6-Dependente leve)

O estudante (6) acredita que pode realizar o desejo e fazer tudo o que é proibido. Dando exemplo de jogos, menciona o jogo GTA, um jogo sobre roubo de carros em que o personagem é um criminoso e cita “posso pegar, posso matar todo mundo, roubar um banco”, e relata que, no mundo real, não pode fazer essas coisas, acredita que isso não influencia e nem vai levá-lo a fazer isso de verdade, pois é um mundo separado e digital, e diz não ter esse hábito, mas que muitas pessoas utilizam a internet sendo totalmente diferentes do que são. De acordo com Young *et al.* (2011) a internet além de ter a possibilidade de saciar os desejos dos usuários ela permite que o usuário esteja estimulado a sempre desejar mais, passando mais tempo no ambiente virtual e vivenciar outras realidades diferentes da do usuário.

[...] não gosto de ler livro no computador ou em sites assim. Eu acho que um livro você tem que ter o livro, você tem que sentir que você tá com o livro. [...] Internet assim, hoje em dia você faz muita coisa nela. Difícil descrever o que você não faz nela e o que você faz na vida real. (E4-Dependente moderado)

O estudante (4) expõe não gostar de ler livros ou textos digitais e tem que sentir que está com o livro físico e acrescenta que realiza muitas atividades na internet, sendo difícil descrever o que não se pode realizar por meio dela.

A sensação de que estou em uma realidade minha e que eu monto da forma que eu quero, sabe não é como aquela sensação que você pode ser interrompido por fatores externos, porque você está no mundo físico você está sujeito a coisas, em uma partida de futebol pode acontecer várias coisas do tipo, ninguém mais que jogar ou então vou estar, por exemplo, você fique brincando com algumas coisas na sua casa e algum fator externo te atrapalha, quando eu estou no mundo digital o único fator que pode me atrapalhar é acabar a energia, então se a energia não acaba e a internet não dá pau eu estou em uma realidade minha que eu consigo me virar e fazer aquilo que eu quero, sem esta precisando das outras pessoas, sem esta com necessidade essas pessoas vão me atrapalhar [...] mas se você está falando, por exemplo, de quando eu estou lá no meu *Facebook*, quando eu estou lá no meu e-mail eu estou fazendo outras coisas isso, quando eu estou nesse mundo eu tenho a sensação que eu posso pensar com mais calma, que eu posso, que eu não preciso tomar decisão com tanta velocidade estou mais *relax* é como se eu pudesse ditar meu tempo de fazer as coisas, então é pra mim a maior diferença de estar no mundo digital e não estar no mundo digital sabe? Eu consigo mesmo eu tendo a tranquilidade de tomar as minhas decisões no meu eu, ditar o tempo em que eu estou trabalhando fazendo as minhas coisas. (E5-Dependente leve)

O estudante (5) descreve a internet como a sensação de uma realidade pessoal que é moldada da forma que quiser, apoiando as informações de Gasser e Palfrey (2011) que consideram que um usuário pode moldar e criar um mundo e personalidades de acordo com os seus desejos.

O estudante (5) acredita que a única coisa externa que pode interromper a sua ligação com o mundo virtual é a energia diferente do mundo real em que há várias interferências externas, no mundo digital, pode-se fazer aquilo que quiser sem necessidade de outras pessoas e sem ninguém atrapalhar e que não precisa tomar decisões, pois ele dita o tempo no mundo digital.

Constata-se, diante do exposto neste tópico, que o que agrada e mantém os entrevistados no mundo digital são as interações sociais e a interação *on-line*. Quando estão em uma festa, evento ou comemoração, afirmaram que conseguem se desconectar e interagir com as pessoas ao redor, mas, às vezes, o assunto que conversam remete a assuntos relacionados ao mundo digital. Além disso, se os entrevistados se sentirem deslocados nessas circunstâncias, acabam utilizando a internet para se distrair.

Quanto ao que há na internet e não há em sua realidade, afirmaram ser a possibilidade de se conectar com outras pessoas. A rede virtual dos entrevistados é maior que a rede de contatos real, pois consideram que é mais fácil se comunicar no mundo virtual do que no real e acreditam ser menos tímidos virtualmente. Em relação à autenticidade no meio virtual, afirmam ser do mesmo jeito que na realidade e também afirmam que, na internet, é mais fácil fugir de aborrecimentos e chateações.

A maioria dos entrevistados afirma que, às vezes, aliviam sentimentos ou aborrecimentos por meio da internet, vendo *blogs*, filmes, vídeos e jogos. Os entrevistados relatam sobre as pessoas de seu convívio questionarem o seu comportamento *on-line*, afirmam que suas mães chamavam sua atenção na época em que o computador não era tão comum e hoje em dia já se acostumaram, dizem

também que ninguém se queixa do seu comportamento e outros relatam que já aconteceu de alguém se queixar.

Em relação ao controle do seu tempo *on-line* por outra pessoa, relatam que não há ninguém que controle seu tempo. Alguns afirmam que, às vezes, as companheiras perguntam quando irá terminar sua conexão e outros que, na empresa onde trabalham, há contagem do tempo *on-line*, mas nunca foram repreendidos por passar muito tempo conectado. As pausas durante a conexão são realizadas pelos entrevistados, mas dizem que elas dependem do dia e das circunstâncias.

No que diz respeito ao sentimento dos entrevistados quando estão num lugar sem conexão, alguns afirmam nunca ter acontecido de ficarem sem conexão, afirmam ter ficado apenas algumas horas e alguns afirmam que, quando acontece, gostam, por saírem do ritmo e da correria e poderem ficar sem fazer nada. No ambiente profissional, quando acontece a falta de conexão, dizem ficar irritados, nervosos e ansiosos. Em relação a pensar na internet quando estão desconectados, dizem ficar apreensivos, constrangidos, irritados ou ansiosos quando acontece no ambiente profissional e outros dizem que não os estressa, pois quando a conexão voltar, a informação não estará perdida e poderá visualizá-la.

Quanto à sensação dos entrevistados quando estão desconectados, 4 dos 10 entrevistados afirmam se sentirem normais, outros, ao voltar, já traçam o que devem fazer e por onde começar, ficam tranquilos a não ser se quiserem jogar e ficam apreensivos se houver algum trabalho ou prova para ser realizada. Ao ser interrompida sua conexão, quando querem ficar mais tempo *on-line*, a maioria dos entrevistados dizem ficar mais um pouco *on-line*. Ao compartilhar algo digitalmente, esperam que as pessoas gostem e comentem sua divulgação e pensam na sua privacidade e em não se expor muito digitalmente.

Em relação ao que os entrevistados sentem apenas no mundo virtual, dizem que é conhecer pessoas e saber de coisas diferentes, afirmam não ter diferença entre o mundo real e o virtual e afirmam ser o contato com várias pessoas e de forma rápida.

Por fim, pode-se depreender que as semelhanças percebidas neste capítulo entre dependentes e não dependentes de internet referem-se a: rede de contatos virtual ser maior do que a rede de contatos real e a possibilidade de se conectarem a várias pessoas ao mesmo tempo e de forma rápida, diferindo da sua realidade. Além disso, os entrevistados se sentem menos tímidos na internet para se comunicar e se expressar, se aliviam de algum sentimento ou aborrecimento por meio da internet, realizam pausas regulares durante o tempo de conexão e sentem falta da internet em um lugar sem conexão.

Quanto às diferenças, destacaram-se: a autenticidade no meio real e no meio virtual, a sensação dos entrevistados quando estão desconectados, o sentimento ao compartilhar algo *on-line* e o que eles sentem apenas no mundo virtual. Ressalta-se que ainda há divergências percebidas nos relatos dos entrevistados em relação a certos questionamentos, em que mesmo os usuários comuns e os dependentes leves comportam-se como dependentes graves.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e descrever as diferenças e semelhanças entre o dependente e o não dependente da Internet, entre profissionais e estudantes na área de TI em Belo Horizonte. A pesquisa se caracterizou por um estudo descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa. Foram pesquisados os profissionais da área de TI em quatro empresas que trabalham com prestação de serviços na área de informática e estudantes da área de TI de três IES ambas situadas em Belo Horizonte, sendo no total 230 respondentes do questionário e 10 entrevistados, 5 profissionais e 5 estudantes.

A pesquisa foi realizada em duas etapas, a primeira quantitativa, realizada por meio de questionário *on-line*, utilizando o auxílio do *Google Docs* e a segunda qualitativa, realizando entrevistas aos respondentes que se disponibilizaram por meio do questionário.

O perfil demográfico dos estudantes e profissionais respondentes apresentou a faixa etária diversificada, com concentração entre 18 a 30 anos, compreendendo os chamados nativos digitais. A maioria dos respondentes, estudantes e profissionais, trabalham e estão na área de TI, mas estão alocados em diversos locais de sua empresa e com cargos variados. A maioria é solteira, mora com 2 a 3 pessoas, e não possui filhos.

Quanto à rotina de hábitos dos estudantes e profissionais respondentes, a grande maioria trabalha com computador e necessita de internet para realizar seu trabalho, trabalha aproximadamente de 1 a 7 anos usando diretamente a internet e se dedica de 2 a 8 horas diárias conectados, utiliza mais de forma profissional e possui 1 e-mail que utiliza no período de 1 a 8 horas diariamente. Como tecnologia de acesso à internet, os respondentes utilizam mais o notebook ou computador convencional, consomem de 2 a 6 horas diárias na internet para uso pessoal e possuem de 2 a 3 e-mails aos quais dedicam de 1 a 4 horas diárias. Utilizam também de 2 a 3 tipos de serviços de mensagens de texto e/ou *chat*.

Os estudantes e profissionais respondentes, em sua maioria, também possuem um *smartphone* e dedicam aos aplicativos de *smartphone* e *tablets* aproximadamente de 1 a 10 horas diárias. A maioria não se dedica aos jogos *on-line*, sejam os que os participantes jogam sozinhos, com avatar ou que joguem com mais pessoas. O tempo dedicado aos *blogs* foi de algumas vezes na semana até 4 horas diárias, mas a maior parte dos entrevistados não escreve ou comenta, apenas visualiza os *blogs*. O tempo dedicado às redes sociais *on-line* foi de 1 a 4 horas diárias, utilizando, em primeiro lugar, o *Facebook*, em segundo, o *Youtube*, em terceiro, o *Linkedin* e, em quarto, o *Twitter*.

Os estudantes respondentes foram identificados de acordo com a classificação de Young *et al.* (2011) e, em sua maioria, como dependentes de internet entre os níveis leve (40%), moderado (16%) e grave (7%). O grupo dos profissionais respondentes ficou classificado em sua maioria como usuário comum (51%). O grupo dos entrevistados está diversificado entre os níveis classificatórios de dependência de internet. Os entrevistados acreditam que o dependente de internet é aquele que tem necessidade de estar *on-line* e não consegue se desconectar, acreditam também ser uma pessoa que fica constantemente conectada.

Ao serem questionados se eles eram dependentes de internet, a maioria dos entrevistados confirmou que sim, alguns se justificaram por trabalhar e estudar ou pelo desejo de não perder a comunicação com as pessoas e também pela necessidade de se estar *on-line*. Apesar de listarem vários subterfúgios, os entrevistados, aparentemente, têm consciência do tempo gasto e de seus hábitos e comportamentos *on-line*. A maioria dos entrevistados, ao saberem do resultado do teste IAT respondido anteriormente na primeira etapa da pesquisa, ficaram surpresos, seja pelo fato de serem dependentes, seja pelo fato de acharem que a classificação seria mais grave.

Percebe-se que os entrevistados têm consciência e sabem descrever como pode ser um usuário dependente de internet, citando exemplos reais divulgados pela mídia e relacionando aos sintomas de um dependente de álcool ou drogas, corroborando as definições de Young *et al.* (2011). O comportamento de um usuário comum para os

entrevistados é aquele que dispõe dos recursos da internet quando precisa e no tempo e quantidade necessários.

Para os entrevistados, o primeiro contato com a internet se deu, em sua maioria, no período de 2000 a 2004. A primeira atividade diária deles é a checagem do e-mail, a segunda é a verificação das atualizações nas redes sociais *on-line* e a terceira é a realização das atividades profissionais. Além disso, os entrevistados também confirmam a presença diária da internet e completam que, para eles, não existe a possibilidade de ficar diariamente sem estar conectado, especialmente, no ambiente profissional.

A maioria dos entrevistados tem como hábito a checagem das atualizações *on-line* ao chegarem em casa, afirmam estar ininterruptamente conectados por celular e/ou *tablet*, divergindo dos dados do questionário em que apenas 5% dos respondentes utilizavam *smartphone* e/ou *tablets*. Acreditam que a checagem dessas atualizações digitais não seja rotina, apesar de checarem regularmente.

No tempo livre, apesar de listarem atividades, como sair, reencontrar amigos e ir ao cinema, algumas atividades estão relacionadas ou são totalmente realizadas no meio digital. O aparelho mais utilizado para acessar a internet foi o *smartphone* e, em segundo lugar, ficaram empatados o *notebook* e o computador convencional. Esses dados também contrapõem os dados do questionário em que o celular teve apenas uma pequena porcentagem demonstrada. O tempo em que os entrevistados ficam conectados é bem variado, variando o período de 1 hora a 24 horas conectados diariamente, mas esse período não demonstra precisamente o tempo conectado, pois os entrevistados podem apenas estar conectados pelo *smartphone*, sem estar efetivamente utilizando, por exemplo.

Foi constatado que metade dos entrevistados perdem a noção do tempo quando não têm foco e se distraem quando encontram algo que lhe prenda a atenção, às vezes, também acontece de eles perderem algum compromisso.

Constata-se também que os entrevistados utilizam-se de jogos, sejam aqueles que interagem com mais pessoas, sejam os que eles jogam sozinhos e os que utilizam

de avatar, divergindo dos dados do questionário. Os *blogs* também são utilizados por boa parte dos entrevistados e prendem a atenção deles, sendo motivo para alguns perderem a noção do tempo na internet e ficarem mais tempo conectados.

Quanto a passar a noite na internet, os entrevistados afirmam ter passado por lazer, jogando, profissionalmente ou nos primeiros contatos com a internet. Alguns já viraram dias com pausa apenas para o essencial e continuaram trabalhando e outros já passaram 6 e 8 horas sem nenhuma interrupção. Passar a noite na internet, pelos relatos dos entrevistados, não acontece com frequência, mas eles não consideram estar conectado até algumas horas da madrugada, como passar a noite, pois isso acontece com frequência, por exemplo, costumam ficar até as quatro horas da manhã, mas acham que não passaram a noite na internet.

O período mais longo sem utilizar a internet foi no mínimo 1 dia e no máximo 21 dias, o que parece não ser um tempo muito longo sem se conectar, pois também não ocorre com frequência, mas os entrevistados consideram muito tempo fora do mundo *on-line*. Esse tempo aconteceu por motivos pessoais, viagens, troca de operadora de internet ou plano de serviços, férias ou falhas na conexão devido a problemas na operadora. Percebe-se que os entrevistados não conseguem ficar muito tempo sem estar *on-line*, seja por profissionalismo, seja por motivos pessoais ou ambos os motivos.

No que concerne a passar por chateações ou aborrecimentos por estar muito tempo conectado, os entrevistados afirmam ter passado por vários tipos de problemas emocionais e físicos, como: estresse, ansiedade, insônia, sedentarismo, perda de compromissos, perda de contato entre os familiares. A maioria dos entrevistados confirmaram o abuso do tempo *on-line* e também a necessidade de estarem conectados.

O sentimento dos entrevistados quanto à falta de internet ou quando ela está lenta foi de nervosismo, irritação e acham um absurdo a falta de qualidade do sinal da internet oferecido pelas operadoras. A maioria sente falta da internet e as principais preocupações que a falta dela traz é a perda de comunicação entre amigos e familiares e o funcionamento da vida profissional.

Quanto às semelhanças entre dependentes e não dependentes, destaca-se o fato de eles estarem constantemente conectados e a internet ser presente e praticamente constante em suas vidas. Além disso, destacam-se o ato de conferir as atualizações da internet, seja por e-mail, seja por rede social ou aplicativos de *smartphones* e, quando chegam em casa ou mudam de ambiente, costumam ainda conferir as atualizações, ressaltando que todos os entrevistados acessam o e-mail como a primeira atividade do dia e seu uso se prolonga durante todo o período de conexão. Os entrevistados ficam muito tempo conectados, até mesmo para aqueles que não consideram passar muitas horas durante a madrugada, como passar a noite na internet, pois o uso exagerado da internet é frequente para a maior parte deles.

Ainda existem semelhanças quando perdem a noção do tempo na internet, pois, apesar das classificações entre os níveis de dependência e os usuários comuns, isso acontece com praticamente todos, mas cada um em determinado aspecto do seu período de conexão. Os entrevistados perdem o foco seja por serem atraídos por algo que lhe prenda a atenção, seja por artigos, vídeos, séries, filmes, comunicação *on-line* ou jogos, sendo que alguns afirmam que essa perda da noção do tempo tem acontecido atualmente com mais frequência, para alguns, e, com menos, para outros. Como consequência desses abusos, os compromissos são perdidos e os sentimentos e os aborrecimentos acometem os entrevistados.

Passar muitas horas conectado também foi uma questão considerada parte das semelhanças entre os dependentes e os não dependentes no grupo dos entrevistados, assim como o tempo conectado ser maior, o período mais longo sem internet ser pequeno e os aborrecimentos advirem do excesso de tempo conectado, o que causa cansaço, seja físico ou emocional. Além disso, destacam-se: percepção do tempo e abuso da conexão e suas implicações, como estresse, cansaço, dormir tarde, imediatismo, sentir-se mal ou com raiva, prejudicando em outros aspectos de suas vidas, com brigas conjugais, detrimento da saúde, dificuldades acadêmicas por parte dos estudantes, perda e atraso de compromissos, perda de contatos reais com pessoas de seu convívio, sedentarismo e má alimentação.

Em relação à falta da internet, à perda de conexão ou mesmo à lentidão do sinal, ou seja, a como seria a vida do entrevistado sem internet, ambos, dependentes e não

dependentes, tiveram respostas similares para a maioria dos entrevistados e nos diversos níveis classificatórios, o que também pode ser constatado pelo pouco tempo que realmente ficaram sem internet. A perda de conexão provoca vários tipos de sentimentos nos entrevistados, como: estresse, ansiedade e irritabilidade. Alguns não conseguem nem imaginar como seriam suas vidas sem internet, seja por sua profissão, já que a área de TI está ligada diretamente ao mundo digital, seja pelas facilidades e ferramentas que a internet proporciona para seus usuários, como a comunicação e o contato com as pessoas mais distantes fisicamente e a facilidade na busca de informações.

Ainda como semelhanças os entrevistados conhecem e descrevem o comportamento dos dependentes de internet, mas, mesmo assim, alguns não percebem que é este o seu próprio comportamento. Em uma festa, comemoração ou evento, os entrevistados dependentes e não dependentes declaram que conseguem se desconectar e interagir, mas, se se sentirem deslocados ou entediados, utilizam-se dos benefícios da internet para se distrair.

Quanto às diferenças entre os entrevistados dependentes e não dependentes, percebe-se que a autenticidade no meio real e no meio virtual foi divergente pelos níveis classificatórios, há respostas de usuários comuns similares aos de dependentes moderados ou graves. Houve também divergência quanto à sensação quando estão desconectados, alguns se sentem estressados, outros se sentem bem e há também outros que dizem nunca ter acontecido. As atividades em tempo livre também são divergentes e bem variadas, a maioria são atividades realizadas no meio real, mas algumas podem estar relacionadas ao meio virtual e dentre as outras listadas estão atividades *on-line*.

As diferenças entre os entrevistados dependentes e não dependentes também foram relacionadas a alguns entrevistados que divergiram dos demais, como o profissional (4) que não possui celular, e-mail pessoal e nem participa de nenhuma rede social; o estudante (2) que, apesar de ser classificado como dependente grave em seus relatos, não foi constatado nenhum tipo de comportamento anormal em relação aos demais entrevistados, exceto pelo fato de ficar mais tempo que os demais em *blogs* onde perde a noção do tempo e, às vezes, navega até o primeiro

post de um *blog* que pode ter o tempo de duração de alguns meses ou anos; e o profissional (3) que foi classificado como dependente grave e possui as características bem claras e mais definidas desse nível classificatório, mais do que o estudante (2) também classificado nesse nível.

Constatou-se que certos aspectos e características de determinados usuários dependentes e não dependentes demonstram ser diferentes dos demais, como: a fixação de alguns por *blogs*, que são acessados e vistos, às vezes, incessantemente no desejo de ver todo o conteúdo postado. Há também os aficionados por jogos *on-line* que satisfazem seus desejos proibidos jogando e também o comportamento de um dependente grave que pensa e, às vezes, age como uma máquina a processar, tendo dificuldades em interagir em ambientes festivos.

Percebe-se que um dos entrevistados, ocasionalmente, prefere a internet à intimidade com sua companheira, amigos ou familiares, demonstrando que a ligação com o mundo virtual pode ser uma questão de segurança e confiança. Ressalta-se também que muitos dos entrevistados não sabem distinguir a dependência de internet puramente, quando é relacionado o lado profissional, utilizando de subterfúgios para não admitirem e alegar, às vezes, ser somente o lado profissional. Os usuários utilizam a internet como a fonte dos desejos, em que todos os impossíveis são acessíveis e o rompimento dessa conexão provoca um sentimento de perda e a sensação de enfraquecimento das forças vitais em alguns.

A entrevista possibilitou um olhar mais profundo sobre a dependência da internet e a área de TI. Proporcionou o levantamento de percepções, sentimentos e validações pelo usuário em relatos significativos. A dependência de internet aparenta ser mais um ciclo de dependência como pela TV e o rádio, mas o que parece diferenciar-se é a ágil metamorfose que a internet apresenta, fazendo com que aquele usuário que já estava se entediado de certa forma, passe a achar a nova forma da internet mais atraente e continuar a utilizá-la deliberadamente, pois com a nova forma se apresenta mais sedutora, criando um ciclo de dependência quase ininterrupto.

Diante do exposto, entende-se que o que mais diferencia os entrevistados entre dependentes e não dependentes de internet é o autocontrole diante do mundo digital

e a solidez das conexões com o mundo real que diminui o acesso com o mundo virtual. O mundo digital potencializa o que os usuários desejam. A forma como o usuário encara o mundo digital na sua vida é o que realmente o diferencia entre dependente e não dependente de internet.

Há um forte viés por se tratar de uma pesquisa puramente na área de TI, onde profissionais e estudantes tem necessidade de se conectar para realizar atividades, seja elas profissionais ou acadêmicas. Deve-se refletir também sobre a internet como uma nova forma de comunicação, principalmente entre os nativos digitais, nascidos e já ambientados em meio a essa transformação tecnológica. Outro fator a ser ressaltado é que a internet está em constante desenvolvimento, contribuindo para que o usuário passe mais tempo em seu ambiente virtual, trazendo a facilidade, mas também provocando em alguns a ânsia do excesso desmedido, aguçado pela ansiedade.

Assim, deve-se pensar mais nos hábitos e comportamentos diante do mundo digital e em como é utilizado o tempo *on-line*, se está afetando de forma negativa a vida real do usuário e o que a falta da internet está representando em sua vida. Os usuários estão ficando tão próximos e íntimos do mundo das máquinas que estão começando a pensar e agir como tal. A internet altera as funções e percepções do indivíduo e também a sua visão de mundo, essa geração de nativos digitais criados no mundo da internet não sabe que tipos de modificações terão no futuro. Um dos fatores preocupantes também é o fato de que a área de TI, criada praticamente em conjunto com a internet, traz a seus profissionais um contato maior com o mundo digital e a própria ferramenta de trabalho pode desencadear ou potencializar essa dependência de internet.

As limitações desta pesquisa se encontram nas dificuldades e fragilidades do modelo teórico que se apóia na percepção dos respondentes em relação a si próprios, apesar de Young *et al.* (2011) possuir um diagnóstico de perguntas que são utilizadas após responder o *IAT*, os pesquisados podem omitir informações importantes ao responder o questionário ou não perceber seu comportamento diante do mundo digital e talvez, pode-se até mesmo, incluir a percepção de terceiros, como as pessoas de convívio desse usuário.

Propõe-se também saber como uma ferramenta de trabalho na área de TI pode gerar dependência de internet, contribuindo para as pesquisas sobre a dependência de internet na área de TI. Sugere-se também a partir dos próprios dados da pesquisa, a realização de estudos referentes a *blogs* e jogos relacionando *workaholic* com a dependência de internet na área de TI e também o próprio aprofundamento do tema com a área de TI.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de. *et al.* **Rev Bras Psiquiatr.** 2008; 30(2): 156-67. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: Uma revisão. <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v30n2/a14v30n2.pdf>. Acesso em 15 Mar. 2012.

ADACHI, Tomi. **Comitê gestor da internet no Brasil CGI.br:** uma evolução do sistema de informação nacional moldada socialmente. 2011. 192 f. v.1. Tese - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-10102011-165732/pt-br.php>. Acessado em 07 Abril 2012.

ALMEIDA, Melissa Ribeiro de. O tempo como moeda de valor na cultura digital. **Contemporânea**, Vol. 7, No 1 (2009) UERJ http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_12/contemporanea_n12_05_melissa.pdf Acesso em: 17 Fev. 2012.

ALLPSYCH. **Distúrbios psiquiátricos:** Manual Diagnóstico e Estatístico de Mental Disorders, Fourth Edition (DSM-IV). Disponível em: <<http://allpsych.com/disorders/dsm.html>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa:** do mercado de massa para o mercado de nicho. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

ANPAD - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/>. Acesso em 12/07/2012

ARAUJO, Tereza Cristina Malveira de; ROSSI, Angela Maria Gabriella. O real, o virtual e a Internet na era da Informação. **SIGraDi 2002 - Caracas (Venezuela)** 27-29 novembro 2002, pp 28-30 <http://cumincades.scix.net/cgi-bin/works/Show?43bb> Acesso em: 17 Fev. 2012.

BALLONE, Geraldo José. **DSM. IV - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: Jogo Patológico.** Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm_janela.php?cod=114>. Acesso em: 07 jun. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2006.

BARRETO, Ana Margarida. Uma visão sobre a evolução da relação entre marcas e consumidores após a emergência da *Web 2.0*. **Revista Prisma.Com**, n. 15 (2011) <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/1088>. Acesso em: 17 Fev. 2012.

BAWA, Joanna. **Computador e Saúde:** manual do usuário. São Paulo: Summus, 1997.

BICCA, Angela Dillmann Nunes. **Os filmes de ficção científica nos ensinando a viver em uma civilização cibernética**. Tese UFRGS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24813>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

BRASSCOM - Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação. Disponível em: <http://www.brasscom.org.br/brasscom/content/view/full/1933>. Acessado em 18 Jun 2012.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em 12/07/2012.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Globo, 2011.

CASALEGNO, F. Sherry Turkle: fronteiras do real e do virtual. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3057/2335>. Acesso em: 17 Fev. 2012

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8° ed. São Paulo: Paz & Terra, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 6° ed. São Paulo: Paz & Terra, 2008. v.2.

CETIC – Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação. Disponível em: www.cetic.br. Acesso em 12/01/2012.

COLVARA, Lauren Ferreira. Tecnototemismo: identidades múltiplas e nova subjetividade. **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007. <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/195>. Acessado em 13 Nov 2011.

CORRÊA, Cynthia Harumy Watanabe. Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede. **Ciberlegenda**, Niterói, 0, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/226/122>>. Acesso em: 17 Fev. 2012.

CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWER, James H. **O poder das conexões: conceitos, leitura e interpretação**: conceitos, leitura e interpretação Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CMBH - Câmara Municipal de Belo Horizonte. **Entidades do ramo vão apresentar programa "BH 2022" a vereadores**. 17/11/2011. Disponível em: <<http://www.cmbh.mg.gov.br/noticias/2011-11/entidades-do-ramo-va0-apresentar-programa-bh-2022-veredores>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

DEMO, Pedro. “Tecnofilia” & “Tecnofobia”. B. Téc. **Senac**: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan./abr. 2009. <http://www.senac.br/BTS/351/artigo-01.pdf>. Acesso em 07 de Abril 2012.

DE SABOYA, Luiz Antonio, BORIN, Elaine Cavalcante Peixoto, MIYASHITA, Ricardo. As Empresas de Base Tecnológica e o Design. **Polêmica**, América do Norte, 10, abr. 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2980/2127>. Acesso em: 10 Jun. 2012.

GEVERTZ, Suely. **Navegar é preciso**. São Paulo, v. 32, n. 48, jun. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062009000100020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 fev. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Rodrigo; CHAVES, Marcirio; PEDRON, Cristiane. Impacto da *Web 2.0* e das avaliações on-line no apoio à gestão de pequenos e médios hotéis em Portugal: um estudo exploratório. **Anais** da 11ª Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação (CAPSI 2011). <http://repositorio-cientifico.uatlantica.pt/handle/10884/306>. Acesso em: 17 Fev. 2012.

GONÇALVES, Cláudio Oliveira; RAMOS, Djenane da Silveira Filuszteck; SANTOS, Márcio dos Sá. **Gestão do Conhecimento e Comunicação Organizacional**: Estudo da aplicação de um modelo de comunicação organizacional para disseminação do conhecimento. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009. XII, 83 p.: il.; 29,7 cm <
http://portal.crie.coppe.ufrj.br/portal/data/documents/storedDocuments/%7B93787CAE-E94C-45C7-992B-9403F6F40836%7D/%7B1F01D482-614C-4072-8AA7-5792E7FAD749%7D/RJ18_projeto%2004.pdf> Acesso em 19 Jul 2012.

GRAEML, Karin Sylvia; VOLPI, José Henrique; GRAEML, Alexandre Reis. O impacto do uso (excessivo) da Internet no comportamento social das pessoas. **Revista Psicologia Corporal** (José Henrique Volpi e Sandra Mara Volpi, Orgs.). Vol. 5, 2004. http://www.dainf.ct.utfpr.edu.br/~graeml/publica/artigos/download/VOLPI_Internet%20Comportamento.pdf. Acessado em 07 Abril 2012.

GROTH, Carlise Inês; FERRABOLI, Cynthia Raquel; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. Entre o real e o virtual: análise da sociabilidade vivenciada nos relacionamentos a distância e presenciais. **Unoesc**. Vol. 2, No 1 (2011). <editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/download/143/pdf_143> Acesso em 26 fev. 2012.

GUERRESCHI, Cesare. **New Addictions**: as novas dependências. São Paulo: Paulus, 2007.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CE0>

QFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_d
ocman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D9360%26Itemid%3D&ei=xhf3T_SXC6
Hd0QHa-
unOBg&usg=AFQjCNGoAgXwalufGp4CxUnYbh_M0QI_Eg&sig2=6uGwoNMz2OA0E
xLjY7Jpyw. Acessado em 04 de Jul 2012.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico De Filosofia**. 4. ed.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

JUNIOR, Gilson Cruz; SILVA, Erineusa Maria da. A (Ciber)cultura Corporal no
Contexto da Rede: uma leitura sobre os jogos eletrônicos do século XXI. **Revista
Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, 32, jan. 2011. Disponível em:
<[https://cbce.tempsite.ws/revista/index.php/RBCE/article/
view/637](https://cbce.tempsite.ws/revista/index.php/RBCE/article/view/637)>. Acesso em: 26 Fev. 2012.

LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita (Orgs.). **Informação e globalização na
Era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LEMOS, Igor Lins; SANTANA, Suely de Melo. Dependência de jogos eletrônicos: a
possibilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico. **Rev Psiq Clín**. 2012;39(1):28-33.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832012000100006&script=sci_arttext.
Acesso em 18 Jul 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2º ed. São Paulo: Ed. 34, 2005. 264p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da
informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

MAYER, Roberto C. **Information Week** - Desvendando os mistérios da TI.
[http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/artigos/2012-06-05-information-week-
desvendando-os-misterios-da-ti/](http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/artigos/2012-06-05-information-week-desvendando-os-misterios-da-ti/). Acessado em 4 de Jul 2012.

MAZENOTTI, Priscilla. Número de usuários de internet móvel no país quase dobra
em 2011, diz ministro. **Agência Brasil**. Disponível em:
<[http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-26/numero-de-usuarios-de-internet-
movel-no-pais-quase-dobra-em-2011-diz-ministro](http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-26/numero-de-usuarios-de-internet-movel-no-pais-quase-dobra-em-2011-diz-ministro)>. Acesso em: 13 Mar. 2012.

MENDONÇA, Carlos Camargos. **Subjetividade e tecnologia: as novas máquinas
produtoras de corpos**. BOCC- Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.
Disponível em: [http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=mend
onca-carlos-produtoras-corpos.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=mendonca-carlos-produtoras-corpos.html)>. Acesso em: 16 jan. 2012.

MIB. **Pesquisa sobre Instituições de Ensino em Tecnologia da Informação**. 2010
[http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/relatorios/2010-01-pesquisa-sobre-instituicoes-
ensino-tecnologia-informacao/](http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/relatorios/2010-01-pesquisa-sobre-instituicoes-ensino-tecnologia-informacao/). Acesso em 4 Jul 2012.

MICKLETHWAIT, John; WOOLDRIDGE, Adrian. **O futuro perfeito: os desafios e as
armadilhas da globalização**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MOLINA, Suely Fernandes. **Ciborgue: a mente estendida de Andy Clark**. 2003. 125
f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pósgraduação da CAPES,

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007. Disponível UFsCar. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=118939>. Acesso em: 01 dez. 2011.

MORAES, Dênis de. A vida na era da saturação midiática. **Ciberlegenda**, Niterói, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/271>>. Acesso em: 26 Fev. 2012.

NICKEL, Barbara. **Faces do eu ciborgue**: elementos para o estudo do imaginário tecnológico contemporâneo em Mitchell, Warwick, Mann e Chorost. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007. Disponível em: <<http://www.openthesis.org/documents/Faces-do-eu-ciborgue-elementos-308622.html>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

PDTI - PLANO DIRETOR DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO. **Belo Horizonte é a Capital da Tecnologia da Informação**. 24/07/2010, Ano XVI - Edição N.: 3631. Disponível em: <<http://pdti.pbh.gov.br/?q=BH%20capital%20da%20tecnologia%20da%20informa%C3%A7ao>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

PIROCCA, Caroline. **Dependência de internet, definição e tratamentos**: revisão sistemática de literatura. 2012. 39 f. Monografia - Programa de Especialização em Terapia cognitiva e comportamental, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40120>>. Acesso em: 20 Jul. 2012.

PEREIRA, Eliete da Silva. **CIBORGUES INDÍGEN@S.BR: ENTRE A ATUAÇÃO NATIVA NO CIBERESPAÇO E AS (RE)ELABORAÇÕES ÉTNICAS INDÍGENAS DIGITAIS**. Dissertação USP. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Eliete%20Pereira.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

RAZZOUK, Denise. Dependência de Internet: uma nova categoria diagnóstica?. **Psychiatry On-Line Brasil**, 1998. <<http://www.priory.com/psych/dpnet.htm>> Acesso em: 07 de Abril de 2012.

SANTOS, Aline Rodrigues. **Uso de internet no Brasil**: uma análise baseada na Teoria de Resposta ao Item (TRI). 27 Fev. 2012. FGV. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9503>. Acesso em: 07 de Abril 2012.

SARAIVA, L., CABRAL, A.. A Internet que nos protege. **Ciberlegenda**, Niterói, 0, fev. 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/350>. Acesso em: 17 Fev. 2012.

SCIELO – Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica em Linha). Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php>. Acesso em 12/07/2012.

SILVA, Fábio Fernandes da. **A construção do imaginário ciborgue**: O pós humano na ficção científica de Frankenstein ao século XXI. 2003. 197 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pósgraduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www.academicoo.com/tese-dissertacao/a-construcao-do-imaginario-ciborgue-o-pos-humano-na-ficcao-cientifica-de-frankenstein-ao-seculo-xxi>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

SOARES, Maria Goretti Pedroso. **A mulher na sociedade da comunicação ciberdigital**. 2003. 125 f. Tese (Mestrado em Comunicação e Artes) – Programa de Pósgraduação da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-19112010-112519/pt-br.php>>. Acesso em: 02 dez. 2011.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais**: estratégias de marketing digital para você e sua empresa terem sucesso nas mídias sociais: cases. 2.ed. São Paulo: M Books, 2011.

TORRES, Claudio. **A bíblia do marketing digital**: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

TURETA, César; TONELLI, Maria Jose. O Gerente-Ciborgue nas Organizações: Metáforas do Trabalhador “Pós-Humano”. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2008. 1 on-line.

UGARTE, Maria Cecilia Donaldson. **Homo-motor, ciborgues e... aha! pessoas**: da revolução industrial a revolução da informação. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pósgraduação em Educação Física, UNICAMP, Campinas, São Paulo. 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000348673>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WARREN, Nicolas de. Consciência virtual e imaginário. **scientiæ zudia**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 639-52, 2009. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662009000400006&script=sci_arttext. Acesso em: 17 Fev. 2012.

YOUNG, Kimberly S. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder. ***CyberPsychology and Behavior***, Vol. 1 No. 3., pages 237-244, 1996.
<http://www.netaddiction.com/articles/newdisorder.pdf>. Acesso em 15 Mar. 2012.

YOUNG, Kimberly S. Treatment Outcomes with Internet Addicts. ***CyberPsychology & Behavior***, 2007, Vol. 10, No. 5; pp. 671-679.
<http://www.netaddiction.com/articles/Treatment.pdf>. Acesso em 15 Mar. 2012.

YOUNG, Kimberly S.; *et al.* **Dependência de Internet**: manual e guia de avaliação de tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2011.

YOUNG, Kimberly S. Compulsive Surfing. **Netaddiction.com**, 15 março 2012.
Disponível em:
http://www.netaddiction.com/index.php?option=com_content&view=article&id=62&Itemid=85. Acessado em 18 Jun 2012.

APÊNDICE

Apêndice A - Roteiro do Questionário

Este questionário faz parte de uma Pesquisa do Mestrado em Administração da Faculdade Novos Horizontes, com fins exclusivamente acadêmicos.

Sou aluna do Mestrado Acadêmico em Administração desta Faculdade, meu nome é Isabel Cristina Torres Pedrosa, estou desenvolvendo uma Dissertação com o tema: “DEPENDÊNCIA DE INTERNET: um estudo com estudantes e profissionais da área de TI em Belo Horizonte”.

Sua participação é imprescindível para concretizar a pesquisa e viabilizar minha dissertação. Desde já, agradeço a sua disponibilidade em colaborar para a pesquisa e possibilitar acréscimos ao estudo de dependência de internet. Cabe lembrar que está garantido sigilo absoluto da participação, identificação dos respondentes e no tratamento das informações remetidas. As instruções gerais constam a seguir:

- a) Dados demográficos;
- b) Perguntas sobre o cotidiano na internet;

O tempo previsto para o preenchimento deste questionário é de aproximadamente até 10 minutos.

Idade

- Abaixo de 18 anos
- Entre 18 a 22 anos
- Entre 22 a 26 anos
- Entre 26 a 30 anos
- Entre 30 a 34 anos
- Entre 34 a 38 anos
- Entre 38 a 42 anos
- Entre 42 a 46 anos
- Entre 46 a 50 anos
- Entre 50 a 55 anos
- Entre 55 a 60 anos
- Acima de 60 anos

Sexo

- Masculino
- Feminino

Estado Civil

Solteiro(a)
Casado(a)
Companheiro(a)
Separado(a) ou Divorciado(a)
Viúvo(a)

Tem filhos?

Não tenho filhos
1 filho
2 filhos
3 filhos
4 filhos
5 filhos
Acima de 5 filhos

Quantas pessoas moram com você?

Moro sozinho
1 pessoa
2 pessoas
3 pessoas
4 pessoas
Acima de 4 pessoas

Qual sua escolaridade?

Fundamental
Médio
Graduação
Pós-Graduação
Mestrado
Doutorado

Você trabalha?

Sim
Não

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

A sua empresa é de qual setor:

Automobilístico
Alimentício
Bancário
Comércio em geral
Educativo
Tecnologia de informação
Outro:

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Em qual setor da empresa você trabalha?

Área administrativa
Área de Comunicação e Marketing
Área de Tecnologia da Informação
Área Jurídica
Área de vendas/Comercial
Área Financeira
Outro:

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Qual é o seu cargo?

Diretor
Gerente
Supervisor
Auxiliar
Técnico
Estagiário

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Quanto tempo (em anos) você trabalha na sua função atual?

Menos de 1 ano
Entre 1 e 4 anos
Entre 4 e 7 anos
Entre 7 e 10 anos
Mais de 10 anos

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Você trabalha diretamente com computador?

Sim
Não

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Quanto tempo trabalha diretamente com computador utilizando a internet?

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 4 anos
- Entre 4 e 7 anos
- Entre 7 e 10 anos
- Mais de 10 anos

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Quantas horas por dia são dedicadas ao uso da Internet para uso profissional?

- Não utilizo
- Abaixo de 1 hora
- Entre 2 a 4 horas
- Entre 4 a 6 horas
- Entre 6 a 8 horas
- Entre 8 a 10 horas
- Acima de 10

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Quanto tempo por dia é dedicado ao e-mail profissional?

- Não utilizo
- Abaixo de 1 hora
- Entre 2 a 4 horas
- Entre 4 a 6 horas
- Entre 6 a 8 horas
- Entre 8 a 10 horas
- Acima de 10

Se a pergunta anterior for afirmativa, responda as questões a seguir:

Quantos endereços de e-mail profissional você tem?

- Não tenho e-mail profissional
- 1 e-mail
- 2 e-mails
- 3 e-mails
- 4 e-mails
- 5 e-mails
- Mais de 5 e-mails

Por quantas horas você utiliza diariamente a internet para uso pessoal (lazer, consultas, entretenimento, outros)?

Não utilizo
Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana
Abaixo de 1 hora
Entre 2 a 4 horas
Entre 4 a 6 horas
Entre 6 a 8 horas
Entre 8 a 10 horas
Acima de 10

Por qual tipo de tecnologia você mais acessa a internet?

Computador de mesa (tradicional)
Notebook
Celular
Tablet
Outro:

Quantos endereços de e-mail pessoal você tem?

Não tenho e-mail pessoal
1 e-mail
2 e-mails
3 e-mails
4 e-mails
5 e-mails
Mais de 5 e-mails

Quanto tempo por dia é dedicado ao e-mail pessoal?

Não utilizo
Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana
Abaixo de 1 hora
Entre 2 a 4 horas
Entre 4 a 6 horas
Entre 6 a 8 horas
Entre 8 a 10 horas
Acima de 10

Quantos serviços de mensagem de texto e/ou chat você utiliza (ex: celular, Skype, Msn, Google talk, outros)?

Não utilizo
1

- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- Mais de 6

Você possui celular com internet móvel (smartphones)?

- Sim
- Não

Quantos celulares com acesso a internet (Smartphone) você tem?

- Nenhum
- 1 smartphone
- 2 smartphones
- 3 smartphones
- Mais de 3 smartphones

Quanto tempo por dia é dedicado aos aplicativos de celular (Smartphone) e tablet?

- Não utilizo
- Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana
- Abaixo de 1 hora
- Entre 2 a 4 horas
- Entre 4 a 6 horas
- Entre 6 a 8 horas
- Entre 8 a 10 horas
- Acima de 10

Quanto tempo por dia é dedicado a jogos na internet que você joga sozinho?

- Não utilizo
- Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana
- Abaixo de 1 hora
- Entre 2 a 4 horas
- Entre 4 a 6 horas
- Entre 6 a 8 horas
- Entre 8 a 10 horas
- Acima de 10

Quanto tempo por dia é dedicado a jogos na internet em que você interage com mais pessoas?

Não utilizo

Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana

Abaixo de 1 hora

Entre 2 a 4 horas

Entre 4 a 6 horas

Entre 6 a 8 horas

Entre 8 a 10 horas

Acima de 10

De quantos jogos que utilizam avatar (jogo de interpretação de personagem, personagens semelhantes a você ou que você cria) você participa?

Não utilizo

Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana

Abaixo de 1 hora

Entre 2 a 4 horas

Entre 4 a 6 horas

Entre 6 a 8 horas

Entre 8 a 10 horas

Acima de 10

Quanto tempo por dia é dedicado *blogs*?

Não utilizo

Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana

Abaixo de 1 hora

Entre 2 a 4 horas

Entre 4 a 6 horas

Entre 6 a 8 horas

Entre 8 a 10 horas

Acima de 10

Quantos *blogs* você escreve ou comenta com frequência?

Não utilizo

1 blog

2 blogs

3 blogs

4 blogs

5 blogs
Mais de 5 blogs

Quanto tempo por dia é dedicado as redes sociais on-line?

Não utilizo
Não utilizo diariamente apenas algumas vezes na semana
Abaixo de 1 hora
Entre 2 a 4 horas
Entre 4 a 6 horas
Entre 6 a 8 horas
Entre 8 a 10 horas
Acima de 10

De quantas redes sociais on-line você faz parte?

- Não utilizo
 - Orkut
 - Facebook
 - Twitter
 - Google+
 - Formspring
 - Foursquare
 - LinkedIn
 - Youtube
 - Flickr
 - Fotolog
 - Picasa
 - Instagram
 - Pinterest
 - Aplicativos de celular
- Outro:

Com que frequência você descobre que ficou conectado mais tempo do que pretendia?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você negligencia as tarefas domésticas, profissionais ou estudantis para passar mais tempo conectado?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a), amigo(a), familiares?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você estabelece novos relacionamentos com outros usuários da rede?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência as pessoas que fazem parte da sua vida se queixam da quantidade de tempo que você passa on-line?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência suas notas, tarefas escolares ou tarefas profissionais sofrem devido ao tempo que passa conectado?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você verifica seus e-mails antes de alguma outra coisa que precisa fazer?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência seu desempenho ou produtividade no trabalho sofre por causa da Internet?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você se defende ou matém segredo quando alguém lhe pergunta o que faz na internet?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida substituindo-os por pensamento tranquilizadores sobre a Internet?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você se percebe antecipando o momento em que estará conectado novamente?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você acha que a vida sem internet seria chata, vazia e sem alegria?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você explode, grita ou fica irritado(a) quando alguém o importuna enquanto está conectado?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você perde horas de sono por ficar conectado até muito tarde à noite?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você se preocupa com a internet quando está desconectado ou fantasia que está conectado?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você se descobre dizendo "só mais alguns minutos" quando está conectado?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você tenta diminuir a quantidade de tempo que passa conectado e não consegue?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você tenta esconder quanto tempo ficou conectado?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você escolhe passar mais tempo conectado em vez de sair com as outras pessoas?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando está desconectado e isso desaparece quando volta a se conectar?

Não aplicável
Raramente
Ocasionalmente
Frequentemente
Geralmente
Sempre

Você conversa com pessoas na internet da mesma forma que conversa fisicamente?

Sim
Não

Você conhece pessoas que participam da sua rede social on-line que, quando encontra fisicamente, não cumprimenta nem conversa?

Sim
Não

Você conhece pessoas que são “travadas” no mundo real e extrovertidas no mundo virtual ou ao contrário?

Sim
Não

Para a conclusão da pesquisa, é de grande importância a realização de entrevistas, que irão conter perguntas mais específicas relacionadas à dependência de internet. Você estaria disponível para uma entrevista, se necessário, para aprofundarmos essas questões?

Sim
Não

Se a pergunta anterior for afirmativa:

Nome:

Email ou telefone para contato:

Apêndice B - Roteiro de Entrevista

1. Como começou seu contato com a internet?
2. Como é seu dia a dia sem internet ou isso não acontece, ela está sempre presente? Qual a sua rotina diária?
3. O que você faz quando está de folga, com tempo livre?
4. Qual aparelho tecnológico você mais utiliza para se conectar na internet?
5. O que você mais utiliza na internet: redes sociais, e-mail, jogos, textos digitais, outros; tente quantificar em porcentagem como é utilizado o seu tempo e as atividades diariamente na internet (ex: profissionais, lazer, pessoais, relacionamento, etc.)
6. O que mais te agrada e te mantém na internet?
7. Em média, por quanto tempo diariamente você fica conectado?
8. Quando você entra na internet, você perde a noção do tempo?
9. Você já virou a noite na internet?
10. Qual o maior tempo que você já passou conectado?
11. Qual o período mais longo sem utilizar a internet?
12. Conte algum acontecimento em que passar muito tempo na internet trouxe pra você algum aborrecimento ou algum prejuízo?
13. Você percebe que abusou do tempo na internet? E como percebe?
14. Como você acha que seria a sua vida sem internet?
15. Quando a internet fica lenta ou “sai fora do ar”, como você se sente?
16. Você sente falta da internet? Em que momento? Com que frequência isso ocorre?
17. Quando você está em uma festa, comemoração ou evento, você consegue se desconectar da internet e interagir com as pessoas ao redor? Já aconteceu nessas circunstâncias de você se sentir deslocado e acabar utilizando a internet para se distrair?
18. As pessoas ao seu redor se queixam do seu comportamento por estar conectado?
19. Alguém controla seu tempo na internet e implica quando fica muito tempo?
20. Você faz alguma pausa quando está na internet ou você acha que a sua dedicação à internet prejudica um pouco sua alimentação, saúde, sono?

21. Quando você viaja ou vai para algum lugar sem conexão, como você se sente?
22. Você se preocupa com o que está perdendo na internet quando não está conectado? Que tipo de sentimento é esse?
23. Qual a sensação que você tem quando está desconectado? Você fica pensando quando e como será ao conectar novamente, nas coisas que tem que fazer ou pode fazer on-line?
24. O que você sente ao ter que se desconectar quando você quer ficar mais tempo on-line? E o que acontece na maioria das vezes você fica mais um pouco ou realmente sai?
25. Qual seu sentimento ao compartilhar algo on-line?
26. Relate coisas que você faz apenas na internet, coisas que você faz no mundo real que não pode fazer no mundo virtual, e vice versa?
27. O que você sente no mundo digital que sente apenas lá?
28. O que te agrada na internet que você não tem na sua realidade?
29. Como é sua rede de contatos virtual e sua rede de contatos real? Qual é a maior?
30. Como você se relaciona na internet, é mais fácil se relacionar quando se está desconectado ou conectado?
31. A pessoa que você se relaciona no meio virtual, também tem contato e amizade no meio real?
32. Você acha que você é a mesma pessoa no virtual é no real ou você esconde algumas coisas?
33. Você acha que na internet é mais fácil fugir de aborrecimentos, chateações por ninguém te vê?
34. Você já utilizou a internet para aliviar algum sentimento ou algum tipo de aborrecimento?
35. Para você, o que é dependência de internet?
36. Como você acha que é um comportamento de uma pessoa dependente?
37. Como você acha que é um comportamento de um usuário comum, não dependente?
38. Você se considera dependente de internet?
39. Você quer saber o resultado do seu teste?
40. Como você se sente em relação a esse resultado?